

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF

INSTITUTO DE HISTÓRIA – IHT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

NEREIDA – NÚCLEO DE ESTUDOS DE REPRESENTAÇÕES E DE IMAGENS DA
ANTIGUIDADE

MARIA HELENA ABRANTES PITTA

***Ostia Antica: urbanização, navegação marítima e
representações musivas na Praça das Corporações de Ofícios
(I – II séculos d. C.)***

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P688o Pitta, Maria Helena Abrantes
Ostia Antica : : urbanização, navegação marítima e
representações musicais na Praça das Corporações de Ofícios
(I II séculos d. C.) / Maria Helena Abrantes Pitta ;
Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, orientador. Niterói, 2019.
183 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.43437990772>

1. Roma Antiga. 2. Ofícios. 3. Navegação. 4.
Urbanização. 5. Produção intelectual. I. Lima, Alexandre
Carneiro Cerqueira, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

MARIA HELENA ABRANTES PITTA

***Ostia Antica*: urbanização, navegação marítima e
representações musivas na Praça das Corporações de Ofícios
(I – II séculos d. C.)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima.

Niterói

2019

MARIA HELENA ABRANTES PITTA

Ostia Antica: urbanização, navegação marítima e representações musivas na Praça das Corporações de Ofícios (I – II séculos d. C.)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima - UFF (Orientador)

Prof^a. Dra. Adriene Baron Tacla (UFF)

Prof^a. Dra. Maria Do Carmo Parente Santos (UERJ)

Prof^a. Dra. Esther Kuperman (Colégio Pedro II/ PProfHistória)

Prof. Dr. Fabio de Souza Lessa (UFRJ)

Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes (Suplente – UFF)

Niterói

2019

Resumo

Esta tese tem como objetivo analisar as relações da prática do comércio marítimo do Mediterrâneo Antigo, através do estudo da cidade de Ostia Antica, considerado o porto mais importante da história romana no Alto Império. Analisando o desenvolvimento urbanístico da cidade diretamente vinculado ao nível de complexidade ligado às práticas de comércio, resolvemos fazer um recorte espacial concentrando nossa pesquisa na Praça das Corporações, entendendo que os mosaicos decorativos deste lugar, com representações imagéticas de navios, divindades marinhas, produtos advindos das províncias, trabalhadores do porto e inscrições de associações de ofícios locais e estrangeiras, produzem um vasto material informativo relativo a esta atividades, servindo de fonte prioritária, capaz de elucidar um dos aspectos mais importantes das atividades econômicas do cotidiano da cidade.

Palavras-chave: Ostia Antica, comércio marítimo, Praça das Corporações

Abstract

This thesis aims to analyze the relations of the practice of the maritime trade of the Ancient Mediterranean, through the study of the city of Ostia Antica, considered the most important port of Roman history in the Upper Empire. Analyzing the urban development of the city directly connected to the level of complexity linked to trade practices, we decided to make a space cut by concentrating our research in the Corporations Square, understanding that the decorative mosaics of this place, with imagery representations of ships, marine deities, provinces, port workers and inscriptions of local and foreign trade associations, produce a vast amount of information related to these activities, serving as a priority source, capable of elucidating one of the most important aspects of the economic activities of the daily life of the city.

Keywords: Ostia Antica, maritime trade, Corporations Square

***Aos meus pais
(In memoriam)***

Sumário

Ostia Antica: urbanização, navegação marítima e representações musivas na Praça das Corporações de Ofícios (I – II séculos d. C.)

Agradecimentos	p. 9
I – Introdução	p.11
II – Capítulo 1	
<i>História e Espacialidades de Ostia</i>	p. 16
1.1 – Ostia: da realeza ao Alto Império	p. 18
1.2 – Ostia e a diretriz urbana no alto império.	p. 22
1.3 – A praça das Corporações.	p. 29
1.4 – Os armazéns (<i>Horrea</i>)	p. 35
1.5 – Tipologia de pequenas horreas para armazenamento e abastecimento local.	p. 42
III – Capítulo 2	
<i>Os grupos sociais e as corporações de Ofício em Ostia</i>	p. 46
2.1 – Os grupos dirigentes	p. 46
2.2 - Administração imperial do comércio	p. 49
2.3 - O transporte e o carregamento das mercadorias	p. 52

Sumário

Ostia Antica: urbanização, navegação marítima e representações musivas na Praça das Corporações de Ofícios (I – II séculos d. C.)

2.4 – As associações de ofícios	p. 56
2.5 – As sedes das associações	p. 74
2.6 – Os cultos colegiais	p. 77
2.7 – O artesanato urbano ostiense	p. 80
2.8 – A população humilde de Ostia e suas atividades	p. 85

IV – Capítulo 3

<i>Signos e representações nos mosaicos da Praça das Corporações de Ofícios de Ostia</i>	p. 96
---	-------

V – Conclusão	p. 109
----------------------	--------

VI – Bibliografia	p. 112
--------------------------	--------

VII – Anexos	p. 117
---------------------	--------

VIII – Catálogo de mosaicos da Praça das Corporações de Ofício em <i>Ostia Antica</i>	p. 120
--	--------

Agradecimentos

Não poderia terminar este trabalho sem citar algumas pessoas e centros de pesquisa que foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão da investigação.

À Professora Maria Christina Caldas, responsável pela disciplina de História Antiga no curso de graduação de História da Universidade Gama Filho, por ter sido a primeira a me incentivar a continuar fazendo pesquisa após o término da faculdade.

Ao Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ tendo à frente as Professoras Doutoras Neyde Theml e Norma Musco Mendes. Em cujo Doutorado ingressei para iniciar minha pesquisa sobre Ostia Antica, mas que infelizmente não consegui concluir.

À École Française de Rome onde pude fazer estágio na biblioteca deste importante centro de pesquisa, reunindo material relevante para o desenvolvimento do meu trabalho.

À Soprintendenza Archeologica di Ostia Antica, cujo contato direto com os vestígios arqueológicos desta cidade e a possibilidade de visualizar os magníficos mosaicos da Praça das Corporações, possibilitaram uma viagem no tempo e no espaço, criando uma atmosfera mágica, real e inspiradora sem a qual nenhuma imaginação poderia recriar.

À banca examinadora composta pelos Professores Doutores Fabio de Souza Lessa (UFRJ), Adriene Baron Tacla (UFF), Maria do Carmo Parente Santos (UERJ) e Esther Kuperman (PROFHISTÓRIA e Colégio Pedro II), cuja competência profissional deve ser ressaltada, assim como a gentileza de analisar o meu trabalho.

Ao meu orientador, amigo e “irmão” de coração Professor Doutor Alexandre Carneiro Cerqueira Lima que me acolheu de braços abertos junto ao Nereida, me tirando do “ostracismo”, acreditando em mim quando eu já não tinha mais nenhuma possibilidade de concluir um trabalho interrompido alguns anos atrás. Competente na sua orientação, incansável no seu apoio nos vários momentos em que pensei em

desistir, insistente em acreditar no meu potencial em desenvolver e concluir essa pesquisa. A excelência de um profissional não se mede apenas pela competência acadêmica, mas também pelo desenvolvimento de uma sensibilidade humana capaz de incentivar pessoas quando elas já não mais acreditam nelas mesmas. Jamais conseguiria chegar até aqui sem essa preciosa ajuda. Minha eterna gratidão, amizade e reconhecimento pelo extraordinário ser humano que você é.

Agradeço a todos e todas que acompanharam a minha trajetória no LHIA/UFRJ e no NEREIDA/UFF.

I – INTRODUÇÃO

A tendência historiográfica entre 1930 e 1960 implicou estudar as cidades romanas na antiguidade sob seu aspecto arquitetônico descritivo, ignorando na maioria das vezes o significado e a função dos edifícios públicos. Era muito mais um urbanismo detalhista, técnico, utilizando-se de uma retórica abstrata e positivista, centrada na análise dos aspectos meramente físicos dos monumentos e marcos espaciais. O objetivo principal era a exaltação da grandiosidade de sua arquitetura monumental e do legado deixado pelos romanos para as técnicas construtivas ocidentais.

Nossa problemática de pesquisa parte do pressuposto elaborado pelos estudos sobre o urbanismo que leva em conta não só o aspecto físico das cidades, mas também o entendimento das práticas sociais desenvolvidas nesses espaços urbanos. Aldo Rossi¹ ao refletir sobre esse aspecto escreveu indagando porque não se analisou a arquitetura por esse seu valor mais profundo, de coisa humana que forma a realidade. Mas foi principalmente Kevin Lynch quem representou melhor esse novo olhar sobre a cidade.² Para ele, o urbanismo deve ser entendido como um símbolo poderoso de uma sociedade complexa, pois representa uma estrutura física, viva, integral e desempenha um papel social.

Cícero, em sua obra *Da República*, ressaltava a posição privilegiada e estratégica da cidade de Roma sem saída direta para o mar. A capital do Império estaria imune de toda a ‘contaminação’ proporcionada pelo contato com os comerciantes estrangeiros. Segundo o orador romano: “*São também frequentes, nas cidades marítimas, a mudança e a corrupção dos costumes, pois os idiomas e comércios estranhos não importam unicamente mercadorias e palavras, mas também*

¹ ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

² LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa, Edições 70, 1989.

costumes, que tiram estabilidade às instituições dessas cidades.” (Cícero. Da República, II, 4)

Não se pode negar a importância vital de Roma para a História da Antiguidade. Desde a sua fundação, catalisou para si as diretrizes políticas, econômicas, administrativas e culturais mais significativas, mantendo-se como centro do poder no apogeu da época imperial. Estrategicamente localizada longe do litoral por uma questão de segurança, com o domínio romano sobre a parte ocidental e oriental do mar Mediterrâneo, teve como consequência imediata a criação e consolidação de novas rotas de comércio convergentes para Roma. O crescimento da circulação de produtos e pessoas em direção ao novo eixo econômico mundial, exigiu a criação de novas estruturas espaciais, que pudessem dar apoio de forma satisfatória a esta crescente economia marítima. Ostia aparece neste novo contexto adaptada a uma realidade recente e inovadora, capaz de dar suporte em relação ao crescente fluxo de chegada de mercadorias das províncias distantes, articulada às necessidades de abastecimento de um vasto império recém-criado. Por já estar no litoral, toda uma infra-estrutura portuária teve que ser criada para dar suporte a esta atividade mercantil específica.

Baseados em uma ótica inovadora relativa ao estudo das cidades no Mediterrâneo Antigo, pretendemos compreender o crescimento urbano do porto-cidade de Ostia de forma ‘conectada’ com o sistema de domínio imperial romano e com o crescimento da economia romana no decorrer do Alto Império. De acordo com Yves Roman, a partir da expansão romana, em especial no contexto de guerras púnicas, Roma irá criar uma teia de contatos e de comunicação na Itália, por meio das estradas. E no Mediterrâneo a navegação proporcionará uma conectividade entre Ostia-Roma e as províncias promovendo, segundo Yves Roman, a “história de uma primeira mundialização”.³

³ ROMAN, Yves. *Rome, de Romulus à Constantin: histoire d’une première mondialisation*. Paris: Payot, 2016, p. 9 e p. 83.

Ostia se insere nesse contexto de integração política e econômica no Alto Império a partir do momento em que tem uma função estratégica como catalisadora dos produtos oriundos das áreas conquistadas. O urbanismo se desenvolve no mesmo ritmo imposto pelo crescimento das atividades artesanais e mercantis, determinando que a cidade comporte um número muito grande de edifícios públicos construídos com a finalidade de atender a essas práticas sociais. O impacto do progresso comercial se faz sentir na expansão urbana, determinando que o espaço social comporte cada vez mais entrepostos comerciais, instalações portuárias, armazéns, sedes de corporações de ofícios e praças específicas para atividades mercantis.⁴

A maioria da população ostiense está diretamente ligada às práticas comerciais, quer seja a plebe urbana composta de artesãos e trabalhadores navais, quer seja a aristocracia local, composta por cidadãos que enriqueceram com grandes negociações. Não se nota, em todo o império, um porto mais importante que Ostia, símbolo de enriquecimento e complexidade social. Na sua arquitetura monumental, coberta de edifícios públicos destinados aos comerciantes e artesãos, a Praça das Corporações se destaca não só por ser um espaço exclusivo para atender aos cerca de setenta representantes comerciais que nela trabalhavam, como também por representar materialmente o alto nível de desenvolvimento alcançado pelo artesanato e pelo comércio dessa cidade.⁵

Partindo do pressuposto de que a cidade de Ostia e a Praça das Corporações servem como indicativos reveladores da importância das práticas comerciais e artesanais articuladas à experiência de “mundialização” romana, resolvemos direcionar nossa pesquisa no sentido de constatar nessa cidade uma relação direta entre as atividades comerciais e sua cultura por meio das representações pictóricas dos mosaicos nos pisos dos *staios* da Praça das Corporações de Ofício. O nosso objetivo principal da Tese é, portanto, decodificar os signos que compõem os

⁴ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986, *passim*.

⁵ PAVOLINI, C. *La Vita Cotidiana a Ostia*. Roma – Bari: Laterza, 1996, *passim*.

mosaicos da Praça e relacioná-los às atividades marítimas praticadas pelos comerciantes no Mar Mediterrâneo durante o Alto Império.

Para isso, analisaremos o urbanismo de Ostia e as representações pictóricas da Praça das Corporações por meio da seguinte documentação:

1. “De architettura”- Marco Lúcio Vitruvius, tratado de arquitetura que passa em revista os modelos arquitetônicos básicos utilizados em construções de cidades romanas. Trata de técnicas construtivas, materiais utilizados nas edificações, especificação e utilização posterior dos edifícios públicos e privados.

2. *Corpus Inscriptionum Latinarum* - volume XIV e XV - compilação de inscrições epigráficas públicas e privadas de Ostia.

3. Fausto Zévi Ostia, Piazzale delle Corporazioni. Roma Notizie degli Scavi, Vol. XXXII, 1978.

4 – Documentação sobre os mosaicos encontra-se nas seguintes publicações: Fausto Zévi Ostia, Piazzale delle Corporazioni. Roma. Notizie degli Scavi, Vol. XXIV, 1970; Scavi di Ostia I – Topografia Generale. Roma: Soprintendenza agli Scavi di Ostia Antica, 1996; Anna Galina Zevi. Roman Ostia Revisited. Rome: British School at Rome – Soprintendenza agli Scavi di Ostia Antica, 1996. Além do site organizado por Giovanni Becatti: <http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp.htm>

Como o nosso foco principal consiste em analisar e decodificar os signos representados nos mosaicos da Praça, seguimos a orientação de Roland Barthes e elaboramos um catálogo reunindo todos os mosaicos nos pisos dos statios.⁶ De acordo com Barthes, o pesquisador deve seguir algumas etapas em sua pesquisa, a saber: 1 – reunir as imagens e cataloga-las; 2 – descrevê-las, ou seja, passar os signos pictóricos para um conteúdo narrativo (texto); 3 – a análise propriamente dita dos signos.

Dividimos a Tese em três capítulos. O primeiro trata justamente da trajetória urbanística do porto-cidade de Ostia desde a sua fundação até o período de ampliação

⁶ BARTHES, R. *O Sistema da Moda*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979.

dos portos com Claudio e Trajano (séculos VIII a. C. – II d. C.). Nesse capítulo buscaremos evidenciar os principais marcos arquitetônicos erigidos ao longo da história urbana da cidade. O segundo capítulo estudará os ofícios e atividades exercidos pelos comerciantes, artesãos e habitantes (elites e camadas humildes) em de Ostia. O terceiro e último capítulo analisará todos os 43 mosaicos encontrados nos pisos dos *staios* da Praça das Corporações de Ostia.

As hipóteses que nortearão o trabalho são as seguintes:

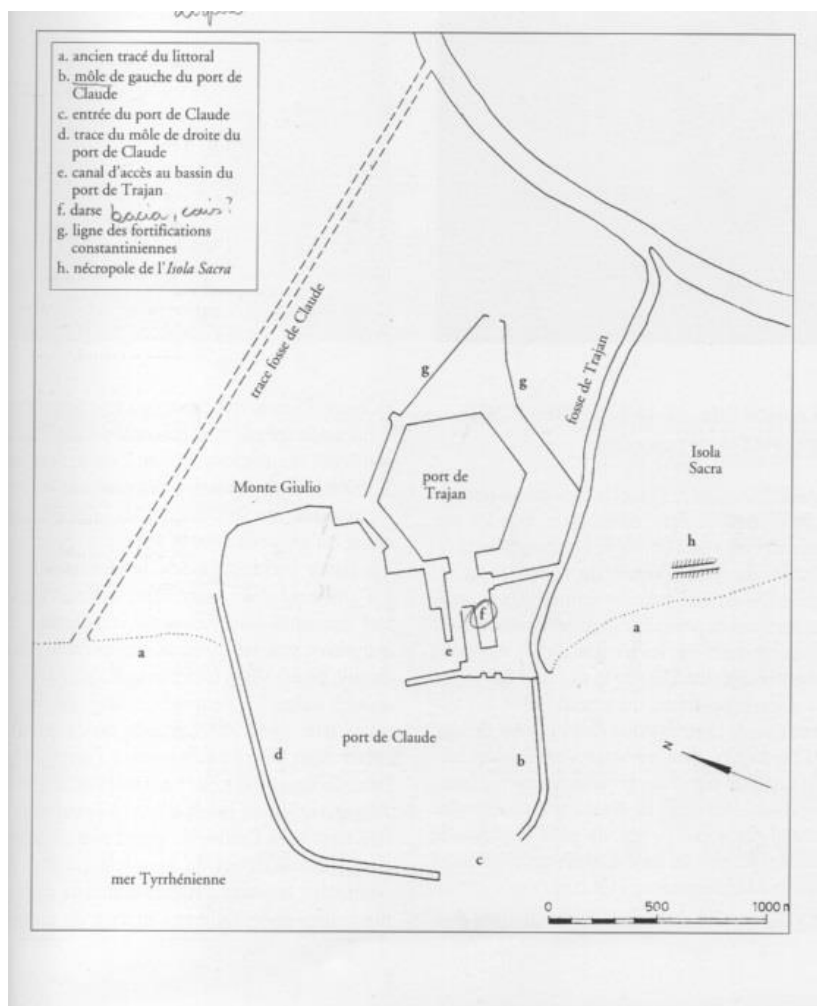
1 – A Praça das Corporações de Ofício em Ostia durante o Alto Império representa um espaço de convívio entre artesãos e comerciantes oriundos de um Mar Mediterrâneo ‘conectado’, explicitando, portanto, uma experiência de “mundialização”.

2 – Os signos representados nos mosaicos na Praça das Corporações de Ofício, em Ostia, reforçam as noções de comércio, de navegação, de conectividade entre as províncias do Império Romano e de contatos com as culturas dispersas no “*Mare Nostrum*”.

II – CAPÍTULO 1: História e Espacialidades de Ostia

O primeiro capítulo do trabalho tem como objetivo apresentar os principais marcos arquitetônicos erigidos na cidade de Ostia, desde sua fundação, até as importantes obras de Claudio e de Trajano.⁷ Para tal, dividimos o capítulo em cinco ítems com o intuito de identificar as espacialidades e as atividades desenvolvidas na paisagem urbana de Ostia. Entendemos que os principais marcos arquitetônicos para a nossa pesquisa, além do complexo portuário, são a Praça das Corporações, as sedes de corporações de ofícios e as *Horreas*.

Figura 1 – Complexo portuário de Claudio e Trajano⁸



⁷ As grandes obras realizadas pelos dois imperadores, os portos denominados Claudio e Trajano respectivamente (complexo portuário de Óstia).

⁸ Planta reconstitutiva dos portos de Claudio e Trajano em Ostia. Cf. POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité*. Aix-en-Provence: Édisud, 1997, p. 133.

Na sua arquitetura monumental, coberta de edifícios públicos destinados aos comerciantes, a Praça das Corporações se destacava não só por ser um espaço exclusivo para receber cerca de setenta representantes comerciais das cidades e províncias romanas que nela trabalhavam, como também por representar materialmente o alto nível de desenvolvimento alcançado pelo comércio marítimo da cidade.

Partindo do pressuposto de que a cidade de Ostia e a Praça das Corporações podem ser consideradas como indicativos reveladores das práticas comerciais, marítimas articuladas ao sistema de integração imperial romano, resolvemos direcionar nossa pesquisa no sentido de encontrar os diversos tipos de relações entre atividade comercial/marítimo, o urbanismo, a memória coletiva e a imagem que se construía da cidade.

Os autores antigos escreveram a história de Ostia e reforçaram a mensagem de crescimento destacando a sua transformação de um estratégico acampamento militar, na época da Realeza, em uma grande cidade/porto de Roma. Ostia foi fundada na época da realeza por *Anco Márcio* para servir de colônia militar contra piratas estrangeiros. Durante a República tornou-se base naval para a marinha de guerra ao longo da luta contra Cartago e, no Império, transformou-se no principal porto romano a partir do momento em que o processo imperialista expandiu não só o território original, mas também conectou Roma ao Mar Mediterrâneo e suas principais rotas de comércio.⁹ No âmbito da lógica imperialista romana, regiões eram anexadas não só o seu território espacial, como também a população nativa, recursos naturais e produtos manufaturados. Essas cidades tornaram-se províncias romanas senatoriais ou imperiais e criaram uma complexa rede de circulação de produtos, pessoas e ideias/representações diversificadas.

⁹ Cf. POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité, passim*.

Uma análise mais precisa sobre economia romana nos revela ter sido Ostia a principal cidade catalisadora de produtos que abasteciam Roma e seu império desde longo tempo. Ostia recebia produtos advindos das províncias ocidentais, orientais e de quase todo o Império, portanto, era um lugar estratégico e símbolo do poder econômico à medida que tornava visível Roma como principal potência política no Mediterrâneo.

1.1 - Ostia: da realeza ao Alto Império.

Segundo a tradição histórica e literária antigas, Tito Lívio ressalta que a primeira expansão de Roma em direção à costa do mar Tirreno aconteceu na época do quarto rei, da Realeza, denominado Anco Márcio, entre os anos 640 e 616 a.C, portanto no VII século a. C.¹⁰

Ao norte do rio Tibre, sobre a margem esquerda, conquistaram o vilarejo de Ficana “estendendo até o mar o domínio romano, fundando na foz do Tibre a cidade de Ostia, criada nos arredores das salinas”.¹¹

A guerra contra os etruscos e latinos, estabelecidos na margem oposta do rio Tibre, tinha como objetivo obter uma comunicação direta com o mar, controlar o baixo curso do rio e o tráfico volumoso devido às relações econômicas e culturais com as colônias gregas fundadas na Itália. Mas o motivo principal, sem dúvida alguma, era obter o controle da extração do sal, importante produto utilizado na alimentação, na conservação de alimentos, na curtição de peles e na metalurgia. Ostia torna-se a primeira e mais importante colônia de Roma, ressaltando desde cedo seu duplo papel militar e comercial, não somente em relação às salinas que se estendiam nas duas

¹⁰ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 79.

¹¹ TITO LIVIO *Histórias*, I, 33 *apud* PAVOLINI, C. *Op. Cit.*, p. 273.

margens do rio Tibre, mas também no que diz respeito à importação de grãos das cidades gregas na Itália e na Sicília, atividade já evidenciada em pleno século V a. C.¹²

A documentação arqueológica sobre Ostia remonta ao princípio do século IV a. C., quando em 397 os romanos conquistaram Veios, consolidando seu controle sobre toda a faixa costeira. A intenção era também fundar uma cidade fortificada sobre a margem esquerda do rio Tibre, numa localização estratégica entre a foz e a linha da praia. Com isso entendiam poder reforçar a defesa do território recentemente adquirido e ameaçado por constantes incursões de piratas gregos, como conseqüentemente manter sob proteção o tráfico comercial fluvial em direção à Roma.¹³

A Ostia primitiva, ainda na época médio-republicana, tinha a configuração de um verdadeiro acampamento militar.¹⁴ Um *castrum* retangular medindo 194 m por 125,70 m, disposto paralelamente ao rio Tibre era dotado de quatro portas no centro dos quatro lados. Duas vias principais, perpendiculares, o *cardo maximus* (sentido norte-sul) e o *decumanus maximus* (sentido leste-oeste). Encontravam-se no centro, dividindo o *castrum* em quatro partes iguais. Circulando o *castrum*, havia o *pomerium*, espaço sagrado comum a qualquer cidade romana, interdito à construções e agricultura. Na parte externa da porta oeste do *castrum*, o *decumanus maximus* seguia algumas dezenas de metros apenas. Isso permitia que os ocupantes do acampamento rapidamente organizassem resistência, caso algum tipo de ameaça proveniente do mar.

¹² Vitruvius salienta a importância de se escolher corretamente os lugares “saudáveis” para a fundação de uma cidade litorânea. Os autores romanos antigos viam com desconfiança cidades com contato direto para o mar. Cícero, em sua obra *Da República*, mencionava a ‘corrupção’ dos costumes que Corinto e Cartago, cidades portuárias, estiveram frequentemente submetidas por conta do convívio com os comerciantes marítimos. Cf. VITRÚVIO. *Dez Livros sobre Arquitetura*, I, IV, 1; CÍCERO. *Da República*, II, 4.

¹³ Kevin Lynch, em seu livro *A Boa Forma da Cidade*, problematiza o surgimento de cidades em virtude de fenômenos econômicos – comércio –, militares – centros fortificados – e administrativos. O autor entende que tais fenômenos só puderam ocorrer em um núcleo urbano anteriormente criado. Cf. LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 14.

¹⁴ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 3, p. 15.

No ano 267 a. C., Ostia torna-se sede de um dos *quaestores classici* da frota naval instituída naquele ano. Os *quaestores*, de uma maneira geral, tinham uma função financeira e o título de *classici*, ou seja, aquele que tinha a tarefa de recolher fundos e navios para organização da frota no conflito contra Cartago. As fontes históricas sobre as guerras púnicas e o sucessivo período de expansão reconhecem em Ostia um papel decisivo como sede da frota na defesa das costas ocidentais da península. Cabia também ao *questor*, nesta mesma época, cuidar talvez diretamente dos negócios públicos da cidade.

Por outro lado, se entre os séculos III e II a. C. o papel militar de Ostia era essencial, como base naval e isto significou que a importância originária de uma fortificação terrestre, o *castrum*, cada vez mais perdia sua função. No II século a. C. os seus muros foram colocados fora de uso para construção de uma série de lojas evidenciando que, ao lado da função militar, Ostia gradativamente tornava-se também um centro comercial de peso, principalmente em relação à importância dos grãos destinados à Roma.

A definição de Kevin Lynch sobre “cidade” nos permite melhor avaliar o peso das práticas econômicas e comerciais em uma cidade à beira-mar, vejamo-la:

“A cidade pode ser vista como uma história, um padrão de relações entre grupos humanos, um espaço de produção e de distribuição, um campo de força física, um conjunto de decisões interligadas ou uma arena de conflitos.”¹⁵

Ostia adequa-se à definição proposta por Lynch pois, além de ser um importante porto, passou a ser um dos focos das preocupações administrativas do centro: Roma. Ostia *conectava* a capital do Império às províncias e participava da rede de contatos comerciais no Mediterrâneo.¹⁶

No início do I século a. C., parecia que a atenção do questor romano estabelecido em Ostia não era mais resolver em caráter prioritário as necessidades das

¹⁵ LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade. Op. Cit.*, p. 44.

¹⁶ GUARINELLO, N.L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, p. 130.

frotas de guerra, mas sim os problemas do abastecimento de grãos proveniente sobretudo da Sicília, da Sardenha e da África.

Nesta época um novo muro bem maior que o anterior è construído. Tem em perímetro aproximado de 1756 metros e nele se abrem três portas principais. A porta Romana ligava Ostia à Roma através da via *Salária* (atual via *Ostiense*); e no interior da cidade dava início ao *decumanus maximus*. A porta Laurentina no sentido sul-leste era o segmento do *cardine maximus*. A porta Marina, a oeste do *decumanus maximus*, estava diretamente ligada ao mar.¹⁷ A muralha porém, não se estendia sobre o lado norte da cidade, ao longo do rio Tibre, para não prejudicar as atividades portuárias ali desenvolvidas em uma área permanentemente livre de construções. A área compreendida entre os muros era muito extensa, cerca de 69 hectares, quase trinta vezes maior que o antigo *castrum*. Num momento impreciso, Ostia foi dividida em cinco regiões, *quinque regiones*, conforme uma inscrição da época imperial, configurando cada vez mais o aspecto de uma verdadeira cidade, ganhando logo o *status* de colônia.

O mais antigo fragmento dos *Fasti Ostiensi*, refere-se aos anos 49-45 a. C. Tratava-se de uma inscrição com o registro anual dos eventos principais acontecidos em Ostia e alguns em Roma, mencionando os magistrados locais eleitos anualmente, a data consultar, o nome dos cônsules no cargo ano a ano. À Ostia foi concedido também o *status* de colônia através da *lex coloniae*, uma constituição que permitiu uma autonomia própria com eleições de magistrados locais. Ostia se subtrai da supervisão direta de Roma em relações a assuntos relativos à política local, como por exemplo a *edilícia* pública e uma política própria urbanística. A única exceção seria relativo ao setor de abastecimento, onde o governo romano manteve um estreito controle.

A função comercial era a que largamente prevalecia na cidade. A frota militar estabelecida na foz do Tibre, havia gradualmente perdido a importância após o

¹⁷ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 15.

conflito com Cartago. Augusto transfere a esquadra naval de Ostia para o *Cabo Miceno*, na *Campânia*, mantendo apenas um pequeno contingente na foz do Tibre. Com a *Pax Augusta* e o aumento de responsabilidade do governo citadino por parte de uma classe dirigente local, Ostia estava pronta a assumir plenamente seu papel de cidade de comércio e porto de Roma.

1.2 - Ostia e a diretriz urbana no alto império.

Ao tentar traçar um paralelo entre política edilícia e Alto Império, podemos observar as modificações e acréscimos ocorridos na cidade durante a época. O arquiteto romano Vitruvius esteve estreitamente ligado à política urbanista do governo de Augusto. Aliás, o urbanista romano entendia que o arquiteto é um instrumento na mão do governante para que este viabilizasse seus objetivos políticos.¹⁸ O imperador decidia o local onde seria realizada a obra e o arquiteto era uma espécie de executor dos projetos dele. Portanto, as obras urbanísticas explicitavam o poder de Roma, as marcas da presença de um governo forte e centralizador. De acordo com Norma Mendes:

“O advento do Principado está ligado às mudanças profundas nas relações políticas. As necessidades de gerir as novas condições sociais, econômicas, militares e administrativas surgidas pela criação do Imperio exigiram o desenvolvimento de um regime político de caráter pessoal (...) podendo ser chamado de ‘monarquia republicana’.”¹⁹

Ao principado de Augusto deve-se a criação da prefeitura da *annona* e também uma decisiva reorganização dos setores de abastecimentos. Deve-se também a Augusto a construção do teatro e do fórum adjacente a ele e que futuramente seria utilizado como uma praça de comércio, ou seja, a Praça das Corporações (Reg. II, ao norte da cidade). Deve-se à Augusto também a abertura da via dos Aurigas (reg. III).

¹⁸ VITRÚVIO. *Dez Livros sobre Arquitetura*, I, V, 1.

¹⁹ MENDES, N.M. O Sistema Político do Principado. In: MENDES, N.M. e DA SILVA, G.V. (org.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 27.

sudoeste da cidade) e o primeiro *Capitolium* e *Fórum*,²⁰ tendo Ostia finalmente seu centro político-religioso monumental.

Sob Tibério e Calígula, foi construído o aqueduto e as primeiras termas públicas. Cláudio e Nero construíam os primeiros armazéns e depósito de grãos de grandes dimensões, como a *Horrea* de *Hortêncio* e a *Grande Horrea*, consequência evidente da criação do primeiro porto imperial ao norte da foz.²¹ O porto construído por Cláudio, porém, não consegue resolver as dificuldades que os navios de grande porte encontraram para ancorar na embocadura do rio Tibre.

Na Ostia do início da época imperial, não faltavam grandes edifícios de caráter comercial, como as *Horrea* (armazém/ entreposto comercial)²² ou os blocos residenciais das lojas e oficinas na parte térrea, como a *insula* dos Aurigas, construída por Augusto.

O aspecto da vida cotidiana ostiense entre os séculos I a. C. e I d. C., é sem dúvida aqueles das habitações. A principal concentração de *domus* (casas particulares dos mais ricos da cidade) verifica-se no lado meridional do *cardo maximus* e no lado ocidental do *decumanus maximus*. A época de Nero é especialmente destacada pelo grande número de construção de *domus*.

Vespasiano e Tito não deixaram traços marcantes na cidade. Parece que em Ostia, tenha sido muito importante a obra de Domiciano, embora não reste alguma menção epigráfica ao seu nome, porque depois de sua morte violenta, a sua memória foi condenada pelo Senado. Porém, verificou-se que na época domiciano o nível do solo foi elevado em cerca de um metro em todo os lugares onde se procedesse novas construções ou reconstruções de edificações pré-existentes de um modo não regular e

²⁰ O Fórum e o Capitólio são marcos que delimitam uma ideia de centralidade nas cidades romanas.

²¹ As *Horreas* são edificações destinadas a armazenar produtos alimentícios advindos do comércio marítimo. Tais prédios foram erguidos pelos construtores civis de Óstia, mas sob supervisão direta das autoridades romanas.

²² Vitruvius preocupava-se bastante com as cidades litorâneas, a organização dos portos e de todos os marcos arquitetônicos relacionados ao embarque das naus e à estocagem, em armazéns, de alimentos. A conservação, por exemplo, do azeite e dos cereais deveria ser cuidadosamente planejada pelo arquiteto dedicado à construção de armazéns e silos. Cf. VITRÚVIO. *Dez Livros sobre Arquitetura*, VI, VI, 3,4 e 5.

sistemático, que faz supor que esta intervenção derivasse de uma exigência legislativa. As motivações técnicas são simples de explicar: a maioria das edificações construídas até agora eram horizontais, comportando apenas um pavimento. O incremento da população começava a exigir um desenvolvimento da “altitude”, prevista pela nova tipologia edilícia habitativa adotada em Roma no período sucessivo do incêndio neroniano: as construções mais altas exigiam à sua volta fundações mais profundas e mais sólidas, incompatíveis com o solo arenoso original, inundado pelo lençol d'água cada vez que o rio Tibre saia de seu nível. As insulas construídas nesta época procuravam atender as camadas mais baixas da população.

Pelo menos em dois quarteirões, podemos ter certeza que este método foi adotado. No lado oeste do *Fórum*, dois edifícios públicos foram construídos elevando-se o solo: a *Cúria* e diante dela a grandiosa *Basílica*.²³

Trajano ordenou a construção de um outro porto ao lado do porto de Cláudio. No II século d. C. Roma estava no ápice de seu desenvolvimento, a população continuava a aumentar e com isso também aumentavam a necessidade de importações seja de alimentos ou outras mercadorias. A espera demasiada para ancorar e desembarcar mercadorias foi solucionada com a ampliação da área de desembarque depois de construído o porto de Trajano. Outra preocupação dos arquitetos de Trajano foi atender as reivindicações daqueles que lidavam com o comércio e os edifícios erguidos ou reconstruídos neste período foram sobretudo lojas e armazéns, alguns de grandes dimensões. Os trabalhadores nesta época se concentravam principalmente nos quarteirões ocidentais, entre o rio Tibre, *Via Foce* e a *Via dos Aurigas*, áreas também de instalações portuárias de mercadorias.

²³ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986, *passim*.

Figura 2 – Moedas e planta do porto de Trajano²⁴

²⁴ À direita acima, moeda comemorativa relativa à construção do Porto de Claudio; no alto à direita moeda representado o porto de Trajano; abaixo o esquema do Porto de Trajano. Cf. POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op.cit.*, p. 132.

Com Adriano, a renovação urbanística de Ostia entrou na sua fase decisiva. Pelo menos a metade de Ostia foi reconstruída e foi nessa época que seu aspecto urbanístico fixou-se de modo definitivo. Foi realizado um verdadeiro programa urbanístico e é provável que isso tenha sido possível em virtude da intervenção financeira do “Estado”, pelo menos em relação aos edifícios públicos e também pelas facilidades e privilégios concedidos aos construtores privados e pelo aparato do governo, que por certo ele é atribuído um papel de promoção e de controle empreendimento. Reconstroi-se o fórum e evidencia-se construções novas nos quarteirões comerciais do norte ao sul e restaura-se também um novo e grandioso Capitólio. Pela vizinhança com o porto a presença de instalações para depósito de grãos, na parte norte da cidade, entre o *decumanus maximus* e o rio Tibre, o poder público reservou sempre uma atenção particular. Pelo menos três novos edifícios ali erigidos eram *horreae* de grandes dimensões. Vitruvius, em sua obra *De Architectura*, nos livros V, VI e X, dá especial atenção ao planejamento dos portos, construção de naus e organização de maquinário para otimizar o desembarque de produtos advindos do comércio marítimo. Consiste, portanto, uma preocupação na obra do arquiteto de Augusto o Império estar munido de embarcações, rotas protegidas de piratas, portos seguros e bem equipados com o objetivo de descarregar as mercadorias.²⁵

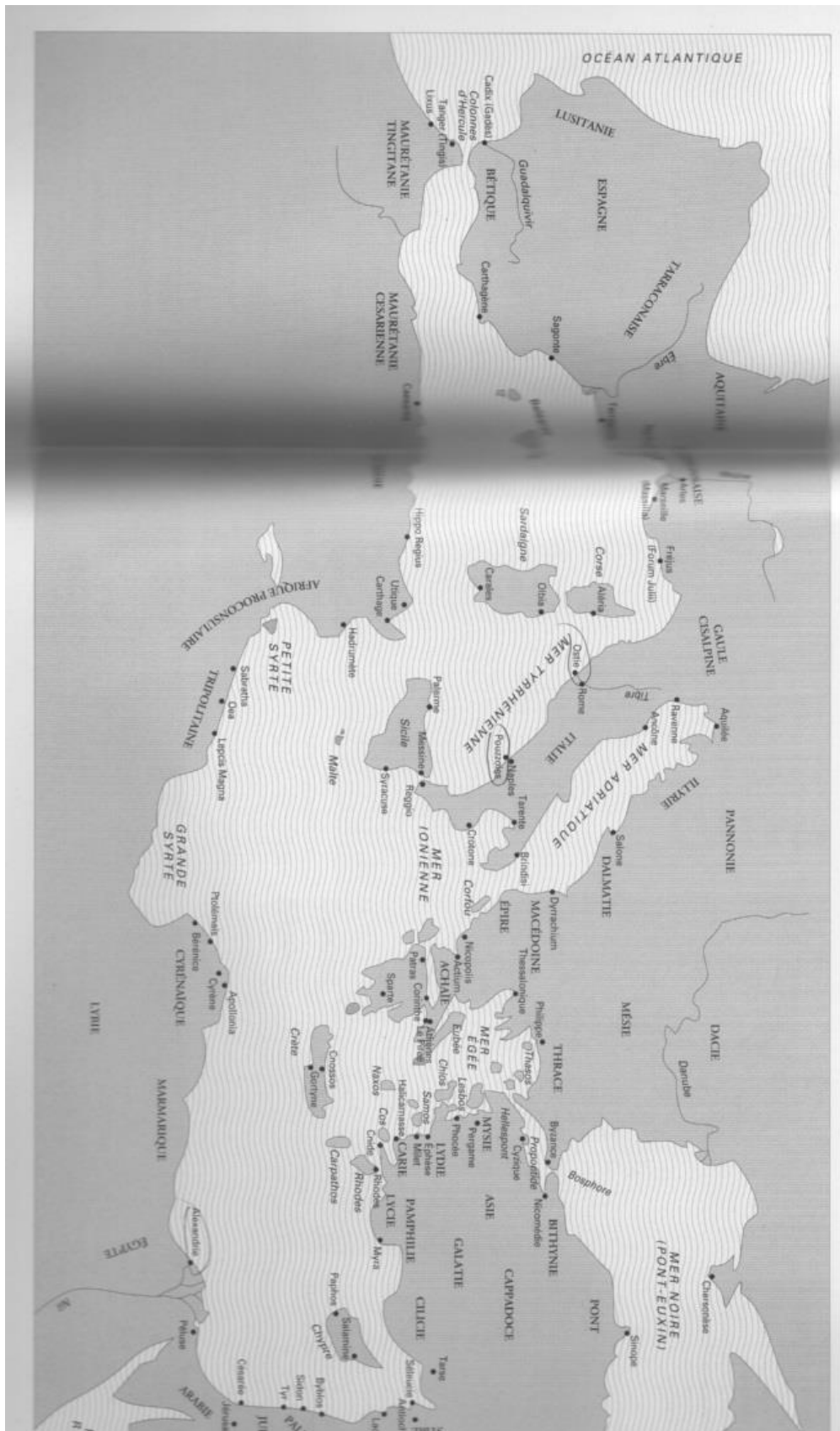
Kevin Lynch nos ajudou a refletir sobre as “motivações de controle econômico” numa cidade.

“(…) a proteção dos produtos, o domínio dos recursos, a regulamentação do processo produtivo e a apropriação de sua produção. Foram construídos armazéns, foram dominadas algumas regiões, transferiram-se rotas e ocuparam-se estreitos e o processo de produção foi agrupado num local onde podia ser supervisionado.”²⁶

²⁵ VITRÚVIO. *Dez Livros sobre Arquitetura*, X, IX, 5.

²⁶ LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade*. *Op. Cit.*, p. 337.

Figura 3 – Principais portos no Mediterrâneo durante o Império²⁷



²⁷ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité*. Op. Cit., p. 135.

A urbanização em um núcleo urbano geralmente está intrinsecamente relacionada à “vocação” econômica da comunidade. Daí surgir a necessidade de se abrir vias, estradas, construção de portos, edificações com objetivos de fiscalização e de natureza administrativa. No prefácio de sua obra, Henri Lefebvre explica que o espaço não é passivo e nem vazio. Ele é produzido, por ações e reações, “o espaço intervém na produção: organização do trabalho produtivo, fluxo das matérias-primas e das energias, rede de repartição dos produtos”²⁸

A política de planejamento urbanístico feita pelos projetistas de Adriano, privilegiou sobretudo a construção de edifícios públicos e de serviços.²⁹ Na área próxima ao teatro e a praça das Corporações, foram erigidos a *Caserna dos Vigilis* e as grandes *Termas de Netuno*. No setor habitativo privado, a época de Adriano coincide com o triunfo das *insulae*. Constrói-se a *Case e Giardino* (reg. III), o *Caseggiato dei Triclini* e o *Caseggiato di Serápide*. Do lado de fora da *Porta Marina*, antigas *domus* foram destruídas para em seus lugares surgirem tabernas.

Os projetistas de Antonino Pio, limitaram-se a dar prosseguimento à obras de seu antecessor. Mesmo tendo poucas áreas livres para serem utilizadas, foram erigidos o *Caseggiato dos Aurigas*, as *Termas de Netuno*, a *Casa de Diana*, a *Schola de Trajano*, a *Horrea Epagathiana* e as *Termas do Fórum*.

Dos dois sucessivos imperadores antoninos, mais que o príncipe filósofo *Marco Aurélio* (161-180), foi o seu filho *Comodo* quem deixou marcas significativas na arquitetura ostiense, tendo sempre em vista tomar medidas para incrementar o afluxo de grãos para a *annona* romana. *Comodo* (180-192) fez construir a enorme *Horrea Antonina* numa área periférica ainda livre na região II, ampliou a Grande *Horrea*, mas também foi responsável pela reconstrução do teatro de Ostia.

O iniciador da nova dinastia severina é *Sétimio Severo* (193-211), foi ele também um dedicado incentivador do comércio ostiense. Desde a construção da via

²⁸ LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974], XX.

²⁹ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 17, p. 24.

costeira Severina, na foz do Tibre, a restauração de muitas *horreas* e o apoio oferecido às associações profissionais locais. Poucos imperadores foram honrados e populares em Ostia como *Sétimo Severo*, agraciando com inúmeras inscrições.

As dificuldades econômicas e políticas do império estavam se agravando e os seus reflexos faziam sentir-se também em Ostia. A expansão da cidade estava simultaneamente concluída com os últimos *Antonios* e as reconstruções eram feitas em menor escala. A atividade construtiva entre os muros de Ostia com *Sétimo Severo* e com os sucessores deste, *Caracalla* e *Severo Alessandro*, foi preferencialmente atividades de restauro e de nivelamento do solo. Os novos edifícios foram muito poucos e, sobretudo, no campo da arquitetura habitativa, se limitaram a preencher através do recurso de recuo, as raras áreas disponíveis na cidade. Construiu-se o *Templo Rotondo*, com ele terminando a construção da série de edifícios públicos, de caráter monumental em Ostia. A cidade mantinha-se ainda relativamente tranquila e estável antes da crise de metade do século III d. C. Após a identificação dos principais marcos arquitetônicos e da “evolução” urbanística de Ostia até o final do Alto Império, iremos focar nossa análise na Praça das Corporações. Tal marco arquitetônico é considerado por nós como uma espacialidade representativa das trocas comerciais no Mediterrâneo Romano.

1.3 - A praça das Corporações.

O complexo teatro-praça da Praça das Corporações foi construído na época do imperador Augusto, tornando-se esta praça, em pouco tempo, num espaço privilegiado e exclusivo para práticas comerciais, lugar de encontro, lazer e memória social.³⁰ Segundo Francesca Pasini,³¹ existia em Ostia dois núcleos distintos na urbanística da cidade. O primeiro era o Capitólio, “centro direcional e religioso”, o

³⁰ BECATTI, G. *Ninfe e Divinità Marine*. Roma: De Luca Editore, 1971, *passim*.

³¹ PASINI, F. *Ostia Antica, Insule e Classi Sociale: I e II secolo dell'Impero*. Roma: Multigrafica, 1978, p. 6.

segundo era a Praça das Corporações, considerada como um “centro direcional e econômico”. Esta praça possui cerca de setenta “escritórios” (*stationes*), ocupados em sua maioria por representantes comerciais das províncias orientais e ocidentais do Império, que estavam encarregados de receber, fiscalizar e negociar os produtos advindos destas regiões tanto por romanos quanto pelos próprios comerciantes “estrangeiros”.

No centro da praça, ficava o altar em homenagem a Ceres e,³² em torno dele, foram erguidas várias estátuas representando os comerciantes e benfeitores locais mais expressivos. A organização do espaço e a constituição dos lugares no interior de uma sociedade revelam as práticas coletivas e individuais, isto porque os grupos sociais e os indivíduos, que constroem os lugares, simultaneamente produzem símbolos constituintes de identidade, de referências sociais e existenciais. Portanto, itinerários, ruas, cruzamentos e praças não são independentes, eles representam uma combinação dos espaços que correspondem em certa medida a complexidade institucional, social, histórica e relacional da própria sociedade.³³ Todas estas relações são compatíveis com o usos e o sentido da própria praça, lugar de mobilidade, de movimento, e com a necessidade política de Roma de se impor através de Ceres como a dispensadora do trigo, a que afugenta a fome e as más colheitas. Ceres simbolicamente dá unidade à pluralidade da praça, propicia encontros, lazeres e sacraliza a ordem romana.

Ressalta-se ainda, como reforço da mensagem política de organizar a diversidade/pluralidade, o trabalho decorativo executado no piso desta praça, recoberto de mosaicos em preto e branco alusivos às atividades ali praticadas.³⁴

³² Ceres era a deusa da agricultura e da fecundidade dos campos, divindade relacionada ao cultivo do trigo.

³³ Cada sociedade, ou como entendia Henry Lefebvre, cada “modo de produção”, irá projetar espacialidades específicas. A sociedade romana produziu lugares e construções marcantes, tais como: estradas, aquedutos e anfiteatros. A Praça das Corporações é um espaço bastante representativo das economias romana e ostiense. Uma espacialidade criadora de identidades e de trocas culturais. Cf. LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace*. Op. Cit., pp. 42-43.

³⁴ AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica*. Roma: Arbor Sapientiae, 2016.

Esses mosaicos de significativo valor imagético representavam divindades marinhas, golfinhos, navios dos mais diversos tamanhos, animais e produtos vindos das províncias, cenas de desembarque de mercadorias, inscrições que indicavam a procedência do comércio, cenas de embarcações chegando ao porto tendo ao fundo o farol iluminado e indicando o caminho da cidade³⁵

Sobre a Praça das Corporações, Carlo Pavolini destacou que o extraordinário texto figurativo composto pelo conjunto de seus mosaicos as inscrições *musivas*,³⁶ as dedicatórias nas estátuas erigidas nos jardins no centro da praça em honra aos funcionários da *annona* ou das personalidades eminentes no campo mercantil, tudo contribuiu para a percepção imediata do peso central que o grande comércio marítimo exercia nas práticas e relações sociais de Ostia e o senso de abertura para o Mediterrâneo, que se devia “respirar na cidade no ápice de sua existência”.

O estudo das importações em Ostia nos mostra um fluxo contínuo de mercadorias e a estreita rede estabelecida com o artesanato local. Essas inúmeras transações comerciais envolviam um número considerável da população ostiense posto que a maioria dos indivíduos estava em maior ou menor escala envolvidos nessa atividade, estabelecendo com isso um vínculo direto entre economia e sociedade. O horizonte comercial de Ostia parece não ter limites e, para termos uma ideia dos produtos que chegavam ao porto, nos reportamos ao registro feito por Raymond Chevalier destas mercadorias com suas devidas procedências.³⁷

³⁵ ZEVI, F. *Notizie degli Scavi di Antichità. Ostia - Piazzale delle Corporazioni*. Supl. XXXII. Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1987.

³⁶ PAVOLINI, C. *La Vita Cotidiana a Ostia*. Roma – Bari: Laterza, 1996, p. 83.

³⁷ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port. Op. Cit.*, p. 136 (capítulo 4).

PRODUTO	PROCEDÊNCIA
Trigo	África do Norte, Egito, Nabônia, Espanha, Ligúria, Sardenha e Sicília
Vinho	Campânia, Itália do Sul, Sicília, Espanha, Gália e Creta
Azeite	Espanha, e África
Lentilhas	Egito
Presunto	Gália
Peixes	Nilo e Sicília
Molho de Peixe	Espanha
Mel	Sicília
Vinagre	Egito
Queijos	Lumi
Frutas exóticas	Síria, Damasco, África do Norte
Limão	África do Norte
Chumbo e ouro	Espanha
Mármore	Lumi, Sicília, Grécia, Ásia Menor e África do Norte
Granitos	Egito
Pedras	Sicília, Capadócia, Chipre e África do Norte
Madeira	Marrocos
Resinas	Espanha
Ébano	África do Norte
Cerâmica	Itália do Sul, Espanha, Gália e África do Norte
Areia	Egito
Tecidos	Bética e Egito
Escravos	Todas as províncias

É desnecessário dizer que a fiscalização e o controle sobre esses produtos eram feitos com rigor não só pela própria administração local como, às vezes, por representantes provenientes da própria Roma. Para que todas essas atividades comerciais pudessem ser exercidas com eficácia foi preciso prover Ostia de edifícios públicos capazes de atender, como já nos referimos, as necessidades de circulação, de escoamento, de abastecimento, armazenamento e hospedagem, bem como criar lugares de encontro e lazer. Como frisou Michel de Certeau, os espaços são vivenciados e constituem-se em lugares criadores de laços, de relações humanas e de identidades.³⁸

As construções públicas e privadas foram edificadas tendo em vista a atividade mercantil e, com isso, produziu-se em Ostia um padrão arquitetônico de forma, proporção condizentes com as especificidades locais.

A urbanização da cidade, como ocupação e organização do espaço, criou um número considerável de lugares, tais como: mercados, lojas, instalações portuárias, entrepostos comerciais, apartamentos de aluguel e casas específicas para comerciantes e artesãos, sedes de “corporação de ofício”, templos destinados às divindades protetoras dos artesãos e comerciantes. No aspecto de apropriação do espaço, a opção urbanística em Ostia foi um indicativo do alto nível de complexidade atingindo pelo comércio marítimo, sendo esta atividade um fator de acumulação de riqueza.

³⁸ Michel de Certeau define as noções de “lugar” e de “espaço”. Espaço é o lugar praticado, e existem *tantos espaços quantas experiências espaciais distintas*. Cf. DE CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996 [1990], p. 202. O conceito de *lugar antropológico*, proposto pelo historiador francês, pode ser bastante útil para refletirmos a ocupação da Praça das Corporações. Segundo o autor, o *lugar antropológico* pode ser *identitário, relacional e histórico*. Quando nascemos, pertencemos a um lugar, é forjada uma identidade/ relações. “(...) o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento.” DE CERTEAU, M. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994 [1992], pp. 52-53.

Na Praça das Corporações foram criados locais referentes e indicativos da população local, assim como daqueles estrangeiros que, aos poucos, passam a conviver em caráter permanente em Ostia, levados pela necessidade cotidiana de suas presenças físicas para a realização das transações comerciais. Pode-se dizer, também, que a intensidade do fluxo das negociações praticamente obrigou a uma presença fixa por parte dos representantes de companhias de comércio e navegação de áreas distantes, e agora anexadas por Roma, após o processo de expansão imperialista nos séculos finais da República.

Francesca Pasini na introdução de seu trabalho ressalta que:

“ (...) a casa é em cada sociedade uma informação capaz de evidenciar não só a capacidade idealizadora artística, mas também o nível de agregação social e os fins políticos que estão na base do desenvolvimento de relações de produção determinadas, que explicam as relações existentes com o território urbano e com aquele mais especificamente produtivo (...) não se entenda a cidade como espaço arquitetônico e geográfico, mas como ponto de coagulação de um território produtivo onde se convergem as estâncias de classes que determinaram a configuração real do espaço urbano e da tipologia da cidade”³⁹

Entende-se, pois, que as evidências arquitetônicas encontradas na cidade de Ostia confirmam que a opção urbanística desta cidade atende às atividades marítimas e mercantis. Procuramos com a nossa pesquisa trazer uma nova leitura dos documentos relativa aos marcos espaciais urbanos das cidades romanas antigas a partir do estudo de caso da cidade de Ostia, levando em consideração as relações possíveis entre economia, organização de espaço, organização de tempo, representações sociais e memória coletiva.

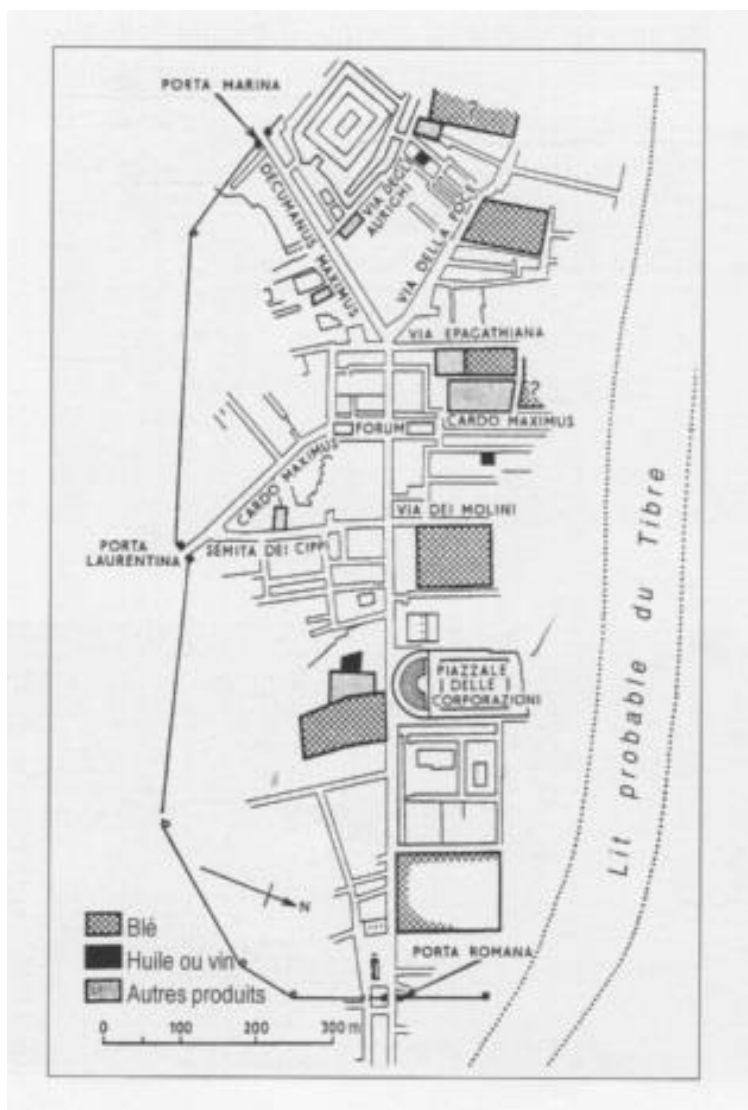
³⁹ PASINI, F. *Ostia Antica, Insule e Classi Sociali: I e II secolo dell'Impero. Op. Cit.*, V-VIII.

1.4 – Os armazéns (*Horrea*)

Ostia é a principal fonte de informações arqueológica sobre a estrutura e o funcionamento dos armazéns (*horrea*) no mundo romano. O termo *horreum* usando mais frequentemente no plural, indicava um depósito de mercadorias de qualquer gênero, mas era corretamente utilizado quando se referia especialmente a depósito de grãos. Em Ostia é fácil distinguir duas categorias de *horrea*: os depósitos de grandes dimensões (da metade do II século d. C.), provavelmente de propriedade pública, destinados à conservação de reservas alimentares e de outros produtos a serem enviados à Roma quando isto fosse necessário. Havia também os depósitos menores que atendiam às necessidades do mercado local.⁴⁰

⁴⁰ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 90, p. 97.

Figura 4 – Localização das Horreas em Ostia⁴¹



A localização urbanística das *horreae* de grande dimensões era absolutamente funcional; em maioria ficavam na parte norte da cidade, correspondente às regiões I e II, adjacentes ao porto fluvial e próximos à Praça das Corporações, o que facilitava a fiscalização e recebimento das mercadorias. Um caso à parte é constituído pelas três *horreae* edificadas no lado sul da cidade, Região V. Artemis, *Ortensio* e *Sabazeo*. A explicação é que esta área era reservada entre o I e II séculos a.C., para edificações particulares e não públicas. Restou portanto construir os armazéns no lado oposto do

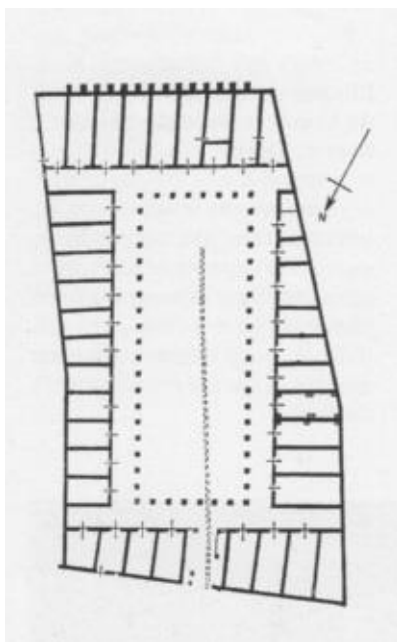
⁴¹ Cf. POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.*, p. 120

decumanus numa área ao norte onde se conservou posteriormente uma destinação mais comercial.

A construção, a restauração, a ampliação das *horreae* ostienses coincidiram sempre com os momentos fundamentais da história comercial da cidade ou com as providências dos imperadores particularmente sensíveis às exigências do comércio e da *annona*. Por volta da metade do I século d.C., quando com *Cláudio* começou-se a pensar concretamente em uma solução para o problema do porto, foram erigidas as *Horreae de Hortêncio e as Grandes Horreae*. A criação da bacia hexagonal de *Trajano*, teve como consequência um outro consistente crescimento da capacidade de armazenamento das cidades com a construção da *Horrea de Artemide* e de outros depósitos concentrados em torno da *Via della Foce* e diretamente ligados ao Tibre: a *Horrea dos Medidores de Grãos* e um enorme edifício a oeste do *Serapeu*.

Foi com Adriano que se construiu o maior número de *horreae* concentrados no Setor Setentrional. Um único plano *edilício* comportou a reconstrução da parte norte do *fórum* (119-120), de três grandes *horreae contiguas*: o Pequeno Mercado, o edifício anexo à oeste e o depósito da rua dos Medidores de Grãos. Com *Antonio Pio*, um dos poucos espaços mantidos livres no quarteirão à norte do *fórum* foi preenchido pela *Horrea Epagathiana*.

Figura 5 – Planta da Horrea Hortêncio⁴²



Comodo, criador da frota *granária* africana, foi o último imperador a fazer construir em Ostia novas *horrea*, as maiores de todas, ditas *Antoninas*, de um de seus nomes. O mesmo imperador, restaurou em tijolos a *Grande Horrea*. Os Severos favoreceram o comércio em geral e em Ostia em particular, mas não construíram outros armazéns na cidade. Sobre esta dinastia foi realizado um vasto plano de restaurações de armazéns existentes e ampliaram ainda a *Grande Horrea*. Poderia ser *Severiano*, talvez, um armazém para grãos encontrado recentemente sobre a margem direita do rio Tibre, na *Isola Sacra*. Existia aqui um “*Transtevere*” ostiense, ainda a ser explorado, mas que parece ter tido um caráter comercial.

Nem todas as *horreae* eram depósitos de grãos. A prova direta de que eram depósitos de grãos eram os estrados de madeira quadrados (*cellae*) suspensos alguns centímetros do chão como na *Grande Horrea*, o depósito a oeste do Pequeno Mercado e a *Horrea Antonina*.⁴³

⁴² POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.*, p. 120

⁴³ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 54-56.

Figura 6 – Foto da entrada de uma Horrea na via Epagathiana⁴⁴



A técnica de construção das *horreae* estava condicionada a problemas de estabilidade. Era levado em consideração a pressão que uma grande quantidade de grãos podia exercer sobre as paredes laterais. Este peso preocupava mais ainda caso o edifício comportasse mais de um andar. Nas *horreae* de um modo geral, eram edificações pesadas utilizando blocos quadrados de tufo (*opus quadratum*), não mais utilizados em outras construções da cidade. Os muros eram quase sempre muito espessos e sustentados por contrafortes. A tensão estática pela qual esses edifícios estavam expostos e a facilidade de propagação de incêndios, explicam as frequentes necessidades de restauração e restauro dos prédios. Para reduzir o dano dos incêndios tinha-se o cuidado de separar os armazéns dos edifícios adjacentes. Nas *horreae* quase sem exceção havia sempre um pátio central cercado de pórticos. As dimensões poderiam variar dependendo da área disponível para a construção desses

⁴⁴ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.*, p. 120.

edifícios e também pelo peso das importações *granárias*, crescendo cada vez mais. A *Horrea* de *Ortênsio*, por exemplo, da época Julio-claudiana, tinha o pátio espaçoso e harmônico, já o Pequeno Mercado da época de Adriano era estreito e alongado.

A planta do Pequeno Mercado serve como exemplo pelos elementos próprios comuns a uma *horrea* ostiense de uma maneira geral, embora não se tivesse certeza de tratar-se de um depósito de grãos. A entrada principal ficava ao norte, voltada para o rio Tibre e em torno dela havia lojas que podiam ser alugadas a negociantes autônomos (como era de praxe nas *horreae* do “Estado” em Roma), ou utilizadas para unir ao comércio atacadista e atividades de revenda a varejo. Uma característica constante dessas *horreae* era o escasso número de entradas em relação às dimensões do edifício. Os motivos eram obviamente de segurança e mais simplesmente para o controle do movimento de entrada e saída dos carregadores. Não era permitida a entrada de carros de transporte nos edifícios, todo o transporte era feito a mão pelos carregadores (*saccarii*), devido à grande disponibilidade de mão-de-obra. Uma vez dentro da *horrea*, as mercadorias eram separadas em categorias diferentes e em caso de chuva ficavam protegidas pelos pórticos que circulavam o pátio interno central.

No Pequeno Mercado, foram colocadas 27 *cellae* profundas, dispostas com regularidade sobre os quatro lados. Eram utilizados também para guardar as mercadorias os andares superiores, como demonstram as duas rampas dispostas simetricamente no pátio, junto à entrada. As rampas eram usadas no lugar de escadas para facilitar o trabalho dos carregadores no sentido de agilizar a tarefa, evitando acidentes e desperdício de mercadorias.

A Grande *Horrea*, que passou por vários trabalhos de ampliação e restauração tendo sua feição na época dos Severos, foi alvo da principal preocupação dos responsáveis pelo abastecimento, que era o uso intensivo e racional do espaço para armazenar as mercadorias. Além das *cellae* sobre os quatro lados do pátio central, foram construídas no centro deste pátio outras séries de compartimentos unidos por

um muro no fundo. As aberturas entre uma coluna e outra do pórtico, foram fechadas dando espaço para armazenar mais mercadorias e utilizando de maneira mais lógica os espaços disponíveis.

A *horrea* dos *Mensores* apresenta uma estrutura um pouco diferente das duas anteriores.⁴⁵ Na ala esquerda deste edifício os vãos abertos e alongados eram usados como depósitos, se alternavam com ambientes mais amplos e livres de pilastras, e estes locais eram provavelmente destinados aos que pesavam os grãos (*Mensores*). Talvez as mercadorias destinadas à esta *horrea* eram controladas logo que chegavam ao depósito, depois da chegada do porto. Esta hipótese é reforçada pelo fato de ter sido encontrada na parte sul do edifício, que dá para frente da Via della Foce, a construção do templo colegial e da sede social dos *Mensores*. Mais tarde, na época *Severiana*, o pavimento da sala de reuniões foi ornamentado por um mosaico que descreve com detalhes a atividade dos *Mensores*. A segunda figura à esquerda é um carregador retratado numa postura idêntica à das estátuas de terracota dos *saccarii*. Ele avança com seu saco em direção ao *Mensor* que está de pé diante de um moinho repleto de grãos, com três pés e munido de duas alças laterais (*moggio* ou *moddius*). Tem nas mãos um *rutellum*, bastão com o qual se nivelava o cereal no recipiente de medida. Um outro carregador que já havia descarregado os grãos no moinho, observava a operação com outro saco nas costas. O último personagem à direita é talvez um representante da autoridade *annonária*, porque, de fato, é o único que usa sandálias.

A *Horrea Epagathiana* é indicada explicitamente como *horrea* por causa da inscrição sobre o mármore que enfeita o portão de entrada. Esta mesma epigrafia nos informa que os proprietários era duas pessoas: *Epagano* e *Epafrondio*, cujos nomes de origem grega denotam provavelmente dois ricos libertos. O portal está na frente da rua, mas uma vez dentro e depois de percorrer um corredor, acha-se uma segunda porta interna, construída evidentemente por questões de segurança. A planta

⁴⁵ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port. Op. Cit.*, p. 119, p. 123.

apresenta um pátio, como em tantas outras *horrea* em Ostia, mas a forma quadrada e as proporções menores, assemelham-se mais à uma *insula* de habitações do que à um depósito de mercadorias. Em torno do pátio acham-se 16 ambientes e aquele em frente ao portal de ingresso, assemelha-se com uma loja. O acesso às duas escadas que levavam ao andar superior, *cellae*, eram protegidos por uma porta e tudo no edifício indicava uma estudada mistura de elegância com funcionalidade. Não são muito comuns nas *horreae*, nem o portal arquitetônico, nem os quatro nichos no corredor e no pátio interno havia imagens de divindades protetoras e um mosaico decorativo. As dimensões reduzidas, as precauções para evitar furtos, a escolha de escadas e não rampas para o acesso de andares superiores são elementos que nos fazem excluir o uso do depósito para mercadorias volumosas e pesadas como os gêneros alimentícios. Pode-se formular a hipótese que se tratavam de um depósito para produtos de valor, por exemplo, metais preciosos ou especiarias (condimentos, drogas usadas em medicamentos, etc.). É também provável que esta *horrea*, pela sua posição numa via secundária diretamente ligada ao porto fluvial, fosse dirigida ao mercado romano e não ao mercado ostiense.

1.5 – Tipologia de pequenas horreas para armazenamento e abastecimento local.

Naturalmente nem todas as mercadorias que desembarcavam em Ostia eram destinadas à Roma. Uma parte, de certo bem menor, servia para satisfazer o consumo de uma cidade de médio porte, mas populosa e próspera, aquela em que Ostia se tornou. As estruturas de armazenamento dos bens reservados no mercado local eram, em muitos casos, distintas e não confundidas com as maiores *horreae* que já falamos, pela distribuição topográfica, posição das entradas, dimensões e tipologia arquitetônica.

Esses dispositivos eram de fato disseminados no tecido da cidade, longe e não ligados ao porto fluvial. Estavam inseridos funcionalmente nos quarteirões meridionais

correspondendo às regiões III, IV e V e à parte sul da região I. Eram as *horreae* da via do Serápide e da via dos Aurigas (região I). Também a localização das entradas não estavam direcionadas no sentido norte da cidade em direção ao rio Tibre, típicos dos armazéns *annonários*⁴⁶.

As dimensões eram bem menores que os armazéns de grãos e as edificações estavam condicionadas pela disposição do espaço entre outras construções circundantes e por consequência eram irregulares. Sobre a disposição dos celeiros, Vitruvius diz:

“Os celeiros de grãos (*granarium*) devem ser rebocados e expostos ao setentrião ou ao aquilão; desse modo, os grãos não poderão aquecer facilmente, antes permanecerão por muito tempo refrigerados pela aragem. Com efeito, as demais exposições fazem desenvolver o gorgulho e outros insetos que costumavam infestar os cereais” (VITRUVIO 6, 6, 4)

A disposição era um simples corredor com as *cellae* dispostas nas laterais, sendo seis na *horrea* de Mitra e treze nas outras. Somente no armazém da via dos Aurigas, os grãos para os panifícios e para os moinhos ostienses vinham das mesmas *horreae* que serviam à *annona* romana. Esses depósitos armazenavam também outras mercadorias, alimentos em sua maior parte.

Para o azeite e para o vinho é mais difícil fazer uma separação precisa sobre que quantidade desses produtos era destinada à Roma ou à Ostia. Em Ostia foram encontrados três armazéns de ânforas (*dolia*) nos quais grandes jarros de terracota estão semi-enterradas num terreno perto da embocadura do rio Tibre, mantendo fresco e a uma temperatura constante os líquidos que haviam chegado por mar em ânforas. Uma dessas *cellae dolia*, aquela da casa de Annio, não tinha nenhuma relação com o fornecimento para Roma e estava situada no centro da região III. A *cella* do *Caseggiato* dos *Doli* com pequenas dimensões para cerca de 35 recipientes e aqueles do armazém perto da *Horrea* dos *Mensores*, podem fazer pensar, por suas localizações perto do rio Tibre, terem uma função *annonaria*. A mesma hipótese pode

⁴⁶ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. passim.*

ser aplicada ao depósito da *Horrea de Artemide*, seja por sua maior dimensão capaz de guardar cerca de 100 *doli*, seja porque estava inserido em um quarteirão de armazéns onde é difícil negar relações com o abastecimento da capital.⁴⁷

Algumas ânforas do *Caseggiato de Artemide*, conservaram um número indicativo da capacidade em *amphorae* (uma medida de cerca de 26 litros): a medida gira em torno de 40 *amphorae*, mas não se pode formular hipóteses sobre o seu conteúdo, se era óleo ou vinho.

Exemplos mais interessantes são aqueles da casa *di Annio*. Na fachada da casa, foi encontrado um relevo em terracota reproduzindo uma *cella dolliaris*, onde vê-se, ao centro, um homem em pé entre dois recipientes e um outro homem sentado numa banquetta. Por analogia com outras imagens do gênero é possível supor que em ambos os casos seja a representação do próprio *Annio* em dois momentos de sua atividade mercantil, num momento entre as ânforas no armazém e no outro assistindo à venda dos produtos. O artista que fez o relevo, reuniu numa mesma cena uma síntese das atividades que se desenvolviam em ambientes diversos do edifício e isto era um procedimento habitual da corrente artística popular cuja obra pode ser atribuída.⁴⁸

Na casa de *Annio* se encontravam também vários depósitos de ânforas. Os vãos das escadas que levavam ao andar superior eram ocupados por lojas, tornando-se um clássico ambiente de trabalho intercalado por pilastras, com uma solução tipicamente ostiense. Este edifício unia a função residencial, onde o comerciante e sua família habitavam provavelmente o primeiro andar, e a função comercial. Ao comércio era reservado por inteiro o andar térreo com lojas, escritórios e oficinas. Uma outra ilustração em relevo no muro da casa de *Annio* indicava que a prosperidade deles advinha do tráfico marítimo.⁴⁹

⁴⁷ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 101

⁴⁸ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 71

⁴⁹ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 73

O pequeno comércio podia ser identificado através da extensa rede de tabernas alinhadas regularmente pelas vias principais da cidade, representando uma característica inconfundível da urbanística ostiense. Um estudo específico permitiu calcular em mais de 800 o número das tabernas identificadas nas áreas escavadas e a importância na vida da cidade era notável não só do ponto de vista do comércio como também da produção artesanal e da habitação. A taberna era a habitação mais comum das camadas trabalhadoras e populares e o termo mesmo identificava inicialmente uma casa de um só cômodo.⁵⁰

Após apresentar um panorama do processo urbanístico de Ostia Antica na época do Alto Império, gostaríamos de destacar que cada comunidade é única e possui especificidades. Como bem frisou Kevin Lynch

“As cidades são processos históricos singulares. Cada cidade tem um processo singular, cumulativo e histórico, cuja forma específica atual resulta de uma longa cadeia de acontecimentos individuais, sujeita a um grande número de acidentes históricos e de local, assim como as amplas influências da cultura, do clima e da estrutura política e econômica. Uma cidade só pode ser explicada através de uma história e cada cidade tem sua própria fábula.”⁵¹

⁵⁰ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 79

⁵¹ LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade. Op. Cit.*, p. 307.

III – Capítulo 2: Os grupos sociais e as corporações de Ofício em Ostia

2.1 – Os grupos dirigentes

A transformação da cidade nas suas funções como no seu aspecto urbanístico e arquitetônico, a partir do final do I século d. C., não foi privada de profundas consequências sociais, do ponto de vista da composição da população mas sobretudo da modificação de grupos individuais e das relações entre um grupo e outro.⁵²

Nos níveis mais altos da escala social, politicamente representados nas instituições e nas magistraturas da cidade, o restrito grupo de aristocracia local que tinha monopolizado a vida pública ainda no I século do império (I a. C. – I d. C.), começou a abrir-se a novas contribuições a partir da época Flávia e se constata o aumento do nível de complexidade da sociedade romana que coincide como um momento importante no processo de renovação das classes dominantes e que em Ostia sedimentaram as promessas de um incremento arquitetônico.⁵³

A família dos *Egrili*, que já haviam tido uma parte de destaque no governo da cidade no I século e que continuaram a ter no II século d. C., conheceram uma espetacular ascensão, cuja modalidade fora característica de uma época de rápida transformação. Esta *gens*, que na primeira época imperial tinha permanecido confinada no âmbito da política local, através de uma união estratégica de matrimônios e de acordos, se uniu a grande família aristocrática romana dos *Acili*, que tinham fornecido cônsules ao “Estado Romano” no final do III século a. C. e que por sua vez estavam ligados à Ostia pois tinham propriedades fundiárias no território.

Os *Egrili* afirmaram-se no Senado e no consulado: três membros da família foram cônsules no espaço de três gerações entre o final do I e metade do II século. Os *Egrili* despontaram também com sucessivos cargos financeiros entre os quais eram

⁵² CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port. Op. Cit., passim.*

⁵³ MENDES, N.M. *Sistema Político do Império Romano no Ocidente: um modelo de colapso.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 94.

particularmente importantes o de *praefectus aerarii Saturni*, o responsável pelo tesouro do “Estado”.

Deveram esses resultados à experiência adquirida no campo econômico, porque parece que a fortuna deles estavam fundamentada sobretudo no comércio e o nome de muitos libertos se encontram na lista dos que faziam parte de associações de ofício dos setores comerciais. A aliança com os *Acili* e a consequente elevação social dos *Egrili* às supremas honras do “Estado”, não fizeram com que abandonassem Ostia, nem a política local. Neste mesmo período, ele figurava nos níveis mais altos das instituições civis e religiosas da cidade como pontífice de Vulcano, *flamini* (sacerdotes) de Augusto e patrono da cidade.

Os *Lucilius Gamalae*, antiga e importante família ostiense, sem aparente ligação com comércio, pertenciam ao setor mais conservador da aristocracia ostiense ligado à terra e tinham a sua posição social baseada na renda agrícola.⁵⁴ *Publio Lucílio Gamala*, no início do II século, foi adotado por *Cneo Senzio Felice (homini novi)* vindo a Ostia de fora e talvez descendentes de libertos que tiveram fulminante carreira política e econômica na cidade. A ligação com os *Lucilii* resultou em recíproca vantagem, a saber: dar força aos *Senzio Felice* na ascensão social que precisavam e os *Lucilius Gamalae* em receber ajuda econômica para conservar a posição dominante no governo da cidade. Podemos verificar na epigrafia o papel destacado de *Publio Lucílio Gamala* como edil do culto a Vulcano. A partir do *Corpus Inscriptorium Latinarum*, (XIV, 375) Fausto Zévi traduziu a inscrição:

“ P. Lucilius Gamala, edil do culto a Vulcano, decurião honorário, pontífice, diumviro, quinquenal com o poder de censor, nomeado pela assembléia popular, curador de receitas e despesas. Fez uma doação para um banquete público para 217 cidadãos. Restaurou o templo de Vulcano, construiu um templo dedicado à Vênus, Fortuna e Ceres. Fez construir uma mesa de medidas para o mercado. Construiu o templo a Spes (esperança) e fez elevar uma tribuna no fórum. Por decreto dos decuriões, duas estátuas (uma de bronze e outra de ouro) foram erigidas em sua homenagem, assim como foram pagos pela cidade seu funeral público. É também atribuído a ele a construção dos quatro pequenos templos junto ao teatro. Provavelmente era um homo novus, era o nome de origem semita, remete à uma pequena cidade na Palestina. Mantiveram-se em Ostia por quatro gerações. de Syla à Marco Aurélio. Restaura o templo de Castor e Pólux.”⁵⁵

⁵⁴ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, pp. 33-37.

⁵⁵ AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, pp. 108-109

Outro exemplo é o da família *Nasenni*, que no princípio do II século d. C. tornaram-se *diúnvirus*,⁵⁶ o cargo máximo no governo, e patronos da cidade. Era uma família com interesses na produção manufatureira, em particular aquela de condutores de chumbo.

Frequentemente, os *homini novi* que ascendiam ao conselho dos decuriões e às magistraturas não eram de origem ostiense. A grande mobilidade que caracterizava esta fase decisiva da história de Ostia, atingia não só sobre o plano social mas também ao geográfico. Um outro exemplo é aquele da família de *Publio Aufidio Forte*, entre os que dominavam a cena pública por volta da metade do II século d. C. A sua família era originária da África e uma vez estabelecidos em Ostia, percorreram todos os degraus da carreira política, tornando-se *diunviro*, questores e patronos da colônia. A sua base econômica era o comércio de grãos e sabemos que foi eleito respectivamente *quinquennalis perpetuus* e patrono das associações de mercadores e dos medidores de grãos. A sua ascensão ao mundo dos negócios e também na política, foi favorecida pela sólida ligação que *Aufidio* manteve com a terra de origem: além dos cargos em Ostia, detinha também o de decurião da cidade de *Hipona (Hippo Regius)* na Namíbia, um florescente centro de exportação de grãos da África.⁵⁷

As transformações sociais em Ostia, permitiram também colocar no vértice das instituições alguns descendentes de libertos (não os libertos em si, mas os seus descendentes que poderiam exercer cargos públicos). O caso mais conhecido é aquele de *Publio Ostiense Macedônio*, que foi *Pontifex Volcani* até a morte em 105 d. C.: o seu gentílico é aquele que os escravos da cidade assumiam quando tornavam-se livres e também o sobrenome recorda sem dúvida a procedência da Macedônia de seus antepassados. Um descendente de um escravo público poderia exercer o cargo

⁵⁶ Ennio Domenico Augenti em sua supracitada obra *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica* (2016) identificou muitas inscrições epigráficas contidas no *Corpus Inscriptionum Latinarum* explicitando os membros da elite econômica-financeira de Ostia Antica. Podemos apresentar a inscrição CIL, XIV, 92 que indica C. Pomponio como diúnviro, vejamo-la: *Claudio Pomponio é Diunviro Quinquenal da Colonia de Ostia*

⁵⁷ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 45.

máximo religioso de Ostia, a mais alta dignidade conferida pela cidade e dá a medida da importância desta atribuição e oportunidade com aqueles que uma vez foram escravos.

2.2 - Administração imperial do comércio

No II século d. C., houve tendência a regularizar a administração do abastecimento, que na época republicana e no primeiro século eram deixados à iniciativa autônoma dos empreendedores (*selvaggia*). Com Trajano e depois com Adriano começou-se a conceder privilégios não só a mercadores ou armadores em particular, mas também às associações (*corpora, collegia*) que tornaram-se também um tramite para a conclusão dos contratos. Depois da metade do II d. C., o trigo era sempre o produto que prevalecia em todo o império, relativo à importância como base alimentar e como também em qualidade. A quantidade de grãos era acrescida também pelos eventuais confiscos ou provenientes de taxas pagas *in natura* pelas províncias produtoras.⁵⁸

O trabalho dos prefeitos da *annona* era bastante simples: o problema do abastecimento se reduzia na organização do transporte resolvido sempre com os *vicularii*, privados. Os terminais de comércio, os principais depósitos de Roma e Ostia eram de propriedade imperial. Um setor privado do comércio *granário* sobrevive, mas confinado a um papel subalterno.

Os contratos, as transações, os acordos e todas as etapas do complexo mecanismo econômico-comercial e administrativo relativo à *annona*, tinham suas sedes em Roma e em Ostia. O prefeito de *annona*, ia frequentemente à Ostia, porque lá as negociações não eram conduzidas diretamente por ele. Ostia era uma “agência” local dirigida por um funcionário subalterno. Na época de *Cláudio*, um liberto imperial, o *procurator portatus ostiensis*, que havia substituído o *questor* sediado em Ostia na

⁵⁸ VIRLOUVET, C. *Tessera Frumentaria: les procédures de la distribution du blé public à Rome*. Rome: École Française de Rome, 1995, p. 165, p. 185.

época da república fez a transferência dos poderes de um magistrado eleito pelo Senado por um funcionário em estreita obediência imperial.

Com *Trajano*, a importância dos novos portos imperiais e o crescimento econômico de Ostia, fez com que o posto atribuído pelo procurador viesse a ser ocupado por um personagem de muito elevado grau social,⁵⁹ escolhido da ordem equestre e definido nas inscrições por *procurator annonae* ou simplesmente *procurator annonae Ostiae et in portu*. Era um *sexagenarius*, retribuído com 60.000 sestécios anuais, mas achando-se no mais baixo dos três níveis que compunham a carreira dos procuradores equestres.⁶⁰

Era, portanto, um alto funcionário, um *procurator portus equestre*, um liberto imperial e em seu ofício, ocupava-se diretamente do funcionamento no grande complexo costeiro dos portos de *Cláudio* e *Trajano*. A função do *procurator annonae*, residente em Ostia era resolver e administrar os problemas referentes ao fornecimento de grãos e através das inscrições com as quais as corporações de ofícios honravam os *procuratores annonae* podemos deduzir alguns aspectos dessa atividade: é natural que tinham contatos com os medidores de grãos, com mercadores e transportadores, mas a dedicatória por parte dos construtores de edifícios públicos (*fabri tignuarii*) indica que ao *procurator annonae* cabia também a manutenção de depósito e lojas.

Sobre os outros empregados subordinados, todos eram libertos ou escravos imperiais. No local de trabalho do *procurator annonae*, um dos personagens de maior destaque era o tesoureiro-chefe (*prepositus mensal nummulariae fisci frumentarii Ostiensis*), encarregado do pagamento das empresas empreiteiras e tinha às suas ordens alguns funcionários responsáveis pelos pagamentos (*dispensatores*). Eram *tabularii* e *directores*. Havia também um funcionário do procurador do porto e um

⁵⁹ Cf. a inscrição CIL, XIV, 154: Q. Acilio Fusco, da tribo Papiria, “vir egregius” é Procurador da Annona da Colonia de Ostia e Procurador da obra do teatro pompeiano; CIL, XIV, 160: Q. Acilio Fusco, da tribo Papiria, “vir egregius” é Procurador da Annona da Colonia de Ostia e Procurador da obra do teatro pompeiano e também CIL, XIV, 161: Q. Calpurnio Modesto é Procurador da “Annona” da colônia de Ostia

⁶⁰ VIRLOUVET, C. *Tessera Frumentaria: les procédures de la distribution du blé public à Rome. passim.*

tabularii portus utriusque. Os *tabularii* eram secretários encarregados de efetuar o controle e registro, cargos sobretudo relacionados com as companhias navais convencionadas como a *annona* imperial. Um relevo da coleção *Terlonia* mostra o carregador com ânfora nas costas retirada de uma nave mercantil e sobre uma pequena bancada três *tabularii* atentos a registrar as mercadorias descarregadas e que depois recebiam uma marca.

Havia também militares, com a incumbência de assegurar o serviço de polícia portuária e as ligações com Roma e as províncias. Eram comandados por um *cornicularius*, braço direito do procurador da *annona*. Os homens sob sua ordem eram os *beneficiarii*, militares destacados pelo serviço em armas e isto era um especial privilégio. Havia também os centuriões e este corpo especial era utilizado como serviço de informações e transmissão de mensagens em cada parte do império. O contínuo cruzamento de navios de chegada e partida para todos os portos mediterrâneos faziam de Ostia um centro ideal de troca de informação e comunicação postal.

Se as atenções do procurador da *annona* estavam voltadas ao carregamento de grãos, alguns funcionários imperiais ativos em Ostia estavam ligados de modo específico ao fornecimento de outros produtos essenciais. É conhecido um *procurator ad oleum in Ostiae portus utriusque*, encarregado de verificar a passagem por Ostia do óleo destinado às grandes *Horreae* em Roma (de propriedade estatal a partir do século II) e situados junto do porto fluvial do atual quarteirão do Monte Testaccio.⁶¹

Uma tarefa muito particular era aquela de um liberto imperial, *Tito Flavio Stefano*, *pralopositus camelloum*, revelada em seu templo através de figuras de camelos e elefantes. Estes funcionários se ocupavam de receber e enviar à Roma os

⁶¹ Monte Testaccio: quando um recipiente de cerâmica era esvaziado do seu conteúdo era geralmente quebrado e não reaproveitado. Ficava menos dispendioso comprar um vaso novo. Nos arredores de Roma formou-se um local de descarte de vasos cerâmicos vazios ou quebrados acidentalmente. Este local ficou conhecido como Monte Testaccio, local amplamente utilizado por arqueólogos no sentido de fazer um levantamento sobre história econômica de Roma, desde a República até o final do Império. Cf. *Tessera Frumentaria: les procédures de la distribution du blé public à Rome. Op. Cit.*, p. 134.

animais selvagens usados nos jogos do anfiteatro, instrumentos não menos importantes que as distribuições de víveres para a construção da ideologia do poder imperial baseado no *panem et circensis*.

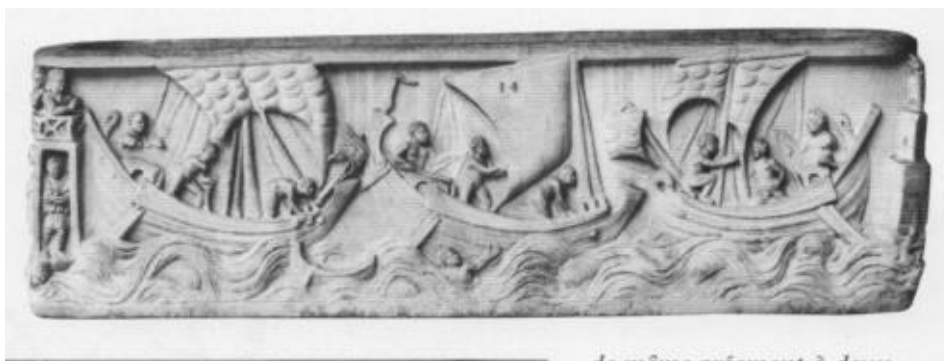
Havia em Ostia um *statio* de impostos aduaneiros, administrado por particulares, para a cobrança de taxa de importação de 2,5% sobre bens provenientes da Gália e da Espanha (*quadragésima Galliarum et Hispaniarum*), duas províncias com as quais Ostia mantinham um comércio particularmente intenso. Um outro *statio*, talvez situado no *Fórum* era encarregado de recolher a taxa específica sobre produtos das minas de ferro situadas na Gália.

2.3 - O transporte e o carregamento das mercadorias

As dimensões dos navios de transporte (*naves onenarias*) eram extremamente diversificadas.⁶² As poucas datas de que dispomos derivam das esparsas notícias das fontes literárias e resultado de pesquisa da arqueologia submarina sobre destroços de navios naufragados. As embarcações que praticavam pequenas cabotagem, isto é, a navegação costeira e que representava a categoria mais difundida, tinham dimensões que se possa calcular em cerca de 20 metros de comprimento e 7 metros de largura, podendo carregar mercadoria de cerca de 1000 ânforas num total de 50 toneladas..

⁶² DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano: i corpora naviculariorum*. Messina: KLEIO, 1992, p. 373 e p. 396.

Figura 7 – Barcos à vela representados em um sarcófago de Ostia⁶³



Diferentes eram as dimensões dos grandes navios que percorriam as rotas em mar aberto (por exemplo a rota Alexandria-Ostia que utilizava o estreito de Messina ou aquele Cartago-Ostia que poderia prever uma escala em Cagliari). Alguns destroços de navios deste tipo tinham um comprimento em torno de 40 metros, uma largura em torno de 10 metros e a sua capacidade útil oscilava entre 300 e 400 toneladas. Existiam normas jurídicas para a concessão a particulares e facilidades aos proprietários de navios de tonelagem superior a 330 toneladas (50.000 *modii*), principalmente se estes navios estivessem à disposição da *annona*.

Figura 8 – Barco a remos – placa de terracota em Isola Sacra⁶⁴



⁶³ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.* p. 85.

⁶⁴ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.* p. 102.

Luciano di Samosada, sofista e escritor que viveu no II século, descreve uma nave de “Isis Geminiana” cuja capacidade útil era de 1.200 toneladas devendo ser o maior navio da frota *granária* que anualmente chegava ao porto de Ostia partindo de Alexandria. O navio representa uma cena de embarque de grãos e em seguida ligada ao cais (píer) por uma passarela sob a qual sobem homens carregando sacos: um deles verte de um saco onde está escrito “RES”, os grãos para um saco maior. Em torno dele, outras duas pessoas e uma delas parece manter um saco maior onde aparece a palavra “abascantus”. Este personagem descrito como “navicularius” é considerado como um “mensor nauticarius” por afinidade com o mosaico do statio dos mensores em Ostia (Becatti, Scavi di Ostia, TAV CLXXXIV).⁶⁵

É, entretanto, um outro “sacarius” como se vê pelo tipo de túnica curta que vestem ambos os personagens que parecem ter uma função de controle. Por outro lado, o personagem que está com uma veste escura e tem na mão um objeto que devia servir para contar os sacos, mais do que contar (pesar) os grãos: o objeto que tem nas mãos, de fato, não é um “rutelum” como se pode ver claramente no mosaico da “aula dei mensores/” de Ostia. Podemos ver uma “naves caudicareae” no pequeno navio que aparece à direita no mosaico ostiense dos “navicularii lignarii” (statio 3 e statio 45)

Pela forma dos navios *onenarius*, nos quais viajavam também passageiros - pois não existiam embarcações exclusivas para eles - coaduna-se sobretudo à documentação iconográfica, que em Ostia aparece em números altíssimos nas imagens de navios feitas em grafite nas paredes externa das casas, nas cenas marítimas reproduzidas nos relevos de mármore e nos mosaicos, principalmente reunidas na Praça das Corporações.

Os carregamentos mais frequentes, depois daquele de grãos, eram constituídos de ânforas de terracota para alimentos líquidos ou semilíquidos, principalmente vinho e azeite. As escavações submarinas de destroços de navios

⁶⁵ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op. Cit.*, p. 391, p. 173.

puderam revelar que as ânforas eram colocadas em pé, sobre estrados de madeira, em geral três nos navios de carga de médio porte e para evitar o atrito entre uma ânfora e outra eram colocados entre elas ramos de árvores ou junco. Nos espaços vazios, podiam ser colocadas mercadorias de várias espécies.

O azeite e o vinho podiam viajar também em grande jarras de terracota (*dolia*) embora isto fosse menos frequente que o transporte em ânforas menores.

Alguns relevos falam disso, mas a prova mais concreta é uma figuração encontrada na casa do comerciante *Annio*, da época de Adriano. Estava escrito na fachada da moradia uma palavra da frase *amnia felicia Anni* (todos os negócios de *Annio* vão bem). A ilustração mostrava a bem sucedida atividade do proprietário; um dos relevos mostra um navio de carga de jarras de terracota (*dolia*) e também esses mesmos jarros guardados no depósito.

A navegação mercantil obedecia a um calendário próprio: entre o início de novembro e o início de marco era perigoso navegar por mar e este era declarado fechado (*mare clausum*). Também por causa disso a chegada da maioria do fornecimento de grãos era numa ocasião mais ou menos fixa que alguns documentos permitem situar entre o fim de maio e o início de junho. Era um evento aguardado com muita ansiedade e mobilizava quase toda a população da cidade. Em uma carta escrita por Sêneca em torno de 65 d.C., ele descreve a excitação generalizada e a corrida de toda a população para a foz do rio Tibre quando as velozes embarcações anunciavam a chegada da frota granaria de Alexandria.

Figura 9 – Descarregamento de ânforas – relevo dos *Tabularii* – porto de Trajano⁶⁶



A maior parte dos navios, sobretudo os de grande dimensões, se dirigiam aos portos de *Cláudio* e *Trajano*, onde também podiam entrar e ancorar tranquilamente.

Aqueles navios de tonelagem menor podiam aventurar-se à embocadura da foz e alcançar o rio Tibre, indo em direção à Roma. Segundo Estrabão, os navios descarregavam (por inteiro) nos portos e livres de parte da mercadoria, subiam o Tibre até Roma. A operação de descarga de mercadorias, na maioria das vezes, oferecia riscos. Com mar calmo não ocorreriam maiores problemas.⁶⁷ O mar agitado e os bancos de areia podiam fazer encalhar os navios e para isso, existia em Ostia em corpo de mergulhadores (*urinadores*) encarregados de recuperar mercadorias em caso de naufrágio. Uma epigrafia da associação deles que ficavam juntos à foz do rio Tibre num ponto delicado onde era comum os desastres navais, faz pensar ter sido ali a

⁶⁶ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.* p. 119.

⁶⁷ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op.Cit.*, p. 23 e p. 34.

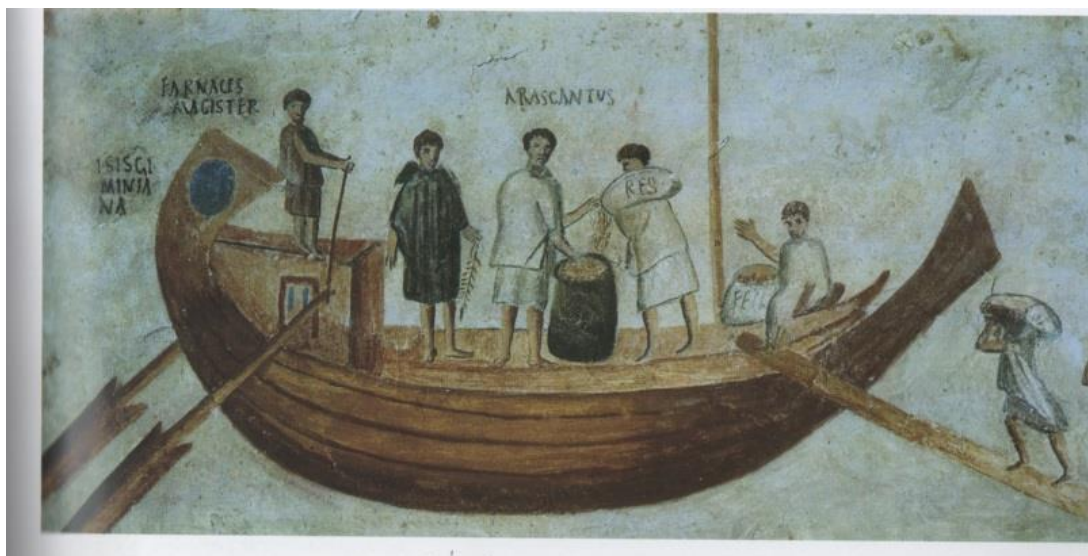
sede colegial dos *urinatores*. Esses mergulhadores eram recrutados nas camadas mais pobres da população, entre pessoas que não tinham nada a perder. Entre os riscos pelos quais esses mergulhadores passavam, estavam também outras atividades que eles faziam, como a limpeza de poços, cisternas, fossas e porões de navios.

Nos meses em que a navegação era possível era incessante o movimento entre os navios que chegavam e partiam. No rio Tibre, as embarcações menores eram para guarnecer nestas últimas de víveres para a viagem de retorno e de mercadorias produzidas em Ostia para serem revendidas nos portos de destinação.

A descrição de Estrabão fala de “navios de apoio que recebiam as mercadorias e portavam outras em troca”. Entre a época de *Augusto* e o II d.C., muitas coisas eram trocadas e as cargas de retorno que Ostia oferecia aos navios que deixavam o porto, geralmente provinham do artesanato local. Como a quantidade de mercadorias de retorno eram infinitamente menor do que as que chegavam, e como os navios eram grandes e não poderiam retornar vazios, recorria-se a uma quantidade relativa de areia e pedras, para manter a estabilidade. Em Ostia, havia uma corporação de ofício só para aqueles encarregados em encher os navios. Eram os *Saburrarii*, responsáveis em manter a estabilidade dos mesmos.

Os navios de apoio eram definidos com inúmeros termos técnicos relativos aos diversos tipos de embarcações e os mais citados eram os navios *caudicariae* e os navios *tenunculi* com suas correspondentes associações de ofícios (*codicarii* e *lenunculari*), frequentemente unidas por exemplos, para honrar com estátuas os funcionários da *annona*.

Figura 10 – Navis Caudicaria⁶⁸



O transporte das mercadorias era feito por carregadores (*Saccarii*), e em Ostia era frequente a fabricação de curiosas estatuetas em terracota representando esses carregadores portando saco de grãos nas costas. Eram objetos de decoração, uma recordação das figuras mais familiares à paisagem da cidade. As mercadorias mais pesadas como, por exemplo, certos tipos de grandes ânforas de azeite eram levadas do chão e transportadas por máquinas especiais, que hoje poderíamos comparar com uma grua.⁶⁹

Ao descarregamento, seguia-se o controle das mercadorias, para evitar possíveis fraudes ou contrabandos por parte dos responsáveis pelo transporte. Não é surpresa que os medidores de grãos (*mensores frumentarii*) constituíram uma das associações mais numerosas e respeitadas da cidade. Ocupavam-se não só da quantidade, mas também da qualidade do carregamento. Como outras grandes *corpora*, também está dividida em muitas seções. Uma delas era os *mensores acceptores*, provavelmente encarregada de verificar os carregamentos de grãos apenas junto ao porto.

⁶⁸ *Isis Geminiana* – pintura funerária de Ostia, fim do II século d. C., representa o carregamento de trigo. Cf. POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.* p. 117

⁶⁹ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op.Cit.*, p. 391e p. 395.

No fim da época republicana, quando ainda deviam chegar à embocadura do rio Tibre, os navios de carga que, com os seus carregamentos se dirigiam a Ostia, acolhia um grande número de barcos fluviais que intervinham para descarregar rapidamente as mercadorias de modo a evitar a corrente do rio, a carga transportada e recebiam em troca as mercadorias que seriam levadas na volta dos navios. (Estrabão. *Geografia*, 5, 231 – 232)

O sistema de acolhimento dos navios mercantes, o parcial esvaziamento, o rebocamento e o atracação no porto, continuaram também após a construção dos portos ostienses e aparecem em descrições literárias e imagens de cenas de naufrágio.⁷⁰

Os barqueiros do rio Tibre, organizados em corporações importantes como aquelas que operavam na Hispania, Gália e Germania, asseguravam um serviço de particular utilidade, transportando para Roma, por uma via menos fatigante e mais segura, as mercadorias que, de todas as províncias do império, afluíam a Ostia nos navios cargueiros transmarinos e, por outro lado, desfrutavam da situação em vantagem própria.⁷¹

No rio Tibre se desenvolvia um tráfico muito intenso e nas suas águas navegavam barcos diferentes pela forma, dimensão e serviços. Os meios de propulsão deviam ser diversos como remos e velas e algumas vezes mistos. A epigrafia, sobretudo, atesta a presença sobre o rio de diversas categorias de barqueiros, cujos nomes, na maioria, derivam dos tipos de embarcações usadas: *caudicarii*, *lenuncularri*, *scapharii*, *lyntrarii*, entre outros que se encontram registradas sob o nome genérico de “*corpora traiectus*”.⁷²

A atividade dos barqueiros do rio Tibre estava ligada, na maior parte, ao complexo sistema da organização “annonaria” romana, cujo foro principal era Ostia. A

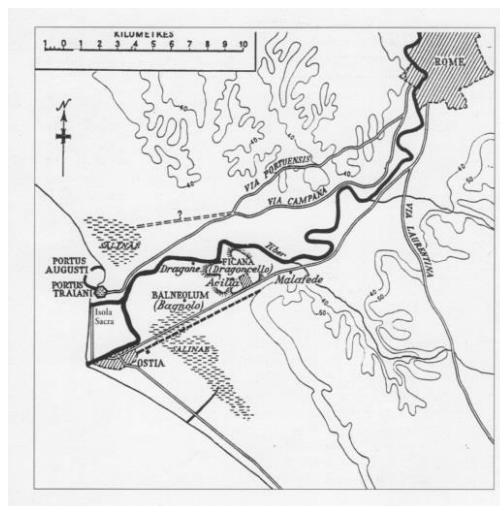
⁷⁰ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op. Cit.*, p. 391, p. 145.

⁷¹ ARNAUD, P. *Les Routes de la Navigation Antique. Itinéraires en Méditerranée*. Paris: Errance, 2005, p. 162 e 165.

⁷² DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op. Cit.*, p. 146

atividade comercial se desenvolvia primeiramente em torno do porto de Claudio e depois em torno do porto de Trajano, ligado com o primeiro por um lado e com o Tibre por outro lado através de amplos canais.

Figura 11 – Trajeto de Ostia à Roma por meio do rio Tibre⁷³



A propósito dos barqueiros, é necessário, antes de tudo, fazer uma primeira distinção: havia aqueles que ajudavam os navios nas manobras portuárias, aqueles que descarregavam (no todo ou em parte) dos navios de carga as mercadorias na embocadura do Tibre, que seriam estocados nas horreae do porto de Ostia, assim como aqueles barqueiros que, de Ostia, transportavam as mercadorias para Roma. Aqueles que descarregavam os navios eram os mesmos que reabasteciam para a viagem de volta.

Entre os primeiros a trabalharem no âmbito do rio Tibre, os “lenuncularii” eram proprietários dos “lenunculi”, ágeis e velozes barcos a remo de várias dimensões, do tipo daqueles usados para a pesca. Sua atividade consistia, essencialmente, em operações de esvaziar dos navios as mercadorias, não só na chegada como também na partida. Outras vezes, o trabalho dos “lenuncularii” podia limitar-se a esvaziar os navios de carga para facilitar as manobras de atracação no porto e eram de duas

⁷³ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.*, p. 116.

categorias: os “*lenuncularii tabularii auxiliarii ostienses*” e os “*lenuncularii pleromarii auxiliarii ostienses*”.

Outra categoria levantada por De Salvo, baseando-se na obra de Estrabão, são os “*Plenomarii*”, encontrados em menor número, o seu serviço devia estar limitado ao esvaziamento dos navios muito pesados antes de entrar no porto para facilitar as manobras de atracação e saída. Os “*tabularii*” exerciam a atividade do controle das mercadorias e navios na entrada e saída do porto, eram mais numerosos e importantes. Devemos salientar que em vários mosaicos podemos vislumbrar esses diferentes tipos de barcos e seus respectivos trabalhadores/barqueiros, segundo características específicas na prática das funções a serem executadas.

Os barqueiros das duas categorias, *tabularii* e *plenomarii*, eram ambos “auxiliares” e andavam na embocadura do porto em *lununculi*. Os *pleromarii* ajudavam os navios na entrada a descarregar mercadorias e na saída, quando partiam do cais parcialmente carregados porque o peso excessivo deveria ser evitado tanto quanto o peso muito leve. Ambos poderiam causar o tombamento da embarcação. Os *tabularii*, ao invés, ajudavam efetuando todo tipo de controle e no caso de esvaziamento dos navios antes de entrar/sair do porto, deviam registrar também as mercadorias desembarcadas.

Depois as mercadorias seriam novamente controladas, pesadas e armazenadas nas *horreae*. Os *tabularii* desenvolviam essas operações de controle de vários tipos: não nos escritórios ou no cais, mas nos navios e também prestavam todo tipo de ajuda para um bom ingresso no porto. Em uma cena de descarregamento ainda no mar (*pleromarii*), um homem sobe uma passarela, transfere portando sobre os ombros uma ânfora de um “nave onenaria” para um barco, geralmente identificada como *navis caudicaria*. O mastro parece não adaptar-se bem à vela e, por outro lado, faltam os remos: a falta de elementos característicos torna incerta a identificação do

barco.⁷⁴ Com certa cautela, levanta-se a hipótese de que possa se tratar de um *lecunculus* e que o homem que está efetuando a transferência seja um *lenuncularius* *pleromarius* sobretudo pelo fato de que a cena se desenvolve no mar.

Outras inscrições em Ostia informam a existência de quatro *traiectus*⁷⁵: *lucullii* (CIL, XIV, 309 e 451) *rusticeli* (CIL, XIV, 4553, 4554, 4555, 4556, 5327, 5328), *togatensium* (CIL, XIV, 403) e *marmorariorum* (CIL, XIV, 452). Em dois destes *traiectus*,⁷⁶ os *lucullii* e *rusticeli* são usadas duas diferentes categorias de barcos: *lenuncularii* e *schafarii*. Estes barcos diferentes dos *lenuncularii* transportavam também pessoas e, em particular, os trabalhadores do porto.

Schapharii ou *lenuncularii* trabalhavam no rio Tibre e seus canais navegáveis e também ao longo da costa do Mar Tirreno, transportando de um lado a outro pessoas e mercadorias, eram embarcações que serviam para pequenos deslocamentos. *Traiectus Luculli* e *Traiectus Rusticelli* foram por um tempo barcos usados para o serviço privado e mais tarde para o “Estado”. Eles eram utilizados para carregar blocos de mármore provenientes, por exemplo, de Lumi e da Grécia.

O *Corpus traiectus togatensium* era utilizado como transporte para advogados – *togati* – e clientes que acompanhavam personagens importantes ao *fórum*. As corporações eram constituídas de comerciantes e transportadores marítimos e fluviais, sob o patronato de Cn. Sentius Felix, um influente cidadão ostiense e tal expressão indica, provavelmente, ser um encarregado da *annona*. A corporação devia estar ligada ao transporte de pessoas que desenvolviam uma atividade relativa à vida civil, como trabalhadores portuários.⁷⁷

⁷⁴ Statio 25 de nosso Catálogo de Mosaicos da Praça das Corporações. Cf. MEIGGS, Russel. *Roman Ostia*. Londres: Oxford University Press, 1997, p. 294.

⁷⁵ São embarcações que navegam no rio Tibre.

⁷⁶ Discute-se se o termo *traiectus* significa barca ou embarcador. Entende-se *traiectus* no senso de “transporte de ponta a ponta”. Lieta de Salvo baseia-se em Le Gall para explicar que *lucullii* e *rusticeli* seriam antigos “embarcadores” (donos de barcos) privados, indicando o proprietário e não os barcos). Os barqueiros do Tibre seriam agrupados duplamente de acordo com o tipo de barco ou segundo o cais onde atracavam. Os *traiectus marmorariorum* tinham um cais especializado para desembarcar as mercadorias. *Traiectus* significa aquele que transfere, aquele que transporta. *Battellieri* significa barcos.

⁷⁷ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano*. Op. Cit., p. 166.

Os “scapharii” são pequenas embarcações em forma de foice, utilizadas no rio ou no mar, com um ou dois remadores que eram parte integrante da estrutura dos navios. Em caso de naufrágio, trabalhavam nos serviços de resgate mas podiam também ajudar os navios nas manobras portuárias. Os *scapha* podiam também exercer a mesma função dos *lenucularii* no esvaziamento dos navios. A *scapha* possuía um remador que guiava a *nave onenaria*, precedendo-a. No baixo relevo de Torlonia, parece que o marinheiro no barco esteja esticando o cabo (corda) para o reboque. A atividade dos *scapharii* não estava limitada ao âmbito portuário, mas se desenvolvia sobre todo o curso do Tibre, e era semelhante a dos *urinadores*, encarregados de resgatar objetos que, frequentemente, deviam cair dos navios nas operações de descarregamento.

Os *lyntres* eram embarcações muito difundidas no mundo romano e eram empregadas quase que exclusivamente para a navegação fluvial e lacustre (naves fluminales). Os barcos eram construídos com um único tronco, mas havia outro tipo de *lyntres* de dimensões bem maiores, a ponto de comportar ao menos seis pessoas e de suportar longas viagens. São barcos de forma alongada, estreita e pouco profunda onde podiam ser usados remos ou vela. O *lyntres* do baixo relevo do Museu do Louvre carrega a bordo um grande bloco de mármore e não está excluída a possibilidade dele ser usado pelo *corpus traiectus marmorariorum*. Provavelmente as funções dos *lyntres* sob o Tibre deveriam ser múltiplas. Como tinha o fundo achatado de seu casco, deviam ser utilizados sob as águas pouco profundas e rápidas do lado mais alto de Roma, no curso superior e médio do Tibre. Os *lynttrarii* constituíram uma importante corporação (ao menos no IV século d.C.), e se deduz que tivessem uma legislação similar a dos *navicularii*, talvez porque o seu tipo de embarcação se prestava bem para o transporte de mercadorias particulares, como o mármore ou a madeira.⁷⁸

Naquela que podemos definir como a segunda fase do transporte fluvial, de Ostia a Roma, atuava uma das mais importantes corporações de barqueiros,

⁷⁸ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op. Cit.*, p. 168.

particularmente ligada à *annona*, aquela dos *caudicarii* ou *codicarii*, presente de maneira massiva na epígrafia romana e ostiense. A atividade principal consistia no transporte de mercadorias das *horreae* de Ostia até as zonas de empórios romanos. As naves eram conhecidas como *navis caudicaria*. Depois do período da grande expansão romana no século I a.C., as *naves caudicariae* foram transformadas em verdadeiros e próprios barcos muito numerosos e deveriam ter uma notável capacidade de armazenar mercadorias (grande porão e estiva) e eram conhecidas também como *naves onenariae*.⁷⁹

Os *caudicarii* eram um tipo de barco que podia ser puxado por homens ou animais sob o rio e também efetuar navegação costeira, impulsionado por vela. Lietta de Salvo baseia-se em Procopio em sua descrição dos barcos do rio Tibre e relata que usavam ambos os sistemas de propulsão. Os barcos puxados por homens só caminhavam durante o dia e em passo muito lento, levando cerca de 3 dias para cobrir a distância de Ostia a Roma (35 km) com uma média de 11 km por dia.

Logo que o barco descarregava as mercadorias, elas eram rebocadas em direção a Roma por meio de atrelagem de bois que puxavam a embarcação como se fosse uma charrete. Procopio dizia que quando os bois não agüentavam puxar o barco eram utilizadas velas para deslizar sobre o rio.

Os *codicarii* não deviam ser empregados somente no transporte de mercadorias, sobretudo grãos, das *Horrea* de Ostia para Roma, mas também em uma livre atividade comercial costeira. As *naves codicarii* aparecem como barcos que faziam serviços de cabotagem ao longo do litoral de Ostia até a região da Toscana e também navegavam pelo mar Tirreno (*Mare Inferum*).

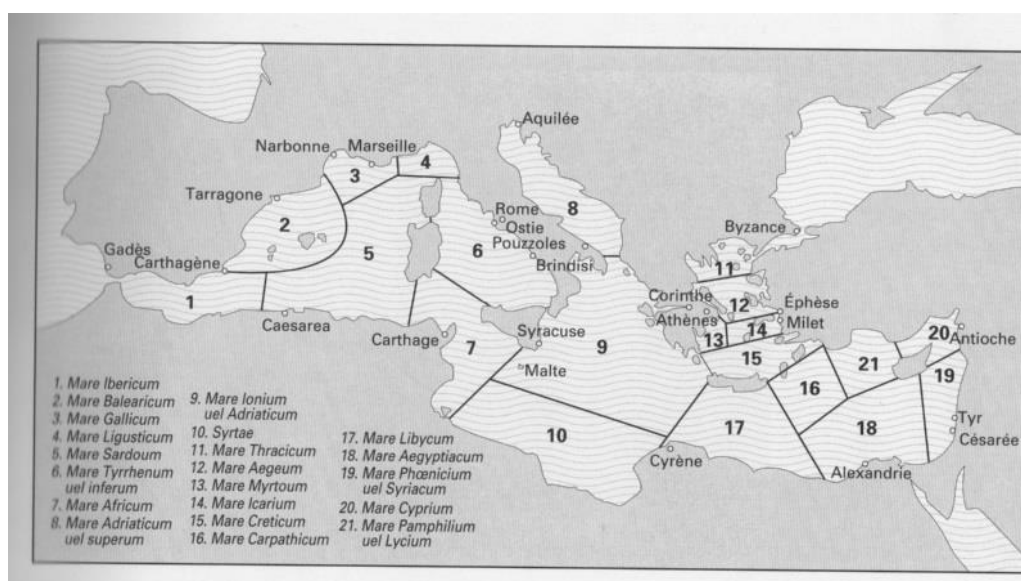
Esta última atividade pode ser atestada, além das definições de *naves caudicariae* e de *naves onerariae* também pela existência, em Ostia, de uma corporação de *curatores navium marinarum et amnalium Ostiensium* que eram

⁷⁹ Statios 3 e 45 de nosso Catálogo de Mosaicos da Praça das Corporações.

responsáveis não só pelos barcos fluviais, mas também pelas embarcações marítimas das bacias portuárias romanas.

Os *codicarii* não deviam ser os únicos a efetuarem navegação de cabotagem ao longo da costa da Toscana e da Campânia. Pode-se pensar numa análoga atividade dos *lenuncularii traiectus Luculli*, dos *navicularii Terracinenses*, dos de Puteoli e de Ercolano. Porém os *codicarii* e os *codicarii navicularii* aparecem como os mais ligados ao serviço *annonario*.

Figura 12 – Espaços marítimos no Mediterrâneo Antigo⁸⁰



A ligação deles com a administração *annonaria* pode ser atestada por inúmeras epigrafias e, acima de tudo, pela presença de um statio na Praça das Corporações (CIL XIV, 4549, 43). Havia uma espécie de solidariedade entre os *codicarii* e os *mensores Portuenses* que administravam este setor traduzido numa Constituição de dezembro de 417 que obrigava a nomear uma delas, escolhidas indiferentemente entre as duas corporações para supervisionar casos de fraude que, tanto uma quanto outra, podiam cometer contra o “Estado”.

Lietta de Salvo explica que: “A constituição de 417, segundo Procópio (1,26, 10-12) dizia que os *codicarii* carregavam as mercadorias das *horreae* nos seus barcos

⁸⁰ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.*, p. 23.

e não diretamente dos navios.”⁸¹ Toda vez que Roma estava desabastecida, um novo carregamento era feito pelas *naves caudicariae*. As operações de desembarque dos navios de mercadorias (*naves onenariae*) e embarque nas *naves codicarii* para Roma deviam acontecer em duas fases, pelo fato que a navegação marítima era efetuada principalmente no verão, enquanto sob o rio Tibre esta era feita de preferência no inverno e na primavera. Os *codicarii* trabalhavam também para particulares, mas a prioridade devia ser reservada para os serviços “estatais”. As associações de barqueiros do rio Tibre deviam ser bem prósperas e organizadas, sobretudo entre os séculos II e III d. C.

Nesta seção tivemos o intuito de identificar e descrever os tipos de embarcações organizados em Corporações de Ofício que atuavam em Ostia. Seguimos a descrição e análise propostas por Lietta de Salvo, especialista no estudo da navegação da Antiguidade Romana.

2.4 – As associações de ofícios.

Em Ostia, as primeiras associações datam da época Julio-claudiana (I d.C.). A população não escolhia diretamente os magistrados da colônias, nem os patronos das associações. Havia a necessidade de sanção formal do Estado (Senado) e do Imperador para isto. Na cidade o poder político e econômico encorajou o surgimento de formas associativas que se tornaram um instrumento eficaz de participação política no final da época Julio-claudiana, A prosperidade das associações coincide com o aumento do nível de complexidade das cidades em relação ao comércio marítimo principalmente no II século d.C. e primeira metade do III século d.C.⁸²

A palavra *Corpus* significava a verdadeira e própria associação profissional e *collegium* significava uma organização assistencial, funerária e religiosa. Não cabia às

⁸¹ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano. Op. Cit.*, p. 180.

⁸² AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, p. 73.

corpora supervisionar ou disciplinar o aprendizado dos futuros artesãos, mas funcionava de fato como uma espécie de intermediária com finalidade reivindicativa nos confrontos entre os empregadores e seus trabalhadores e o ponto central das associações girava sempre em torno dos próprios empreendedores (fundadores, e patronos) e não de seus dependentes.⁸³ Era, sem dúvida, uma forma eficiente de organização do trabalho e integração social efetiva.

Um dos principais encargos dessas organizações era agir junto às autoridades para defender os interesses econômico-profissionais dos associados. Estava ainda longe os tempos em que as profissões eram hereditárias e as associações estritamente regimentais foram transformadas em instrumentos de controle da vida econômica por parte do poder “estatal”. Na metade da época imperial, sobretudo em Ostia ligada à Roma por funções delicadas e vitais, uma associação de ofícios cuidava com especial atenção, das relações com os funcionários públicos e o controle social. Surgiram possibilidades de lucros empreendedores, contratos, privilégios e isenção, apoio nas contendas com outras associações e com organizações paralelas de outros centros. Tais benefícios eram explicitamente recordadas nas inscrições epigráficas das estátuas que esta coletividade em prestava em agradecimento aos expoentes da administração pública e o primeiro entre eles era o procurador da *annona* em Ostia.

“O prefeito da *annona*, função política estratégica para o abastecimento do Império como um todo, ficava estabelecido em Roma, por nomeação imperial. Para Ostia, foi designado um ‘procurador’ que seguisse as diretrizes centrais estabelecidas pelo prefeito romano.”⁸⁴

Não se sabe em que medida nas reuniões se falava concretamente de negócios, se a associação intervinha na organização do trabalho, nas possibilidades de melhorias e inovações técnicas, nível de salários dos associados e o preço dos produtos no comércio. Embora os *collegia* fossem bem mais que um “Club”,

⁸³ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 87.

⁸⁴ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 218.

informações disponíveis, epigráficas sobretudo, falam exclusivamente da vida social desenvolvida no seu interior.⁸⁵

Havia um estatuto instrutivo para cada associação, *lex collegii*, que às vezes era uniforme e geral para todas elas. A entrada numa associação era feito por adesão e, na maioria delas, havia o pagamento de uma cota pelos aderentes.⁸⁶ Estar isento da cota era considerado uma honra particular. Não está provado que pertencer à uma associação era condição indispensável para exercer, uma certa função (ofício) ou praticar o comércio. O conjunto de seus membros, *plebs*, em analogia entre a associação e o organismo citadino, era registrado em álbuns anuais e pode-se acompanhar a ascensão social de seu membros, reflexo do posto que ocupam e da função organizatória dessas associações.⁸⁷

Quanto à composição numérica esta derivava do peso econômico-social da corporação, ou melhor, da atividade produtiva ou da especialidade de comércio a que esta se referia. No vértice das associações se encontravam os construtores civis (*fabri tignuarii*) com 350 membros no final do II século os *lenuncularii tabularii* (proprietários de pequenos barcos fluviais) com talvez 290 membros em 213 d.C., porque construção civil e transporte fluvial eram, no fundo, os principais recursos econômicos da cidade.⁸⁸

De importância notável devem ter sido também as associações de construtores navais (*fabri navales*) e dos medidores de grãos (*mensores frumentarii*). Havia também associações modestas, pelo menos em relações ao número de seus membros como os limpadores (*fontani*) de fontes, porões de navios e cisternas, que eram cerca de 50 em 232 d.C. e os *lenuncularii pleromarii* (proprietários de barcos pequenos) que eram cerca de 24 em 200 d. C.⁸⁹

⁸⁵ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, 221

⁸⁶ Estabelecida de acordo com o número de aderentes e importância da associação. Cf. MEIGGS, Russel. *Roman Ostia, passim*.

⁸⁷ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 82

⁸⁸ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 187

⁸⁹ AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, p. 28

Figura 13 – Baixo-relevo votivo dos *Quinquennales* da corporação dos *Fabri Navales*⁹⁰



No interior das associações não havia distinção entre os nascidos livres e os libertos, nem para a inscrição, nem para a eleição dos cargos sociais. Da mesma maneira, como aos libertos, era interditado o acesso ao conselho dos decuriões e as magistraturas cidadinas. Os organismos profissionais aparecem como um espaço ideal para fazer valer um desejo de afirmação econômica e de integração social porque os libertos eram, em muitas áreas, os protagonistas das atividades comerciais e produtivas da cidade. Frequentemente a carreira de um liberto numa associação de ofício tinha a ajuda de um ex-patrão (proprietário, dono) influente, como por exemplo *Faustiano* e *Epitteto*, libertos de um homem de negócios e homem político *Publio*

⁹⁰ POMEY, P. (org.) *La Navigation dans l'Antiquité. Op. Cit.* p.118.

Audifio Forte, que como ele, tiveram cargos de importância no *collegia* dos mercadores de grãos.⁹¹

Os cargos internos eram ascendidos por eleição por parte da assembleia geral dos membros. Os magistrados principais eram os *quinquennales* (dois ou três eleitos por cinco anos ou vitalícios) e o outro cargo importante era o de tesoureiro (*quaestores* ou *curatores*) para a gestão da caixa comum baseada nas inscrições dos membros, doações testamentárias e proventos das produtividades que as associações podiam ter legalmente. Entre estas, estavam os escravos, provavelmente utilizados para a manutenção das sedes sociais e os templos.⁹²

Embora fosse vetado, um membro de uma associação podia ser também membro de outra diferente e as associações procuravam captar o maior número possível de pessoas ricas e influentes para fazerem parte dela porque as doações feitas por elas para a associação, o que aumentaria seu prestígio. Os membros nem sempre estavam diretamente ligados ao setor econômico a que a associação se dedicava e a escolha do *patronus* era de primária importância porque levava em conta os interesses complexos da categoria junto aos órgãos do governo local e central. O estatuto da associação estava de acordo com o da cidade e os patronos podiam ser pessoas de origens e posições sociais diversas institucionais também e os libertos também podiam ser patronos. Por exemplo, Senzio Felice, no final do I século d.C. e início do II d.C., era um rico armador e patrono de quase vinte corporações. Também membros da ordem equestre e senatorial eram frequentemente escolhidos para patronos.⁹³

Havia em Ostia como em outras cidades associações de jovens de famílias dominantes da cidade que anualmente produziam espetáculos de jogos atléticos (*ludus*), homens que corriam em carros sobre duas rodas (*cisia*). Havia, também, a corporação de veteranos de guerra - ex-soldados - que se estabeleceram em Ostia

⁹¹ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 256.

⁹² CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 179.

⁹³ AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, p. 54.

(*veterani Augusti*). Havia também os *Beneficarii procuratoris Augusti* (braço armado do procurador da annona) e *Collegia tenuiorum* (dos pobres) para recolher fundos destinados ao serviço funerário dos inscritos. Decretos senatoriais autorizavam a criação das associações e era uma forma de controle Estatal, com normas minuciosas para impedir reuniões frequentes que explorassem seu quadro institucional. Havia, por exemplo associação dos pintores (*collegae pingentes*) e associação para recolher fundos para a restauração de um templo (*ordo corporatum ampliandum templum...*).⁹⁴

Um problema complexo era quando um patrono pertencia a mais de uma associação. Esta prática era vedada por uma disposição legislativa renovada por Marco Aurélio e Lucio Vero, mas largamente ignorada. Em Ostia, temos vários exemplos de um mesmo nome em álbuns de muitas associações. Em alguns casos se tratavam de atividades conectadas entre elas.⁹⁵

Marco Cerrelio Lazemis, por exemplo, era *quinquennalis* dos padeiros (*fornai*), mas fazia parte também da associação dos *codicarii* e dos mercadores de grãos que cobriam todo o trajeto comercial do transporte, da transformação e da venda do trigo para Roma. Outro exemplo era o de *Marco Licinio Privato* que foi em momentos diversos *magister quinquennalis* dos construtores civis e dos *questores* e também *quinquennalis* dos padeiros (*fornai*). Os empreendedores podiam fazer parte das associações de ramos totalmente separados da produção e do comércio. Na tumba 78 de *Isola Sacra* de Ephimetehus, aparece uma inscrição em estela funerária que diz que ele era proprietário de barcos de reboque e de panifícios.

Por outro lado, as associações tentavam aumentar o seu prestígio e obter mais doações através de uma política de cooptação de personalidades ricas e influentes e mesmo de homens não diretamente envolvidos no setor econômico específico. De fato, o fenômeno da participação em organismos diversos tinha relações com os membros que detinham cargos internos e que pertenciam a uma

⁹⁴ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, 79.

⁹⁵ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 132.

classe social mais abastada. Há casos de simples inscritos que aparecem no elenco (lista, relação) de duas associações simultâneas, mas elas são esporádicas.

Um ato importante para a existência das corporações era a escolha de um *patrono* que tinha a incumbência de divulgar e representar os interesses mais complexos da categoria junto aos organismos do governo local e central e também em relação a isto o estatuto da associação estava em concordância ao da cidade. Os patronos podiam ser personagens muito diferentes por origem e posição social e institucional e não eram excluídos os libertos. Alguns patronos eram provenientes da própria associação de onde tinham exercido e continuavam a exercer cargos ordinários e outros eram eleitos (escolhidos) por organizações paralelas. Típico era o caso de *Publio Aufídio Forte, quinquennales perpetuus* dos mercadores de grãos e ao mesmo tempo patrono dos *mensores frumentarii* e dos *urinatores*.

É natural que um comerciante de grãos devesse ganhar o reconhecimento dos *mensores* que controlavam os carregamentos de mercadorias e dos mergulhadores que as recuperavam em caso de naufrágio.⁹⁶

Outro caso marcante de pertencer a mais de uma corporação, era o caso de *Cneo Senzio Felice*, que viveu entre o final do século I e os primeiros decênios do II século d.C.. Ele era um rico armador, influente na própria associação (*quinquennalli curatorun navium navicularum*) e que se fez eleger patrono de quase vinte *corpora* de setores frequentemente distante entre eles como dos funcionários (empregados) públicos, barqueiros, mercadores de vinho e pescadores. *Senzio Felice* controlava na prática a cidade inteira e não só do ponto de vista econômico, porque havia percorrido também vários graus da vida política local, incluindo a carreira de *diunvurus perfectus*.

Para estes homens obterem o patronato de um *collegio*, especialmente os mais importantes, era mais uma entre as maneiras possíveis de acrescentar ao próprio poder mais influencia no âmbito citadino. Algumas associações, em geral as mais numerosas e destacadas, escolhiam os patronos além do horizonte local, dirigindo-se

⁹⁶ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 133.

diretamente as camadas políticas que tinham em mãos a gestão dos negócios de Estado: a ordem equestre e a ordem senatorial. No caso dos funcionários equestres, não estava excluída a possibilidade de uma ligação direta entre patronato e cargo exercido, como por exemplo, a relação entre prefeito e *annona*. Para um senador romano, vindo de Ostia, o patronato não era um título honorífico a mais, enquanto para a associação elegê-lo como o próprio representante, significava adquirir uma decisiva conotação de prestígio. Em 152 d.C., os *lenuncularii tabularii*, uma das principais corporações, podiam abrir o seu *album* com os nomes de quatro patronos senatoriais

A associação dos construtores civis tinha uma característica particular e a terminologia usada nas inscrições recordava em muitos aspectos com aquelas militares e o conjunto de seus membros era definido como *numerus caligatorum decuriarum XVI collegiui fabrum tignariotum ostiensium*.⁹⁷ A decúria dos *fabri* era composta por 22 membros e se juntavam ao número de mais 350 inscritos, o que fazia deste colégio o mais importante de Ostia e cada uma era comandada por um decurião.

À frente estavam então três *magistri quinquennalis*. Mas, por sua vez, respondiam a um *praefectus*, um funcionário eleito pelos membros, mas nomeado de fora, provavelmente dos conselhos citadinos e escolhidos entre os homens de ponta do governo local, privados porém de relações de negócios com os construtores e este era um caso único no âmbito das associações ostienses. Por outro lado, não se conhece, com certeza, nenhum patrono dos construtores de Ostia: a ausência de alguém eleito poderia ser um sintoma de falta de autonomia desta associação e é possível que a organização para-militar dos *fabri* fosse funcional porque tinham também a tarefa de apagar incêndios em apoio aos *vigilis*.

É mais provável que o peso relevante da edilícia (construções) na economia cidadina se deu sobretudo numa época de grande crescimento econômico na qual a necessidade de criar mais alojamentos, podia transformar-se num sério problema social. Junta-se a isto o interesse do governo da cidade na manutenção e no restauro

⁹⁷ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 134.

dos edifícios públicos o que determinava um rígido sistema de controle por parte dos magistrados urbanos.

Depois da construção dos portos imperiais de Ostia tiveram num primeiro momento associações de ofício em comum como a dos peleiros no II século d.C. (*corpus pellionum Ostiensium et Portensium*) e dos padeiros no III século d.C. (*Corpus storum Otiensium et Portensium*). Mas é documentado que em outros casos, *Portus* tinha suas corporações específicas como *corpus cabrum navilium Portensium*.

2.5 – As sedes das associações.

A sede (*Schola*) de um *coleggio* poderia ser alugada ou própria e era, portanto, o local físico no qual se desenvolvia todos os momentos fundamentais da vida associativa à parte algumas cerimônias religiosas que para as organizações mais importantes se desenvolviam em templos anexos. As *Scholae* identificadas em Ostia são muitas e variavam por tipologia, complexidade e elegância de acordo com a propriedade e importância do *coleggio* a qual pertencia. Não surpreende encontrar a sede dos construtores civis (*Fabri Tignuarii*), a organização mais poderosa em uma posição bem localizada numa esquina do cruzamento do *Decumanus Maximus* e o *Forum*. A planta do *caseggiato dei triclini* em *opera mista* da época Adriana, era de um tipo utilizado em Ostia para cada gênero de edifícios, como blocos de apartamentos de aluguel, as *insulae*, e as *Horreae* e adaptado aqui as exigências específicas de uma *schola*. O ingresso era pelo *decumanus maximus* ladeado por lojas independentes e que davam, no seu interior, em um pátio retangular com pórticos e pilastras. Ali os *fabris tignuarii* colocaram uma estátua de *Setimo Severo* em cuja base se lia um *album* com o nome dos membros do colégio. A sede possuía dois andares, duas escadas internas, uma série de quatro cômodos usados como triclinium onde se desenvolviam os banquetes sociais. Foram encontrados também uma cozinha e uma latrina.

Uma das principais *scholae* era conhecida como a de Trajano, era a mais periférica e longínqua do centro da cidade, porque na época que foi construída havia poucas áreas disponíveis para edifícios públicos. Em compensação, era um espaço maior que permitiu expandir-se de um modo mais grandioso, adotando soluções arquitetônicas monumentais e cenográficas, próprias da época de Antonino Pio. Surgiu sob o lado ocidental do *decumanus maximus*, à esquerda com um ingresso suntuoso ornamentado por quatro colunas coríntias em mármore egeu dito *porta Santa*. No vestibulo havia nas laterais duas séries de ambientes cada um dos quais possuindo um nicho enquadrado por colunas e o da esquerda tinha uma estátua do imperador Trajano. O pátio interno era muito amplo com um reservatório d'água longo e estreito cercado por nichos. Havia uma ala no fundo onde ficava a sala central com ingresso ornamentado e piso interno de mosaicos com desenhos geométricos destinados aos banquetes colegiais (*triclinium*).⁹⁸

A importância da localização da *schola* estava de acordo com uma das corporações mais importantes e prestigiosas da cidade. Tratava-se da sede dos construtores de navios (*fabri navales*), cujo templo colegial se encontrava do lado oposto do *decumanus maximus* em frente a *schola*.

Há sedes colegiais cuja planta era mais simples e com dimensões modestas, ocupando em geral um andar térreo. Uma inscrição a identifica como *schola dei corpus lenunculariorum traiectus lucullii*, os barqueiros do trajeto de Lecullo, e sobre a *via della Foce* ficava uma sala muito simples destinada às reuniões dos *mensores*, decorada com um mosaico que ilustra esta atividade e uma pilastra com uma dedicatória ao patrono da categoria. A *Domus di Marte* no *cardine dos Aurigas*, era talvez a sede de um *collegio* menos importante e além do corredor de entrada, havia cinco pequenos cômodos em torno de um pequeno pátio e dos quais eram tabernas abertas para rua.

⁹⁸ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, pp. 138-139.

Além das reuniões e assembleias realizadas para discutir iniciativas comuns, nas *scholae* se desenvolviam atividades de convivência reguladas por um complicado sistema de normas e termos fixos. Grande importância deveria ser a data de nascimento de seus membros, a ponto de *Egrilio Fausto* ter deixado em testamento para sua associação quatro mil sestércios para que fosse oferecido todo ano uma *cena social* em 27 de novembro,⁹⁹ certamente a data de seu aniversário. Mas também em vida, os membros das associações preocupavam-se com as datas de aniversário, como prova uma epigrafia de um *collegium* não identificado, mas que registra mês a mês os nomes dos inscritos precedido pela indicação da data de nascimento, seguido da soma doada, geralmente em torno de dois mil sestércios. Dessas doações mensais, cerca de 12% eram destinadas a bancar os custos de banquetes coletivos. Além das reuniões e das assembleias realizadas para discutirem as ações comuns, nas *scholae* se desenvolviam atividades sociais com todos os seus membros e presume-se que as associações tinham um sistema de normas interno e condições mínimas para se pertencer a alguma delas. Uma data especial era o aniversário dos imperadores, porque as associações precisavam da legitimidade e benevolência imperiais para garantir apoio e benefícios e a lealdade política aos imperadores era fundamental para a existência das *scholae*. De uma série de inscrições pertinente ao *corpus* dos barqueiros do *traiectus Rusticeli*, pode-se deduzir que era comum o hábito, por parte de seus membros mais abastados, de embelezar a sede da organização com afrescos representando componentes da casa imperial e as doações eram feitas por ocasião do aniversário de personagens ilustres pertencentes a ela.¹⁰⁰

Uma outra epigrafia de um colégio desconhecido contém uma relação de todas as doações oferecidas pelos membros da *schola* a partir da data de sua construção. Existem também estátuas e bustos da dinastia reinante (Antoninos) esculpidos em madeira, bronze ou prata. Eram doados também objetos de utilidade

⁹⁹ Em Roma, *cena* significava refeição noturna após a jornada de trabalho.

¹⁰⁰ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, pp. 140-142.

prática como bancos de madeira para várias pessoas e cadeiras para as reuniões. Em ocasiões especiais, essas doações eram destinadas, como na ocasião da data de fundação da associação, a distribuição de somas de dinheiro a todos os inscritos e o valor variava de acordo com o grau de importância dos membros, principalmente aqueles que exerciam cargos sociais relevantes em Ostia.¹⁰¹

Outras ocasiões que eram comemoradas de modo especial era a data da fundação da *schola*, acompanhada de distribuição de somas em dinheiro para todos os inscritos (em geral quatro *sestércios* por pessoa). Sabe-se também que esta soma (*sportulae*) era diferenciada de acordo com a idade e cargos dos membros que a recebiam. Fazia-se a distinção entre os membros simples (*baselliarii*) que tinham o privilégio simbólico de ocupar uma cadeira com dois lugares e os *duplicarii*, os *triplicarii*, e os *sesquuplicarii*, para os quais a *sportulae* vinha duplicada, triplicada, etc, destinado aos *honorati*, ou seja, os membros mais importantes que haviam recebido cargos sociais.¹⁰²

2.6 – Os cultos colegiais.

Também na vida das associações profissionais, os cultos religiosos eram revestidos de uma importância notável. Quase sempre as associações recordam à proteção de uma divindade própria, isto é, a um *genius*. Podemos citar, por exemplo, o *Collegium geni fori vineri*, que provavelmente reunia os mercadores de um *forum vinarium* não identificado.

Outras associações preferiam adotar como objeto de culto uma outra divindade da religião grega. Um altar dedicado a Marte (*Marti Augusto Sacrum*), é o único elemento que faz supor que a *Domus di Marte* abrigava um *collegium* profissional. As cerimônias religiosas das associações se desenvolviam, em parte, no interior das

¹⁰¹ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 157.

¹⁰² CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 231.

próprias *scholae*, como na *Domus di Marte*, mas sobretudo eram realizadas nos templos colegiais.

Conhecemos em Ostia, pelo menos quatro santuários que pertenciam com maior ou menor grau de probabilidade às associações de ofícios. O mais importante encontrava-se no lado ocidental do *decumanus maximus*. Da porta de entrada, um corredor conduzia a um profundo pátio circundado pelos três lados por pórticos e colunas formando um amplo espaço aberto para os membros colegiais reunirem-se. O templo verdadeiramente ocupava o quarto lado, ou seja, o do fundo. A identificação é possível graças a duas inscrições: uma dedicatória, sob a base da estátua é para o patrono dos *Fabri Navalis* e no álbum fragmentado dos membros da associação, aparecem alguns estrangeiros (peregrini), de nascimento livre, somente aceitos nesta associação de armadores.¹⁰³

Este santuário era da época do imperador Comodo e sabe-se que esta poderosa associação primeiro constituiu sua sede social, ou seja, a *schola* de Trajano, depois de dez anos comprou o terreno em frente à *schola* e mandou erigir o templo colegial, concentrando em pouco espaço os edifícios públicos destinados á vida associativa.

Os *Fabri Tignuarii* (construtores civis de edifícios públicos e privados) porém, não encontraram área livre em local tão privilegiado como o da *schola* de Trajano e do templo, que ficavam próximos ao *fórum*, não muito longe de sua sede oficial *Caseggiato dei Triclini*, o *collegium* foi construído no *decumanus maximus*, um pouco antes do teatro. Próximo ao local foi encontrado uma inscrição dedicada ao imperador Pertinace divinizado que no decorrer do seu reinado (192-193 d.C.), ele, por um tempo estabeleceu-se em Ostia e, provavelmente, tenha concedido alguns favores a esta associação. É possível que este templo seja da época do imperador Sétimo Severo, que se proclamou vingador e herdeiro de Pertinace. Este é o único santuário colegial que se pode atribuir um culto preciso, neste caso, o culto imperial. A área sagrada,

¹⁰³ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano*. Op.Cit., p. 326.

fechada no interior do recinto, era dividida em um vestíbulo com um espaço próprio para o culto e acessível mediante o ingresso por três arcadas com colunas. O templo surgia sobre um alto *podium* e no seu interior eram recolhidas as dádivas nativas em *cellea* próprias.¹⁰⁴

O outro templo foi construído na Via del Pomério e na entrada encontravam-se várias lojas que podem ser interpretadas de maneiras diversas. Podiam tratar-se de lojas independentes ou eram de propriedade da própria associação, mas alugadas por esta à negociantes autônomos. Com a renda obtida no aluguel destas lojas, eram financiadas as atividades coletivas, a manutenção da *schola* e as necessidades do culto. A planta do templo e o fato das lojas terem comunicação com a parte interna do edifício torna verossímil a hipótese que, alguns membros da *schola* vendessem diretamente os produtos ligados aos seus ofícios. Neste templo pode-se encontrar um *mitreum* (referência à Mitra, divindade siria). Pelas inscrições sabemos que foi construído por um certo *Fruttuoso*, patrono da associação. Sobre o nome da associação, resultou apenas um S inicial. Encontramos um Fruttuoso entre os membros do *collegium degli Stuppatores* (fabricantes de tecidos e cordas) no século II d.C., e é provável que o santuário pertencesse à esta associação.¹⁰⁵

O último templo encontrava-se na *Via della Foce* e há uma estreita continuidade entre a sede social o local de culto colegial. Surge, de fato, ao lado da *Aula dei Menses* e, como esta, é pequena e simples, sem pátio interno com pórticos ou vestíbulo. Há a hipótese de que não pertencesse inteiramente à importante associação dos *Menses*, e não se sabe exatamente que culto era ali praticado. Sabemos, porém, que a associação dos medidores de grãos, no seu conjunto, se declarava fiel a Ceres, divindade da colheita, a partir do momento em que os seus membros se atribuíam o título de *Menses Frumentari Cereris Augustae*.¹⁰⁶

¹⁰⁴ CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, p. 216.

¹⁰⁵ AUGENTI, E.D. *Gente dell' Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, p. 35.

¹⁰⁶ *Ibid.*

2.7 – O artesanato urbano ostiense.

As atividades econômicas desenvolvidas em Ostia, não se limitavam ao comércio. Segundo Pavolini, " a população ostiense não era a plebe ociosa e assistida que habitava Roma". O território de Ostia era pobre em recursos naturais, com exceção da argila do rio Tibre e da madeira das florestas nos arredores.

O artesanato e a manufatura em Ostia eram essencialmente dedicados à transformação de matéria-prima que chegava por mar em produtos comercializáveis. A maior parte da produção era para consumo local e o restante era vendido e transportados pelos navios em suas viagens de volta ao local de origem.

Um dos lugares mais utilizados para esta produção eram as tabernas ou lojas (tabernae), numerosas em Ostia e consideradas célula base da economia da cidade. Na maioria delas, unia-se a atividade produtiva desenvolvida na oficina nos fundos da construção e a loja propriamente dita e a entrada era feita pelas vias públicas principais ou secundárias. A produção geralmente era familiar e destinada ao comércio no varejo e é difícil dizer quais tabernas eram somente lojas ou também oficinas. Na maioria delas, encontravam-se sempre tanques, fornos e balcões, indícios concretos das atividades ali desenvolvidas.¹⁰⁷

Além das tabernas, outros edifícios foram construídos exclusivamente para a produção. O tipo arquitetônico os torna inconfundíveis porque eram grandes ambientes, com subdivisões internas e pilastras. No *Caseggiato delle Fornaci*, por exemplo, a presença combinada de fornos e tanques, indica a utilização industrial. Em tais ambientes foram construídos pisos de pedra que podiam suportar muito peso. Ao ambiente maior, foram anexados outros menores com a função de lojas ou oficinas. As oficinas estavam ligadas às séries de lojas voltadas para a rua e para a venda direta do produto aos habitantes da cidade. Nota-se também que as paredes externas laterais eram sustentadas por contrafortes, construídos possivelmente para salvar a

¹⁰⁷ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia. Op. Cit.*, p. 74.

estrutura básica da construção, constantemente ameaçada pelos incêndios causados pela presença de fornos nas instalações.

Estas manufaturas ocupavam os andares térreos de muitas *insulae*, combinando numa mesma construção espaços de destinações diversas, tais como habitação e comércio. Alguns surgiram em pleno centro monumental, como o *Caseggiato della Cisterna*, situado no *decumannus maximus* perto do Fórum.¹⁰⁸

Lietta di Salvo ressalta que não havia nenhuma contradição em relação à instalação de edifícios destinados à produção e ao comércio junto com construções habitacionais. Segundo a autora, nota-se uma crescente presença de oficinas industriais nos quarteirões periféricos da parte norte da cidade, fenômeno atribuído à proximidade do rio Tibre e por consequência maior facilidade no acesso à água, indispensável ao funcionamento dessas manufaturas. É possível também que os escravos que trabalhavam na produção, após terminarem o serviço, dormissem no próprio local de trabalho.¹⁰⁹

Na *Via della Foce*, ao norte da cidade, foi construído um grande edifício que unia bem as funções de produção e moradia. A construção foi realizada em duas épocas diferentes, sob Trajano e Adriano, no apogeu da prosperidade em Ostia. Uma linha de tabernas para o comércio à varejo constituía a fachada sobre a *via*, uma das principais da cidade. O complexo, talvez fosse propriedade de uma associação colegial, porque no fundo da parte interna foi encontrado algo idêntico à um pequeno templo elevado destinado ao culto da divindade protetora. No centro do pátio interno surge um bloco habitativo com dois apartamentos unidos por um muro em comum. Este tipo de construção, muito comum em Ostia, era conhecido como *Case e Giardino*. Neste complexo, os membros do *collegium viviam* em comunidades, convivendo em espaços destinados a moradia, ao trabalho, ao comércio e aos cultos religiosos.

¹⁰⁸ VITRÚVIO. *Dez Livros sobre Arquitetura*, 6, 5, 2.

¹⁰⁹ DE SALVO, L. *Economia Privata e Pubblici Servizi nell'Impero Romano*. *Op.Cit.*, p. 229.

A presença de encarregados pela produção pode ser constatada também através de duas instituições, uma na Praça das Corporações, outra na necrópole de Isola Sacra. A Praça das Corporações recorda os *Stuppatores (et) restiones* (fabricantes e vendedores de tecidos e cordas) e o *corpus pellionum Ostiensium* (fabricantes de peles e couros).

Na necrópole de *Isola Sacra*, encontrava-se o templo de *Verrio Evelpisto* e *Verria Zosime* (dois libertos de origem grega), onde dois relevos simétricos ilustram o ofício de fabricantes de utensílios de ferro ou bronze, exercido pelo chefe da família e em tomo dele são expostas as ferramentas já produzidos.

Um outro relevo recorda o *vascularius Lúcio Annio Ermete*, cujo ofício era a metalurgia. O material utilizado, encontrado em antigas escavações, era a *emitira* (mineral do ferro) encontrado em abundância na ilha de Elba. A emitira, depois de processada, transformava-se em corante. Nas oficinas de Ostia foram encontrados recipiente próprios para fundir minerais diversos. Numa oficina perto do teatro, os arqueólogos encontram vestígios de utensílios fabricados em metais, vidro e esmalte. A análise química desses objetos revelou a presença de satimato, muito comum na Bretanha e Hispânia, principais províncias fornecedoras destes materiais.¹¹⁰

Um setor particular e importante era o da metalurgia que fabricava tubos de chumbo, *fistulae*, para o transporte de água a partir do aqueduto. Este serviço não atingia todos os edifícios, mas somente aos públicos e casas privadas onde viviam os cidadãos que podiam pagar. As inscrições em relevo sobre os tubos, recordam o proprietário do edifício (que podia ser imperador ou alguém da família imperial, no caso de termas ou outros edifícios público), o proprietário da oficina e eventualmente algum empregado em particular (*plumbarius*) .

As oficinas eram, em boa parte, propriedades dos imperados, a outra metade era privada e em mãos de notáveis famílias ostienses, porém a produção era sempre local.

¹¹⁰ MEIGGS, Russel. *Roman Ostia. Op.Cit.*, p. 72.

Segundo Russel Meiggs, um dos casos mais notáveis era o da família Nasenni. Tratava-se de um grupo de fabricantes de tubos que viveu entre a época de Adriano e Severo Alessandro. Estas pessoas eram originariamente escravos gregos, que pertenceram à aristocrática e rica família Nasenni. Libertos, adotavam o nome gentílico dos donos e ficavam responsáveis por uma série de oficinas de chumbo controladas, na realidade, pelos antigos senhores.

A possibilidade de se extrair em abundância dos depósitos fluviais do rio Tibre, forneceu, sem dúvida, a matéria prima para o desenvolvimento dos trabalhos em terracota, nos seus mais variados empregos. Esta atividade, em Ostia, pode ser comprovada pela marca ou pelos objetos produzidos nas oficinas locais (*figlinae*). Entre os proprietários da marca e da oficina, encontravam-se *Lucio Pupilio Celso* e os irmãos *Petroni*, *Mamertikno* e *Settemiano*, todos cônsules na época de Comodo. Também encontramos um liberto dos *Egrilli*, eminente família aristocrática ostiense e romana. Ressalta-se também uma mulher, *Strertinia Bassula*, proprietária de quatro oficinas diversas, sob a responsabilidade de seus escravos ou descendentes. É evidente que, na produção artesanal, tanto podiam participar pessoas que pertenciam às mais ilustres famílias locais, como também escravos e libertos e que atuavam como proprietários, mão-de-obra disponível ou encarregados pelas oficinas.¹¹¹

Segundo Becatti, Ostia não produzia apenas tijolos e telhas (*lateres*), mas também cerâmica comum de mesa e de dispensa. Produziam vasos, copos, pratos, recipientes de cozinha e ânforas dos mais diversos tamanhos. Produziram também exemplos mais finos de utensílios em terracota, *síglatta italica*, constituídos principalmente por elegantes copos e pratos na cor vermelha. No fundo interno de um dos copos é legível a marca de fabrica de *Sestio Annio Afro de Arezzo*, centro máximo da produção da *síglatta italica* entre os anos 10 a.C. e 10 d.C.. As oficinas, como muitas outras das principais fábricas de Arezzo, estabeleceram filiais (controladas por escravos libertos) na Itália ou nas províncias e uma dessas sucursais estava

¹¹¹ MEIGGS, Russel. *Roman Ostia. Op.Cit.*, p. 81.

estabelecida em Ostia, de cujo porto os produtos eram levados à grande corrente do comércio mediterrâneo. Na época dos Severos, em Ostia se produziam também lamparinas de terracota para iluminação à óleo, destacando-se a oficina de *Annio Serapiodoro*.¹¹²

Notamos porém em Ostia duas categorias de ambientes de trabalho cujas funções não deixam quaisquer dúvidas: os fornos para fabricação do pão e as *fullonicas*. Em Ostia, é documentada uma associação de padeiros, *Corpus Pistorum* e são notados dois grandes panifícios localizados em duas ruas importantes e centrais: a *Via dei Cippi* e a *Via dei Molini*. Catherine Virlouvet afirma que eram edifícios de grandes dimensões suficientes para suprir às necessidades locais e o funcionamento destes panifícios estava garantido pela abundante quantidade de grãos estocados nos armazéns ostienses e continuamente reabastecidos pelas provisões que chegavam pelo mar.

No panifício de *Semita dei Cippi*, a entrada era feita por um ingresso entre duas series de lojas de revenda. Depois havia um pátio estreito e um vasto ambiente com pilastras onde ficavam os dois moinhos, destinados a amassar os grãos. Feita a massa, as mesmas eram colocadas para cozinhar nos fornos existentes no mesmo local.

A *fullonica*, onde trabalhavam os *fullones* ou *fontani*, como informa a epigrafia da corporação deles, era uma espécie de lavanderia e tinturaria. Em Ostia, conhecem-se quatro e duas delas são de grande dimensões, situadas na *via della Fullonica* e na *via degli Augustali*, respectivamente. A principal, a da *via degli Augustali*, era um grande ambiente de quatro lados com pilares que sustentavam a cobertura e todo o espaço no centro era ocupado por quatro grandes tanques para a lavagem dos tecidos e dispostos lado a lado. A água pendente, passava de um tanque para outro mediante tubos de chumbo inseridos nos muros divisórios. Em um espaço lateral, com outros

¹¹² CALZA, G - BECATTI, G. *Ostia*. Roma: Istituto Polégrafico dello Stato, 1949, p. 27.

tanques menores, era feito o tingimento de tecidos, que depois eram colocados para secar ao sol.¹¹³

Fausto Zevi afirma que apesar das escavações realizadas até agora, grande parte da estrutura mais profunda da vida produtiva de Ostia continua ainda oculta. Não foram encontrados, por exemplo, os arsenais nos quais se construíam e reparavam os navios, nem os instrumentos utilizados nesta tarefa. Acredita-se estarem localizadas próximo ao porto fluvial do rio Tibre, ao norte da cidade, junto à Praça das Corporações. Esta região nunca foi escavada, mas provavelmente a associação dos *Fabri Navales*, ali construiu suas instalações.¹¹⁴

2.8 – A população humilde de Ostia e suas atividades

Os mais pobres (*humiliores*) para obter mais proteção, tem necessidade de entrar e fazer parte de associações de cunho religioso, funerário, de mútuo socorro e profissional. Entram para associações das mais diversas categorias profissionais como de carpinteiros, tintores, barqueiros, ferreiros, operários, artífices, lanaioli, padeiros, condutores de mulas, tecelões, balseiros e ourives. Os mais importantes são aqueles freqüentados por membros ligados com funções de pública utilidade ou com cargos relacionados com a distribuição e controle da *annona*.

Depois de sua transformação de base de guerra naval em porto imperial de primeira ordem, à Ostia começam a chegar libertos imperiais enviados por Roma para executar tarefas de interesse do “Estado”, principalmente aquelas relacionadas às funções de distribuição da *annona*. A estes, depois se juntaram muitos mercadores que chegavam à cidade de várias partes do império para cuidar de seus interesses, os armadores de frotas mercantis das províncias (Roma possuía somente uma marinha de guerra e era privada de frota comercial ou para passageiros) interessados no

¹¹³ AUGENTI, E.D. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica. Op. Cit.*, p. 21.

¹¹⁴ ZEVI, F. *Notizie degli Scavi di Antichità. Ostia - Piazzale delle Corporazioni. Op.Cit.*, p. 37

transporte de exportação de mercadorias em direção à capital e os estrangeiros (*peregrini*), como pessoas da comunidade egípcia e judia que encontraram em Ostia motivos fortes para se estabelecerem em caráter definitivo.

Também havia uma considerável população em trânsito temporário de vários lugares como viajantes que partiram do porto, soldados em trânsito para expedições militares no Médio Oriente e na África Setentrional e membros da corte imperial que embarcavam para localidades distantes nos confins do mundo romano.

Em suma, operadores portuários, comerciantes, funcionários imperiais provocam um grande incremento populacional ostiense determinando o aumento da construção de *insulae* (edifícios de aluguel com vários andares de apartamentos), densamente povoados e destinados à plebe urbana.

Os descendentes libertos, naturalmente eram ainda mais numerosos nas magistraturas inferiores, contudo um grande número deles ascenderam aos cargos no conselho dos decuriões.

A vida política local aparece, no II século d. C., mais ativa e articulada, o governo não estava mais nas mãos de um único grupo social e não era possível conseguir um duradouro monopólio de poder, sendo cada vez menos frequente o caso da reeleição ao *diunvirato*. Esta tendência parece ter sido reforçada no período compreendido entre a metade do II e metade do III séculos d. C. Após a época de Adriano, quando começaram a aparecer os primeiros sinais da crise, cresceram as dificuldades das famílias da aristocracia local. Os representantes de algumas dessas famílias não participavam mais de todas as magistraturas e, além disso, entre os eleitos aos cargos máximos (incluindo o *diunvirato*), achavam-se sempre em maior número os homens novos, em grande parte descendentes dos libertos.

Outros personagens desta mesma categoria, sem tradição familiar, ricos e importantes nas hierarquias internas das associações comerciais e de ofícios, tornam-

se também decuriões em Ostia e foram acolhidos na ordem equestre que, junto com a ordem senatorial, eram a classe política dirigente do “Estado romano”.¹¹⁵

Mesmo que nos II e III séculos d. C. fossem bem mais favoráveis a promoção de novas forças, os elementos que conseguiram ascender ao topo da escala social eram sempre uma pequena minoria. Existia um amplo quadro de camadas subalternas cuja natureza era bem diversa.

Através do estudo dos sobrenomes, pode-se realizar um perfil direto da proveniência étnica de um indivíduo. Deduziu-se que a maioria dos habitantes tinha sobrenome de origem latina. Tratava-se da grande massa da plebe, formada por muitas pessoas de nascimento e condições livre, cidadãos romanos que gozavam dos direitos civis e políticos, mas podiam encontrar-se em condições econômico-sociais muito diversas: em abastada independência ou sob a dependência de um patrono público ou privado.

Pouco mais de 40% dos sobrenomes eram de origem grega, na sua maioria. Em Roma 60% dos sobrenomes eram gregos. Ostia era um porto marítimo em contato com todo o Mediterrâneo e uma cidade culturalmente e socialmente aberta, atraía pessoas de todos o império e as amalgamava em seu interior com uma grande mistura linguística e social. Com a criação dos portos imperiais na foz do rio Tibre, gradualmente um número crescente de pessoas originárias das províncias se estabelece na cidade, principalmente os de língua grega.

De geração em geração, os elementos de proveniência estrangeira tenderam a dar aos filhos sobrenomes latinos, para permitir plena integração na sociedade e também para evitar algumas suspeitas sobre uma ascendência escrava. A presença permanente de estrangeiros na sociedade romana tinham duas principais e diversas causas: por um lado eram imigrantes de condição livre que decidiram estabelecer-se

¹¹⁵ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port. Op. Cit., passim.*

em Ostia e era quase sempre de natureza comercial,¹¹⁶ sendo também natural e percentualmente forte o número de pessoas das províncias com as quais eram tidas relações econômicas.¹¹⁷

A África setentrional legou à Ostia muitos imigrantes africanos e as inscrições mencionam representantes e administradores dos interesses de empresas comerciais ou de associações entre armadores de uma determinada cidade ou província, por exemplo um conhecido *Celílio*, “*curator dos navios de Cartago*”. Outros podiam ser comerciantes por eles próprios, sem ligação com alguma empresa comercial. Alguns desses homens de negócios estrangeiros que entravam inicialmente em contato com Ostia, acabavam se estabelecendo definitivamente na cidade, visando seus próprios interesses econômicos.

Não faltavam também estrangeiros provenientes da Gália e da Espanha, províncias que tinham antigas ligações com Ostia. A Grécia e os reinos helenísticos, anexados ao império, eram regiões das mais antigas culturas e delas provinham comerciantes, mas também muitos intelectuais como sofistas, médicos e educadores.

Quanto aos escravos, eram das mais variadas proveniências. A principal, era provavelmente representada pela guerra e pela conseqüente renda de prisioneiros como parte do botim. Os escravos eram comprados em leilões ou mediante negociação privada em praças especializadas para isso, como *Delo* na época da República, depois transportados por mar na Itália, onde o principal mercado de aquisição era Roma, o maior do Mediterrâneo. Ostia também era constantemente reabastecida de escravos cabendo para si uma cota consistente deste enorme afluxo desta particular “mercadoria” destinada à Roma.¹¹⁸

A esmagadora maioria do elemento grego no nome dos escravos e também dos libertos é bem atestado em Ostia (40% de nomes gregos contra 1,6% de nomes

¹¹⁶ Kevin Lynch explica que na cidade, em áreas residenciais, há uma mistura de camadas promovendo uma integração social. Cf. LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade*. Op. Cit., p. 57.

¹¹⁷ CHEVALIER, R. *Ostie Antique, Ville et Port*. Op. Cit., passim.

¹¹⁸ PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia*. Op. Cit., passim.

“bárbaros”, isto é, estranhos ao mundo greco-romano: semitas, egípcios, trácios, celtas, etc. Era também comum proprietários, principalmente aqueles que pertenciam às camadas cultas, darem nomes gregos aos escravos independentes de sua origem.

Esses escravos eram empregados em serviços domésticos, na produção artesanal e manufatureira, nos serviços portuários, nas *Horreae*, no transporte fluvial, nos fornos para a produção de pão e utensílios e nas *fullonicae*. Uma outra categoria privilegiada era constituída pelos escravos domésticos, cozinheiros e camareiras, mas também secretários, médicos, administradores, todos os cargos de confiança. Existiam de fato escravos da cidade, escravos do “Estado” e escravos da casa imperial. Em Ostia a *família pública*, composta de escravos e libertos da cidade, dispunham de uma associação própria, aos moldes das corporações de ofícios. Conservou-se um elenco epigráfico de 81 membros, entre os quais um *tabularius* (secretário ou arquivista) e dois *arkarii* (tesoureiro); os escravos públicos eram empregados sobretudo nos serviços administrativos e financeiros, sabiam ler e escrever, de certo recebiam um tratamento melhor do que aqueles reservados à grande massa dos trabalhadores livres.

Num grau mais elevado, encontravam-se os escravos imperiais. O papel de poder desses escravos e dos libertos, eram notáveis: cuidavam da gestão do palácio, do patrimônio, dos domínios do império e da administração do “Estado”. Em Ostia, esta particular categoria de funcionários e de empregados, estava encarregada de funções de vital importância no mecanismo do abastecimento.

Os libertos, de um modo geral, provinham de famílias de personagens ricos e influentes no campo comercial e financeiro, e tão logo ganhassem a liberdade, lançavam-se ao comércio com um grau sempre maior de autonomia. Esse tipo de liberto, em geral, representava o principal veículo de mobilidade social em Ostia que no II e III séculos d. C. atravessavam um crescimento no qual os aspectos comerciais e produtivos haviam tido um peso decisivo. Os libertos ocupavam com isso diversos setores da vida social.

Anexo do Capítulo 2

1 – Lista Alfabética dos Colégios profissionais de Ostia.

TERMO LATINO	TRADUÇÃO
acceptores	recebedores de impostos
argentarii	trabalhadores em prata, ourives
calcarii	caiero
centonarii	bombeiro
cisiani = cisiari	fabricantes ou condutores de carroça
nau. Infra pontem/S [umblicium] et V corp. nauigantes curatores nauium amnalium	os donos de navios fluviais
curatores nauium marinarum	donos de navios marítimos
dendrophori	“carregador de carvalho” (em geral carpinteiros)
domini maquam embaenitari fabri	desembargador de madeiras, de pedra ou de metais (a palavra é precedida por um adj.)
fabri nauales	carpinteiro de marinha
+ Portuenses abri tignarii	carpinteiro
familia publica	ajudante de administração
fontana	aguadeiro
importantes et negotiantes uinatii	importadores e negociantes de vinho
lenuncularii	barqueiros (sobre barcos)
pleromarii	marinheiros que navegavam sobre navios de carga
tabularii auxiliares/ii	marinheiros que navegavam nos navios tabelaria

TERMO LATINO	TRADUÇÃO
“ traiectus Luculli Lyntearii/lyntrarii mensores frumentarii(2)	atravessador medidor de trigo
“ adiuutores et acceptores nauticari	ajudantes recebedores
Portuenses mercatores frumentarii nauticarii	mercadores de navios de trigo
nauticularii	armadores ou barqueiros
Africani	da província da África
ex Africa lignarii	transportadores de madeira
Maris Hidriatici	do Adriático
naucicularii et negociantes quibus coire et aluno Tibetis nauigare concessão est	navegantes e comerciantes que têm autorização de se reunir e de navegar sobre o Tibre
negotiantes fori uinari ab urbe	negociantes de vinho de Roma
olearii	negociantes de óleo
pelliones (et Portuenses)	paleiro
piscutores propolae	pescadores e mercadores de peixes
et urinatores totius aluei Tibetis pistores + Portuenses	pescadores e mercadores de peixes
pleromarii	marinheiros de navios de carga
(corpus) V regionum colaiiae Ostiensis	(colégio) das Cinco regiões da colônia de Ostia/
restiones saburrarii + Portuenses	carregador de lastro
saccarii salarii	carregadores de sacos de sal
scapharii	mergulhadores
stupattores Portuenses tabularii	fabricante de estopa
togati a faro et de sacomario	advogados
Traiectus marmorariorum traiectus	carregadores de mármore

TERMO LATINO	TRADUÇÃO
togatensium	
unrinatores	mergulhadores
urinarii importatores negotiantes	importadores, grandes negociantes de vinho

Fonte: CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, pp.155-156.

2 – As Profissões de Ostia

TERMO LATINO	TRADUÇÃO
actor	administrador ator
agonista	atleta
arcarius	tesoureiro
architectus	arquiteto
calculator	contador
caupo	auberguista
cellarius	administrador/mordomo
coactor/argentarius	recebedor/controlador
dispensator	intendentes, tesoureiro
figlinator	ceramista
gladiator	gladiador
iuris consultus	jurisconsulto
machinator	engenheiro
marmorarius	marmorista
medica/medicus	médico
negotiator notaries?	Tabelião
officinator	mestre de obras de forno de terra cota
ornatrix	cabeleireiro
pantomius	ator de pantomima
pictor	pintor
plumbarius	trabalhador que manipulava chumbo
purpurarius	mercador de tecido de púrpura
rhetor	professor de retórica

TERMO LATINO	TRADUÇÃO
stipulator argenarius	aquele que estipula
strutor	padeiro
sutrix	sapateiro?
Uasclarius	fabricante de vasos de metal, ourives
uilicus	intendente

Fonte: CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port. Op. Cit.*, pp.158-159.

Capítulo 3: Signos e representações nos mosaicos da Praça das Corporações de Ofícios de Ostia

No terceiro capítulo buscaremos compreender os signos presentes nos mosaicos da Praça das Corporações de Ofícios da cidade de Ostia.¹¹⁹ Para tal empreitada seguimos as orientações de três autores, a saber: Martine Jolly, Roland Barthes e Giovanni Becatti.

Em primeiro lugar, de acordo com as premissas de Martine Joly, as imagens portam significados e transmitem mensagens aos seus espectadores. Portanto, aqueles homens que trabalhavam na Praça das Corporações em Ostia, bem como os transeuntes que lá passavam admiravam os mosaicos e decodificavam suas mensagens. As representações criadas pelos mosaístas do II século d. C. foram lidas por ostienses e comerciantes estrangeiros. Os signos contidos nos mosaicos transmitiram mensagens e portavam códigos compartilhados, principalmente, pelos grupos relacionados à navegação e comércio no Mediterrâneo, durante o Alto Império. Para Kevin Lynch o ambiente urbano é:

“(...) um meio de comunicação que exhibe símbolos explícitos e implícitos: bandeiras, cruces, sinais, janelas (...) Estes sinais fornecem-nos informações acerca da propriedade, do estatuto, da filiação em certos grupos, das funções ocultas, dos bens e serviços, do comportamento adequado e de muitas outras coisas que consideramos úteis e interessantes. (...) Estes sistemas de sinais ambientais são uma criação social e muitas vezes não são inteligíveis para os estranhos a determinada cultura (...)”¹²⁰

Em segundo lugar, o método elaborado por Roland Barthes nos ajudou a decodificar os signos presentes nos mosaicos. Barthes ensinou que devemos organizar o nosso *corpus* imagético – em nosso caso o catálogo contendo imagens

¹¹⁹ Segundo Kevin Lynch, a cidade expressa e reforça a sociedade: “(...) seus elementos críticos são o simbolismo, os significados culturais, a profundidade histórica e a forma tradicional.” Entendemos que as imagens e os mosaicos estão inseridos nessa rede simbólica. Cf. LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade*. *Op. Cit.*, p. 343.

¹²⁰ Adaptando a ideia de Lynch à pesquisa, nós compreendemos os mosaicos da Praça como uma forma de comunicação protagonizada pelos ostienses. Cf. LYNCH, K. *A Boa Forma da Cidade*. *Op. Cit.*, p. 135.

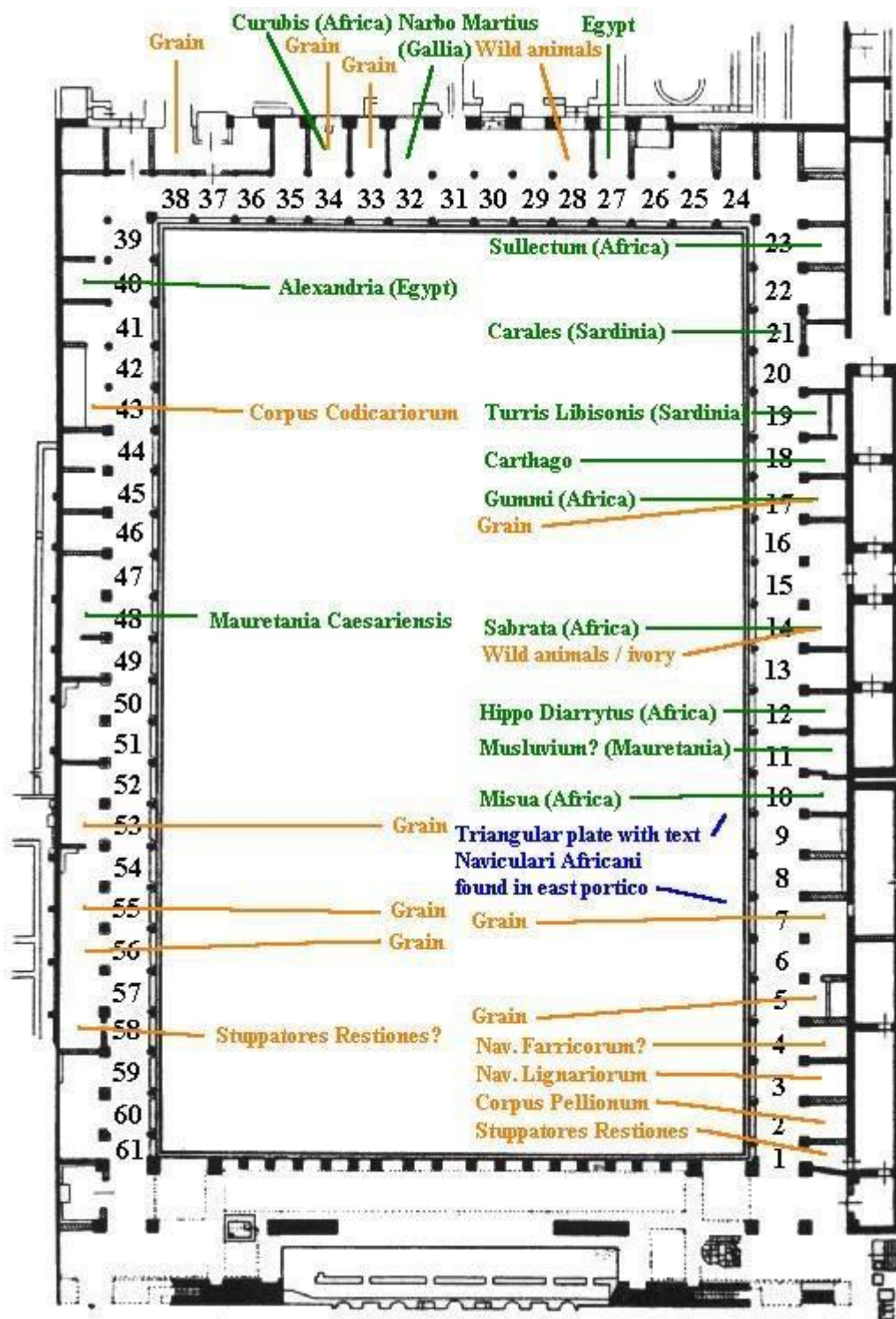
dos mosaicos – e, em seguida, passar do pictórico ao textual. A descrição das imagens é uma etapa fundamental no estudo das imagens. Barthes dava atenção aos signos que compunham uma determinada “imagem” e no presente capítulo iremos trabalhar justamente com a explicitação desses signos e com a noção de “mensagem icônica” forjada pelo sábio francês.¹²¹

Além de Joly e Barthes, nos apoiaremos na descrição dos mosaicos e dos *statios* apresentada por Giovani Becatti. Esse arqueólogo italiano organizou e publicizou, na rede mundial de computadores, um portal contendo plantas da cidade de Ostia e da Praça das Corporações.¹²² Adotamos aqui a orientação de Becatti na identificação dos *statios* e de seus respectivos mosaicos. A seguir apresentamos um esquema elaborado por ele com a enumeração dos escritórios em torno da Praça. Dessa forma, faremos o nosso trajeto seguindo a ordem proposta pelo especialista italiano, no sentido anti-horário.

¹²¹ Para Roland Barthes a “mensagem icônica” é composta por “significantes icônicos” de uma determinada imagem-mensagem. Cf. BARTHES, R. *Sistema da Moda*: São Paulo: USP, 1985; JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papyrus, 1994.

¹²² Site organizado por G. Becatti (<http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp.htm>), acessado em 10 de fevereiro de 2018.

Esquema representativo da Praça das Corporações proposto por G. Becatti



Antes de começarmos a nossa análise, seguindo a orientação de Becatti, devemos salientar que na Praça existiram sessenta e um (61) *statio*s. Contudo, não possuímos, com clareza, informações de todos eles e nem das atividades exercidas nos sessenta e um “escritórios”. Em alguns deles não sobreviveram vestígios de pavimentação, ou seja, não chegou até nós o piso, o mosaico. Cabe aqui apresentar alguns dados importantes sobre os mosaicos na Praça: 1 – dos 61 *statio*s, 43 possuem atualmente representações musivas; 2 – dos 43 mosaicos, 25 contém inscrições em latim;¹²³ 3 – 18 conjugam cenas e inscrições; 4 – 14 possuem somente signos pictóricos sem inscrições.

A respeito dos “signos” representados nos mosaicos, foram identificadas as seguintes temáticas: 1 – cenas com peixes-golfinhos (ao todo 19); 2 – naus (16 no total); 3 – atividades relacionadas com os grãos (16 imagens); 4 – farol (cerca de 8); 5 – entidades mitológicas (9); 6 – animais diversos (11); 7 – imagens relacionadas à prática da caça (3). Partiremos agora para identificar tais signos com as práticas e atividades exercidas no espaço da Praça.

A orientação de G. Becatti consiste em seguir a ordem dos *statio*s em um sentido anti-horário. O primeiro *statio*, portanto número 1 do esquema apresentado acima, possui mosaico com inscrição,¹²⁴ mas não há “imagens”, representações de “coisas” e nem de objetos. O local foi identificado como o de ocupação de comerciantes de linho e corda (cf. Catálogo da Tese, imagem 1). Percebe-se aqui o papel destacado desse ofício para o cenário econômico romano. As cordas utilizadas nas naus eram o alvo de preocupação desses comerciantes e os tecidos de linho eram utilizados na confecção das velas dos navios. A atividade da navegação era imprescindível para estabelecer as trocas e conexões no *mare nostrum* romano do período do Alto Império.

¹²³ As inscrições contidas nos mosaicos da Praça das Corporações de Ofícios de Óstia foram publicadas no CIL XIV, 4549.

¹²⁴ 1. c)LODIVS PRIMIGENIVS 2. cl)AVDIVS CRESCENS Q Q 3. STVPPATORES RES(tione)S

O segundo *statio* comporta somente inscrições.¹²⁵ Trata-se da “loja” de comerciantes de couro – os peleteiros. O terceiro escritório consiste, portanto, o primeiro com representação de signos icônicos: um farol ladeado por duas embarcações. Há também uma inscrição.¹²⁶ O *statio* pertencia aos *navicularii* (pequenas naus), armadores privados que forneciam uma tonelagem mínima para abastecer de alimentos a cidade de Roma, recebendo, por essas atividades, recompensas especiais dos imperadores romanos. Ambas são embarcações à velas.¹²⁷ O barco maior transporta a mercadoria e o menor descarrega para os armazéns no píer. Os signos do mosaico reforçam a prática da navegação e a preocupação constante do regime imperial romano com o abastecimento da capital (cereais e demais alimentos).

O quarto espaço era destinado ao comércio de grãos, só há uma inscrição danificada e não há “imagens”.¹²⁸ Já o quinto *statio* possui uma significativa representação: um homem agachado sobre suas pernas com um medidor de grãos e um *rutellum* (pequena pá).¹²⁹ O sexto mosaico, no piso do *statio* seguinte, só possui representações geométricas. Em compensação, o sétimo “escritório” tem em seu piso musivo um medidor de grãos – *modius* - e um *rutellum*. Podemos verificar que os primeiros *statios* à direita da Praça concentravam atividades relacionadas à importação de grãos e de alimentos para abastecimento da capital do Império. Essa preocupação é reiterada pelo altar à deusa Ceres no centro da Praça.¹³⁰ Comércio, navegação, atividades relacionadas à agricultura – cereais – e práticas religiosas encontram-se perfeitamente entrelaçados na Praça de Ostia.

¹²⁵ 1. CORPVS PEL 2. LION(um) OST(iensium) ET POR 3. TE(nsium) HIC

¹²⁶ NAVICVLARIORVM LIGNARIORVM

¹²⁷ PELLEGRINO, A. *Mosaici e Pavimenti di Ostia*. Edizioni Espera, 2017, p. 64.

¹²⁸ 1. N[avic]V(lariorum) [f]ARR[i]C(orum) ?

¹²⁹ O *rutellum* era uma pequena pá utilizada como instrumento de nivelamento dos grãos quando colocados no *modius* (recipiente de madeira ou metal usado como medida padrão para quantificar os grãos).

¹³⁰ Ceres consistia na deusa da agricultura e da fecundidade dos campos, divindade relacionada ao cultivo do trigo.

Continuando, no oitavo espaço não há vestígios de pisos. O nono *statio* possui a representação de dois golfinhos – signos mais representados nos mosaicos da Praça. Animais do meio aquático, os golfinhos são seres marinhos que acompanham as embarcações e frequentemente considerados “queridos” e bem próximo dos seres humanos, portanto dos navegantes.¹³¹ Os mamíferos são os filhos do mar.¹³² Eles são os mais velozes dos seres aquáticos e possuem uma natureza doce e amável, além dos casais viverem juntos (machos e fêmeas). Por isso, talvez, os mosaístas de Ostia os representarem quase sempre em dupla.

Bastante conhecidos no Mediterrâneo, os golfinhos povoam o imaginário de várias culturas antigas. Gregos, etruscos e romanos criaram relatos míticos usando esses mamíferos aquáticos. Homero, na *Iliada*, cantou que “*diante de um delfim os outros peixes fogem*”.¹³³ O *Hino Homérico I a Dioniso* relata justamente a prática da “pirataria” nos mares.¹³⁴ Dioniso é capturado por navegadores etruscos e a divindade da metamorfose os transforma em golfinhos. Tais animais são considerados os mais “inteligentes” dos mares. De acordo com o fabulista Esopo eles são amigos dos homens: havia golfinhos próximos ao Cabo Sounion – sul da Ática – e frequentemente eles salvavam navegadores prestes a morrerem afogados.¹³⁵ Para o imaginário latino, o golfinho era um ser aquático amável e bondoso.¹³⁶

O décimo *statio* possui um rico e belo mosaico, eis os signos representados nele: uma torre (ou medidor de grãos) ladeado por dois golfinhos, acima dois barcos à vela e inscrições.¹³⁷ A inscrição confirma comércio com o Norte da África, mais especificamente Misua, localizada a leste de Cartago. As naus aqui representadas são do tipo de grande porte à vela e remos, com grande capacidade de tonelagem para

¹³¹ ELLIEN. *A Personalidade dos Animais*, II, 6; STEBBINS, Eunice Burn. *The Dolphin in the literature and Art of Greece and Rome*. The George Benta Publishing Company, 1929, p. 1.

¹³² Aristóteles. *História dos Animais*, VIII, 2 (591 b); IX, 48 (631 a).

¹³³ HOMERO. *Iliada*, XXI, 22.

¹³⁴ HOMERO. *Hino Homérico a Dionisos*. I, 50-55.

¹³⁵ ESOPPO. *O Macaco e o Golfinho*.

¹³⁶ ELLIEN. *A Personalidade dos Animais*, VI, 15.

¹³⁷ I. NAVICVLARI MISVENSES HIC

suportar o maior número possível de ânforas e construídos especificamente para navegar no Mar Mediterrâneo.

No décimo primeiro *statio* vemos um mosaico com figuras mitológicas. De baixo para cima há dois golfinhos, *Amor* alado cavalgando um golfinho, duas representações de bustos femininos. Becatti tem dúvidas sobre essas faces femininas: verão, primavera ou outono? Poderiam ser signos da África e do comércio de grãos? As ideias de movimento – nado dos golfinhos – e mudança de estações – faces femininas com olhar frontal – chamam a atenção dos espectadores da cena. A concepção de comércio com a costa norte-africana em meses propícios para a navegação – a partir de agosto –¹³⁸ são bem explicitadas nessa representação musiva.¹³⁹

No *statio* seguinte, de número 12, há a representação de dois golfinhos. As inscrições indicam contato com os *navicularii* de Hippo Diarrytus (a oeste de Cartago?).¹⁴⁰ No mosaico seguinte não restaram vestígios no piso. Em compensação, no de número 14, vemos a representação de um elefante, animal do continente africano e importado para o Anfiteatro em Roma.¹⁴¹ De acordo com Aristóteles, o elefante era um animal selvagem, porém fácil de domesticar.¹⁴² Mais uma vez os contatos com o norte da África são registrados nos mosaicos da Praça das Corporações por meio de inscrições.¹⁴³ Uma nau à vela, de grande porte com velas e remos, orna o mosaico do *statio* 15. A inscrição confirma trocas comerciais.¹⁴⁴ No mosaico do escritório 16 só restou uma inscrição.¹⁴⁵

¹³⁸ REDDÉ, M. et GOLVIN, J.-Cl. *Voyages sur la Méditerranée Romaine*. Arles: Actes Sud/ Errance, 2016.

¹³⁹ Há a seguinte inscrição: 1. NAVICVLARI MV[s]LV[vit]A[ni] HIC ?

¹⁴⁰ 1. NAVICVLAR[i H(ippone)] DIARRY(to)? 1.]SIM C[

¹⁴¹ O comércio de marfim era um dos objetivos de comerciantes vindos de Sabratha. De acordo com o sábio romano Claudius Aelianus (Ellien), nativo da Palestina, os elefantes possuíam aptidões intelectuais e sensibilidade “artística”, possuíam espírito disciplinado, facilidade em adquirir conhecimento e era um animal imponente e selvagem. Cf. ELLIEN. *Personalidade dos Animais*, II, 11.

¹⁴² DHERBEY, Gilbert Romeyer. Les Animaux Familiers. In: CASSIN, B. et DHERBEY, G. R. (ed.) *L’Animal dans L’Antiquité*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrain, 1997, p. 144.

¹⁴³ 1. STAT SABRATENSIVM

¹⁴⁴ 1. NAVICVLAR ET NEGOTIAN DE SVO

¹⁴⁵ 1. NAVICVLARI ET NEGOTIANTES DE SVO

O *statio* 17 tem em seu piso representados um medidor de grãos e dois pequenos ramos (?). A inscrição confirma o comércio de grãos.¹⁴⁶ O mosaico 18 possui uma composição interessante: duas naus, um peixe, um pequeno barco (?) e talvez um farol (?). De acordo com G. Becatti trata-se dos *navicularii* de Cartago. Até agora constatamos que, pelo menos, oito *statio*s estão relacionados com os contatos comerciais norte-africanos.¹⁴⁷

No *statio* 19 verificamos a presença dos seguintes signos: medidor de grãos (?) e embarcação. Provavelmente, por meio da inscrição, trata-se de um “box” destinado aos carregadores de *Turris Libisonis* (Sardenha).¹⁴⁸ No seguinte, 20, verificamos vários signos no mosaico bem danificado: cão, cratera, cruces, naus (?), cavalo, mais um barco e cruz. As inscrições incompletas podem indicar, por exemplo, o vocativo do termo “cão”.¹⁴⁹ Apesar de estar bastante fragmentado, o mosaico faz alusão a um estilo de vida aristocrática. Cães de caça e cavalos remetem à ideia de uma vida de um rico e próspero proprietário de terras que diversifica sua riqueza por meio das práticas comerciais – signo do navio. A ideia de movimento, por meio das cruces, também aparece nesse mosaico.

O mosaico do *statio* 21 apresenta uma nau entre dois medidores de grãos. A inscrição informa que se trata dos *navicularii de Carales* (Cagliari, Sardenha).¹⁵⁰ A ilha, situada no Mediterrâneo Ocidental, era um outro centro produtor de cereais. Roma necessitava de maneira abundante de trigo não só para abastecimento de sua população, mas para alimentar soldados de suas legiões nas fronteiras. Percebemos, portanto, que essa área do Mediterrâneo Ocidental, composta pelo norte da África e Sardenha, criou uma rede de trocas e contatos entre comerciantes com seus produtos.

O mosaico do *statio* 22 está dividido em duas partes: a primeira possui como signos um ramo ladeado por dois golfinhos. A segunda, na parte de trás do escritório,

¹⁴⁶ 1. NAVICVLARI GVMMITANI DE SVO

¹⁴⁷ Inscrição no *statio* 18: 1. NAVICVL KARTHAG DE SVO

¹⁴⁸ 1. NAVIC TVRRITANI

¹⁴⁹ a. PVLVNE (vocative of name of dog?) b. SIMPLICI c. CRESCES d. AVRE(lius) e. VRSAV

¹⁵⁰ 1. NAVICVL ET NEGOTIANTES 2. KARALITANI

um farol – provavelmente alusão ao de Ostia – e dois golfinhos. A inscrição encontra-se danificada. Contudo, tais representações nos remetem sempre à esfera da navegação e ao imaginário antigo acerca do mar. Tal imaginário é reiterado no mosaico do *statio* 23, vejamos o esquema pictórico dele: acima um farol e mais abaixo dois tipos de naus; um polvo entre dois golfinhos. Becatti informa que esse *statio* pertencia aos *navicularii* de *Sullectum* (África, *Byzacium*).¹⁵¹ Na esfera da caça, o polvo é um animal que possui *métis* (astúcia). Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne ao lerem as obras de Opiano (autor do século II d. C.) identificaram o polvo como um animal aquático imerso na esfera da caça. Ele é um molusco marinho que possui a *métis* – astúcia e inteligência prática.

*Opiano compara-o a um desses ladrões que saem à noite para pegar uma presa de surpresa. O polvo é inapreensível: sua mekhané permiti-lhe confundir-se com a pedra em que ele se fixa. Apto a modelar-se perfeitamente no corpo que ele apreende, sabe também imitar a cor dos seres e das coisas de que se aproxima.*¹⁵²

A mensagem icônica composta por “polvo + golfinhos” nesse mosaico nos remete às concepções que os autores antigos possuíam de certos animais. Tanto o polvo quanto o delfim possuem “inteligência” e podem ser comparados a homens e a deuses. O aspecto que mais aproxima esses dois seres aquáticos é a metamorfose, a transformação. Tais noções em um ambiente aquático, mais especificamente marinho, possibilitam criar teias e laços que aproximam muitos dos homens e das mulheres que trabalhavam na Praça de Ostia. Os artesãos mosaístas escolherem esses dois signos para sintetizar aspectos relacionados aos ofícios de navegadores e trabalhadores das docas, *Horreae* e escritórios de comércio. Astúcia, inteligência prática e metamorfose são ideias desse “mundo” marítimo do Mediterrâneo Ocidental romano.

Não há registro de piso com mosaico no escritório 24. No 25 há uma cena que representa a transferência de produtos (ânforas) de um navio para o outro e há um golfinho acompanhando a atividade. Esse tipo de ação era bastante comum em Ostia,

¹⁵¹ 1. N F (NE(gotiantes)? N(aviculariis) F(eliciter)?) 2. [navic]VLARI SYLLECTI[ni]

¹⁵² DETIENNE, M. e VERNANT, J.-P. *Métis. As Astúcias da Inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008 (1974), p. 43.

em virtude de naus maiores transferirem para embarcações menores ânforas e demais produtos. Os dois portos de Ostia estavam interligados com o rio Tibre, portanto uma navegação fluvial, com naus menores. O mosaico 26 tem como única imagem o farol. Entretanto o de número 27 possui uma riqueza de detalhes. Destacam-se os seguintes signos: dois golfinhos; rio com navio/ponte; delta com três embocaduras; dois arcos como estrutura. Becatti pensa que o mosaísta poderia estar fazendo alusão ao Tibre ou ao rio Nilo no Egito. A província romana, controlada diretamente pelos imperadores, era rica em cereais e “exportar” animais ferozes. O mosaico 28 possui três animais selvagens: elefante, cervo e javali. De acordo com os arqueólogos, os statio 26, 27 e 28 estavam conectados.

Não há sinais de vestígios dos *statios* 29 a 31. O de número 32 já apresenta novos e interessantes signos: uma nau e torre, além de uma espécie de guindaste e um golfinho.¹⁵³ A máquina para transferir produtos de uma nau para o porto ou armazém é um sinal da complexidade da atividade mercantil em Ostia. Havia todo um aparato – porto, docas, armazéns, “máquinas”, ferramentas de trabalho – para o desembarque de alimentos, bem como a transferência para naus menores poderem navegar pelo Tibre e chegarem à Roma. Não foi à toa que o artesão representou também um golfinho acompanhando a cena; esse mamífero, desde a Antiguidade greco-romana é reconhecido como amigo e leal aos navegantes, além de possuir uma inteligência aguçada. Ferramentas e “máquinas” que incrementam o trabalho dos estivadores possuem uma relação com a astúcia de um golfinho.

No *statio* 33 três signos aparecem: medidor de grãos, *rutellum* e ânfora – provavelmente relacionados ao comércio de cereais. No de número 34 o signo de medidor de grãos aparece combinado com dois golfinhos. Trata-se também do comércio de grãos feito pelos *navicularii* da colônia *Iulia Curubis* (Kurba, Tunisia).¹⁵⁴ No de 35 há um golfinho fragmentado e um farol. Aliás esse esquema pictórico –

¹⁵³ Inscrição do *statio* 32: 1.]NARBONENSES

¹⁵⁴ 1. S(tatio) N(egotiatorum) F(rumentariorum) C(oloniae) C(urbitanae) 1. NAVICVLARI CVRBITANI D(e) S(uo)

golfinho + farol – é constante nos mosaicos da Praça. Essa mensagem reiterada pelos mosaístas expressa a ideia de astúcia e inteligência relacionada às práticas marítimas, de navegação e de comércio.

Nos *statio*s 36 e 37 não há representações pictóricas possíveis de serem analisadas.¹⁵⁵ O 38 apresenta a mensagem composta pelos seguintes signos: dois medidores de grãos e um *rutellum*. De acordo com os arqueólogos ocorreu uma restauração desse mosaico durante o período cristão do Império, provavelmente século IV d.¹⁵⁶ C. No “box” 39 não há vestígios musivos. O 40 possui uma inscrição.¹⁵⁷ Não há representação também no 41. Nos escritórios 42 e 43 restaram somente inscrições¹⁵⁸. Não há signos no escritório 44.

Duas naus foram representadas no *statio* 45. E no 46 um farol acima com duas embarcações em um segundo plano e, por fim, um golfinho. Mais uma vez aqui presentes signos que reforçam a vocação da Praça e da cidade de Ostia: navegação-comércio. No escritório de número 47, mais uma vez, o sintagma da navegação aparece com duas naus e um ramo representados. O *statio* seguinte, 48, apresenta um esquema novo: uma ânfora entre duas palmeiras e abaixo três tipos diferentes de peixes. A inscrição no piso sugere trocas com os comerciantes de *Mauretania Caesariensis* (Algeria).¹⁵⁹ Lembremos que nessa área o comércio de *garum* era bastante desenvolvido.

O mar é evocado no mosaico 49. Nereida está montada em uma criatura marinha, abaixo dela um farol entre duas embarcações. Nereida é filha de Nereu – o “velho”, o “benfazejo” – divindade marinha. Diferente de Netuno, Nereu é uma divindade dócil, porém tem o poder de se metamorfosear. Nereu pode se transformar, por exemplo, em golfinho. O tema da filha de Nereu continua no mosaico seguinte.

¹⁵⁵ No *statio* 37 há uma inscrição fragmentada: 1. F FV

¹⁵⁶ No *statio* 38 há uma inscrição: a. S(tatio) C(orporis) F(rumentariorum) (or: F(eliciter)?) b. PE(trus?) (destroyed)

¹⁵⁷ 1. [naviculariorum ale]XANDRIN[orum]

¹⁵⁸ Inscrição do *statio* 42: 1. curatores n]AVIVM D[e suo? 2. N; Inscrição do *statio* 43: 1. c]ODICARI DE SVO

¹⁵⁹ 1. M(auretania) C(aesariensis)

Nereida nesses dois mosaicos apresenta-se como um ser híbrido – humano-divino e montada em uma criatura marinha. Mais uma vez o aspecto da metamorfose aqui se apresenta no contexto marinho.

Os *statio* 51 e 52 conjugam um esquema musivo: duas naus transportando ânforas e dois golfinhos. Em um nível mais abaixo, do *statio* 52, há uma cena de caça, com a representação do caçador e um touro. Esse nível foi datado da época de Claudio (século I d. C.). Becatti salienta que não pode ser considerado uma temática de comércio. Percebemos, dessa forma, que após alguns séculos de ocupação, os mosaístas da Praça começaram a diversificar as temáticas representadas.

O *statio* 53 possui dois níveis: o primeiro tem como signo o medidor de grãos e, no nível inferior, Nereida montando um cavalo marinho e acima deles dois golfinhos. Giovani Becatti situa esse mosaico na época claudiana (século I d. C.). Provavelmente nessa época os mosaístas tiveram mais “liberdade” para diversificar os signos e propuseram signos e seres mitológicos. Contudo, permanece o imaginário antigo acerca das divindades e entidades marinhas (Nereida, Nereu, Netuno e golfinhos).

O *statio* 54 é composto por duas naus – na parte da frente – e signos geométricos – na parte detrás do “box”. O de número 55, situado na época claudiana, tem um medidor de grãos, um *retullum* e um navio representados. Atrás, constata-se o mesmo esquema arquitetônico do *statio* anterior, mosaicos geométricos.¹⁶⁰ O seguinte, de número 56, possui em seu piso um medidor de grãos com três ramos.

No *statio* 57, no nível mais abaixo, datado da época de Claudio, há a representação de Ártemis e de um cervo. Becatti descarta a possibilidade de interpreta-lo como um mosaico com temática comercial. Provavelmente os artesãos aqui puderam ter uma liberdade maior de escolhas e representar o mundo do campo, dos bosques e da caça.

¹⁶⁰ Inscrição do *statio* 55: 1.]O M S[

O nosso último mosaico com representações é o de número 58. Em um nível acima há motivos geométricos. Contudo, no nível mais abaixo, da época claudiana, há um pente duplo (linho ?).¹⁶¹ Há ainda a seguinte inscrição: S(tuppatores) R(estiones) ? Os últimos statios – 59 a 61 – não deixaram qualquer tipo de vestígios musivos.

Concluimos, portanto, que a maioria dos signos representados nos mosaicos dos pisos dos *statios* da Praça das Corporações fazia alusão à navegação comercial marítima e uma preocupação constante com o abastecimento de trigo. Os signos *modius* e *rutellum* dialogavam com a monumentalidade no centro da Praça que era o templo de Ceres. A representação de navios, animais exóticos (elefantes) e trabalhadores com seus instrumentos e maquinário específicos reiteravam os contatos e conexões entre Roma/Ostia com suas províncias. A população ostiense era marcada por uma diversidade cultural, mas a organização de espaços específicos de convivência cotidiana, possibilitou uma integração entre grupos e famílias criando lugares de memória e compartilhando ideias, signos e significados próprios de uma cidade aberta para o mar e suas atividades comerciais.

¹⁶¹ Inscrição do statio 58: 1. S(tuppatores) R(estiones) ?

V – Conclusão

Analisando os marcos espaciais da cidade/porto de Ostia Antiga, podemos constatar que existiam vários indicativos de um desenvolvimento urbano criado especificamente para dar suporte e agilidade as práticas de comércio marítimo, principal atividade econômica ali desenvolvida. Além da Praça das Corporações de Ofício, considerado o marco mais importante não só pela arquitetura imponente mas, principalmente, pela simbologia e significado das imagens dos mosaicos, Ostia viu surgir e crescer quarteirões inteiros com variados armazéns/depósitos (*horrea*), como também sedes de inúmeras corporações, edificações voltadas para alojar trabalhadores específicos (*insulae*), oficinas e lojas voltadas para o intenso comércio, docas, estaleiros e mercados, instalações portuárias, ancoradouros, canteiros de obras voltados para a construção e reparação de navios de pequenos e grande porte, além de santuários dedicados à divindades ligadas ao comércio e a navegação.

A grande maioria dos trabalhadores estava em maior ou menor escala envolvidos no comércio marítimo, já que a economia da cidade girava em torno desta atividade. Quer fosse um rico banqueiro, um poderoso construtor de navios, um simples estivador ou um mergulhador contratado para resgatar no fundo do mar uma mercadoria naufragada, essas duas partes opostas estavam unidas e articuladas dentro de uma logística que permitia criar uma infraestrutura eficiente capaz de dar respaldo às ações de comércio e trabalho.

Ostia criou uma poderosa base e um espaço relevante para as relações de negócios existindo ali conexões importantes além do mundo sob o domínio romano e articulado através de uma rede espacial e política, vide os contatos sociais e econômicos que abriram um imenso horizonte unindo portos em torno do Mar Mediterrâneo e estreitando laços de integração entre homens de negócios influentes no comércio marítimo provincial e as elites locais

A cidade apareceu como um universo único e atípico, porta de entrada de estrangeiros e seus produtos, representando o mundo romano aberto para o Mediterrâneo. Ostia se torna um ponto de convergência porque armazena e depois redistribui alimentos, produtos manufaturados e matérias-primas para Roma e todo o seu império.

O desenvolvimento urbano e o crescimento da cidade são resultados diretos da ampliação das relações de comércio entre Roma e suas província. Neste aspecto, chama a atenção a intervenção imperial em construções de grande porte como os portos de Cláudio e Trajano, a Grande Horrea como o maior depósito de grãos atribuída à Comodus e a própria base original da Praça das Corporações, realizada na época de Augusto e fazendo parte de um complexo arquitetônico que incluía o teatro.

A Praça das Corporações intercalada em seus “staios” o espaço dos poderosos locais e o espaço dos influentes negociantes das províncias mediterrâneas do mundo romano, estreitando através de relações de comércio, os vínculos criados por Roma e sua política de dominação imperial. O afluxo intenso de mercadorias e pessoas ditou normas de comportamento baseadas na aceitação, assimilação e conveniência entre diferentes entidades, dividindo e equilibrando espaços entre “o eu e o outro”. Ostia recria e une mundos desiguais integralizando em direção a um bem comum.

A praça é um recorte espacial significativo porque homenageia e marca o lugar dos trabalhadores de Ostia e suas províncias. As imagens dos mosaicos permitem um olhar diferente e inovador em relação a um cotidiano específico e característico da cidade. É um texto ilustrativo imóvel que, a partir de sua decodificação de símbolos, recriam vidas e ações de pessoas, objetos, navios, divindades, criaturas marinhas, produtos e comércio, relatos de momentos fixados na história e para a história, muito além de seu tempo e espaço.

Cada navio que chegava ou partia do porto de Ostia, traçava rotas de comércio mas, simbolicamente também ligavam espaços distintos e de diferentes pessoas. É o mar que, ao mesmo tempo, separa e une. Os mosaicos da Praça das Corporações

lembram que o mar é infinito, assim como a memória e a história também são. E mostram também que, além de Roma, havia uma outra cidade que o tempo não quer esquecer, eternizada pelas mãos dos artesãos que criaram os mosaicos de uma Praça de comércio que não se sabe exatamente se com a intenção específica de marcar o cotidiano dos trabalhadores da cidade e, ao mesmo tempo, lembrar para gerações futuras o papel daquele espaço visto também como integração e convergência de lugares e pessoas diversas.

Ao optar por *Ostia Antica* como objeto de pesquisa e os mosaicos da Praça das Corporações como recorte espacial específico, a intenção foi evidenciar não só a importância do estudo de imagens para entender melhor aspectos inovadores relativos à Antiguidade, como também inserir uma cidade pouco estudada pela historiografia brasileira relativa à análise da arquitetura e do urbanismo no Império Romano.

VI – Bibliografia

1. Documentação Textual

ARISTOTE. *Histoire des Animaux*. Tome III. Trad. Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

CÍCERO. *Da República*. Trad. Amador Cisneiros. São Paulo: Edipro, 1995.

ELLIEN. *La Personalité des Animaux*. Trad. Arnaud Zucker. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

VITRUVIO, Marco Lúcio. *Los diez libros de arquitectura*. Trad. Augustin Blánquez. Barcelona: Ibéria, 1995.

2. Documentação Epigráfica

MOMMSEN, T. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. XIV. Berlim, 1863.

3. Documentação Arqueológica

Notizie degli Scavi di Antichità. Ostia Saggi di Scavo. Fausto Zévi e Ingrid Pohl.

Accademia Nazionale dei Licei, anno CCCLXVII, I Supplemento, série Ottava, volume XXIV, 1970.

Notizie degli Scavi di Antichità. Ostia (Latium et Compania). Fausto Zévi. Regione I, Accademia Nazionale dei Licei, anno CCCLXIX, série Ottava, volume XXVI, 1972.

4. História de Óstia

AUGENTI, Ennio Domenico. *Gente dell'Antica Ostia: una ricerca epigrafica*. Roma: Arbor Sapientiae, 2016.

BEARD, M. *SPQR: uma história de Roma*. São Paulo: Planeta, 2017.

CALZA, G - BECATTI, G. *Ostia*. Roma: Istituto Polégrafico dello Stato, 1949.

CARCOPINO, Jérôme. *Virgile et les origines d'Ostie*. Paris: PUF, 1968.

CÉBEILLAC, Mireille. *Quelques inscriptions inédites d'Ostie, de la république à l'empire*. Mefra, Tome 83 - 1971 - 1. Pág. 39 - 125.

_____. Ostie et le blé au II siècle ap. J.-C. *Actes du Colloque International Organisé par le Centre Jean Bérard et L'URA 994 du CNRS*. Naples-Rome: Centre Jean Bérard - École Française de Rome, 1994, pp. 47-59.

CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

COARELLI, F. Saturnino, Ostia e L'Annona. Il Controllo e L'Organizzazione del Commercio del Grano tra II e I secolo a. C. *Actes du Colloque International Organisé par le Centre Jean Bérard et L'URA 994 du CNRS*. Naples-Rome: Centre Jean Bérard - École Française de Rome, 1994, pp. 35-46.

DESCOEUDRES, J.-P. (org) *Ostia: port et porte de la Rome Antique*. Genève: Musée Rath, 2001.

HERMANSEN, Gustav. The Stuppatores and their Guild in Ostia. *American Journal of Archaeology vol. 86 - no. 1*. Washington, 1982, pp. 121-126.

MEIGSS, R. *Roman Ostia*. London: Oxford, 1960.

PAVOLINI, C. *La Vita Quotidiana a Ostia*. Roma: Laterza, 1989.

PELLEGRINO, A. *Mosaici e Pavimenti di Ostia*. Edizioni Espera, 2017.

SCOCCA, L. Nuovi Elementi per l'Interpretazione del Caseggiato del Larario a Ostia. *Archeologia Classica*, 1994, vol. 46.

ZÉVI, A.G. and CLARIDGE, A. *Roman Ostia Revisited*. London; British School at Rome, 1996.

ZÉVI, Fausto. P. *Lucilio Gamala Senior e i quattro tempietti di Ostia*. Mefra, Rome, *EFR*. Tome 85 - 1973 - 2. pp. 555-581.

5. História econômica e história de Roma

ANDRÉ, J.-M. et BAZLEZ, M.-F. *Voyager dans l'Antiquité*. Paris: Fayard, 1993.

ANDREAU, Jean. Vingt Ans Après L'Économie Antique de Moses Finley. *Annales numéro 50*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1995.

- CARDOSO, C.F. *Economia e sociedade antigas: conceitos e debates*. Clássica. Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, CNPq/Finep, Vol. 1, 1988.
- DA SILVA, Gilvan Ventura e MENDES, Norma Musco. *Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. RJ: Mauad/Edufes, 2006.
- DE SALVO, LIETTA. *Economia privata e pubblici servizi nell' Impero Romano: I corpora Naviculariorum*. Messina: KLEIO, 1992.
- FINLEY, Moses. *A economia antiga*. Porto: Afrontamento, 1976.
- GIARDINA, A. e PESANDO, F. *Roma Caput Mundi*. Milano: Electa, 2012.
- GARNSEY, P. and SALLER, T. *The Roman Empire, economy, society and culture*. London: Duck worth, 1987.
- GREENE, Kevin. *The archaeology of the roman economy*. London: Batsford, 1986.
- GUARINELLO, N.L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HOPKINS, K. *Trade in the ancient economy*. London: Hogarth Press, 1983.
- HOPKINS, K. *Taxes and trade in the Roman empire*. The journal of Roman studies, vol. LXX.
- JACQUES, François et Scheid, François. *Rome et l'intégration de l'Empire*, 44 av. J.C. 260 ap. I.C. Tome I. *Les structures de l'empire romain*. Paris: PUF, 1990. (Nouvelle Clio, l'Histoire et ses problèmes).
- JONES, A.H.M. *The roman economy (Studies in Ancient Economic and administrative history)*. Oxford: Blackwell, 1974.
- MACMULLEN, R. *Les rapports entre les classes sociales dans l'Empire romaine*. Paris: Seus, 1974.
- MALISSARD, A. *Les Romains et la Mer*. Paris: Les Belles Lettres, 2012.
- MENDES, N. M. *Sistema político do império romano do ocidente: um modelo de colapso*. RJ: Faperj/DPA, 2002.
- REDDÉ, M. et GOLVIN, J.-Cl. *Voyages sur la Méditerranée Romaine*. Arles: Actes Sud/ Errance, 2016.

ROMAN, Yves. *Rome, de Romulus à Constantin: histoire d'une première mondialisation*. Paris: Payot, 2016.

ROWLADS, M. et alli. *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

STEBBINS, Eunice Burn. *The Dolphin in the literature and Art of Greece and Rome*. The George Benta Publishing Company, 1929.

VIRLOUVET, Catherine. *Tessera frumentaria: les procedures de la distribution du blé public à Rome*. Roma: École Française de Rome, 1995.

_____. *Le revitaillement em blé de Rome et des centres urbains des débuts de la republique jusqu'au haut impire*. Acttes du Colloque International. Naples/ Rome: Centre Jean Berard/ École Française de Rome, 1994.

WOOLF, G. *Roma : a história de um Império*. São Paulo: Cultrix, 2017.

6. Urbanismo

ANTOLINI, A. et BONELLO, Y.H. *Les villes du désir*. Paris: Galilée, 1994.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Col. A).

CALLIGARIS, Contardo. *Elogio da cidade*. In: Pechman, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. RJ. UFRJ, 1994.

LINCH, Kevin. *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2015 (1981).

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Col. A).

7. Instrumental

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: USP, 1985.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. *Pugilato na África Romana: análise de um discurso musivo*. *Phoenix*, 14, 2008.

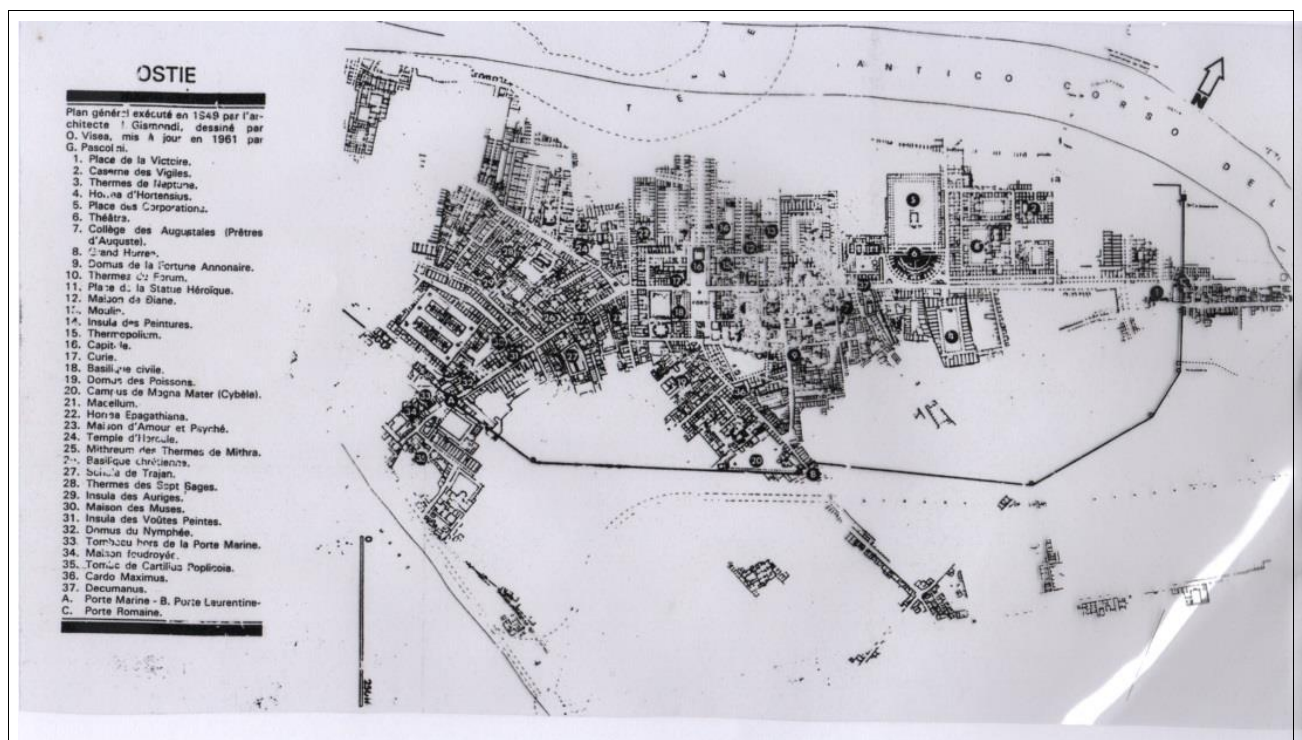
DETIENNE, M. e VERNANT, J.-P. *Métis. As Astúcias da Inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008 (1974).

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papirus, 1994.

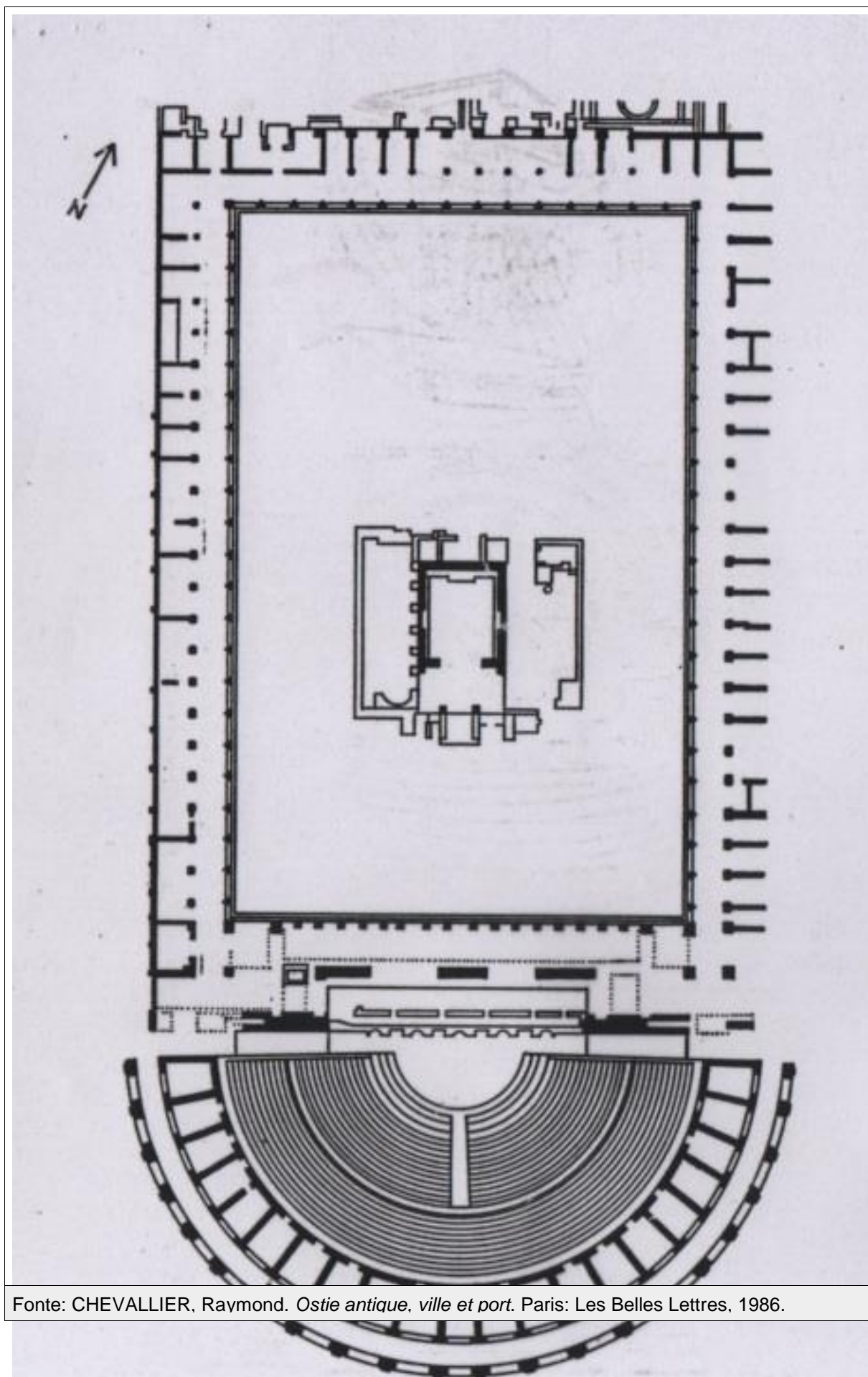
VII – Anexos

ANEXO I

MAPA DE OSTIA E PLANTA DA PRAÇA DAS CORPORAÇÕES

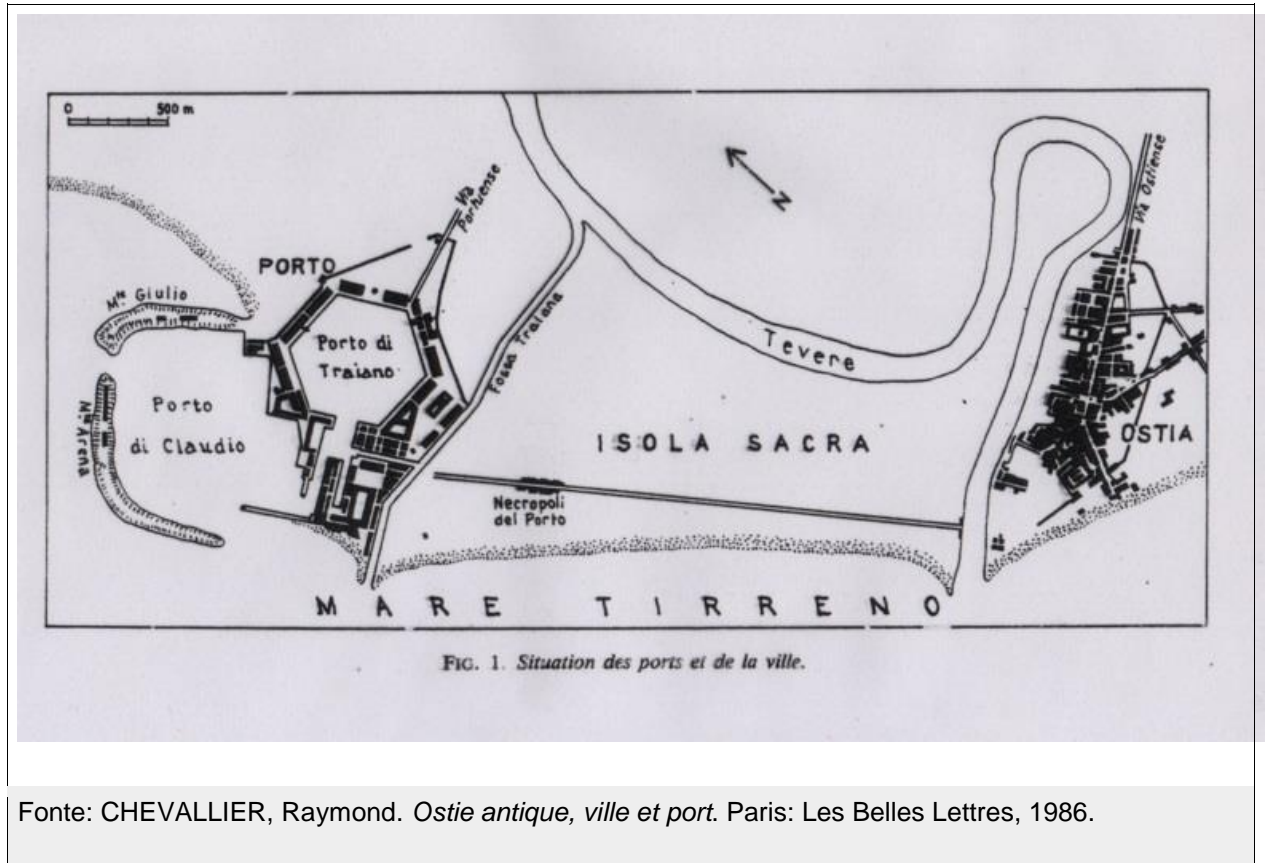


Fonte: CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.



Fonte: CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

FIG. 31. Théâtre et place des corporations



Fonte: CHEVALLIER, Raymond. *Ostie antique, ville et port*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

VIII – Catálogo de mosaicos da Praça das Corporações de Ofício em Ostia

O catálogo foi organizado por fichas contendo as fotografias dos mosaicos e dados acerca dos 61 statios que compunham a Praça das Corporações de Ofício em Ostia.

Ao todo foram construídos 61 statios, porém os arqueólogos só conseguiram identificar e recuperar 56 mosaicos, portanto cinco perdidos. As fichas elaboradas informam a temática do mosaico, as dimensões do statio, inscrições, datação,¹⁶² proveniência da fotografia (bibliografia) e observações. A elaboração do catálogo torna-se essencial para a análise das imagens contidas nos mosaicos. De acordo com Roland Barthes, a descrição é uma etapa fundamental para a análise da imagem. Após a constituição do corpus imagético, o pesquisador deve transformar signos e imagens em texto para assim prosseguir na etapa da pesquisa: a análise dos signos. A partir de nosso catálogo de mosaicos pudemos explorar os diversos signos elaborados pelos artesãos da cidade de Ostia e relacioná-los com as práticas de navegação, de comércio e de circulação de bens do Império Romano durante o Alto Império.

¹⁶² Alguns mosaicos datam da época claudiana, século I d. C., outros do século II, cerca de 180-192 d. C. época de Comodo. A maioria dos mosaicos foram confeccionados nessa última fase.

STATIO 1



temática do mosaico	Sem tema definido
dimensão do statio	2,5x2,5 m
descrição	Mosaico em preto e branco com inscrições
inscrição	CIL XIV, 4549, 1: ****LODIVS PRIMIGENIVS ****AVDIVS CRESCENS Q Q STVPPATORES RES(tione)S
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp01.jpg
observações	Comércio de linho e corda

STATIO 2



temática do mosaico	Sem tema definido
dimensão do statio	2,5x2,5 m
descrição	Mosaico em preto e branco com inscrições
inscrição	CIL XIV, 4549, 2: CORPVS PEL LION(um) OST(iensium) ET POR TE(nsium) HIC
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp02.jpg
observações	Comércio de couro e peles

STATIO 3



temática do mosaico	navios que transportam madeira.
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	A imagem mostra a imagem de dois navios: um maior e outro menor. O farol de Ostia no meio. O barco maior transporta a mercadoria e o menor e o q descarrega para os armazéns no píer. Os navios eram diferentes (maior e menor), trabalhadores também. Nota-se que o mosaico está incompleto, sem a parte de baixo. Mosaico central, com grande moldura geométrica ladeando a figura e inscrição na parte superior.
inscrição	CIL XIV, 4549, 3: NAVICVLARIVM LIGNARIVM
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp03-1.jpg
observações	Comércio de madeira.

TATIO 4



temática do mosaico	Sem tema definido
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 4: N[avic]V(lariorum) [f]ARR[i]C(orum) ?
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp04-1.jpg
observações	Comércio de grãos

STATIO 5



tematica do mosaico	trabalhador especializado na atividade de controle de quantidade de grãos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	homem com medidor de grãos e rutellum
inscrição	CIL XIV, 4549, 3: NAVICVLARIORVM LIGNARIORVM
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp05-1.jpg
observações	Grãos – abastecimento de “trigo”

STATIO 6



tematica do mosaico	Motivos geométricos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp06.jpg
observações	Desenhos geométricos.

STATIO 7



tematica do mosaico	Controle da quantidade de grãos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Medidor de grãos e rutellum
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp07.jpg
observações	Grãos – abastecimento de “trigo”

STATIO 8	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 9



temática do mosaico	Signos do meio marinho
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Dois golfinhos
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp09.jpg
observações	

STATIO 10



temática do mosaico	Ambiente marinho – naus
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	dois navios - dois golfinhos – medidor de grãos ou torre? - Dois peixes e ondas do mar
inscrição	CIL XIV, 4549, 10: NAVICVLARI MISVENSES HIC
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp10-3.jpg
observações	navicularii Misuenses (Misua estava situado ao leste de Carthago).

STATIO 11



temática do mosaico	Mosaico com temática de mitologia e ambiente marinho
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Representação de natureza relativa ao mar com ondas, dois peixes (serpente marinha) iguais, um a frente do outro, e um terceiro com a figura mitológica de Netuno. As duas imagens acima, também em um contexto mitológico, se referem provavelmente, às estações do ano. Moldura delimitando o mosaico. As musas das estações estão delimitadas por círculos. Uma imagem fora da moldura indeterminada.
inscrição	NAVISVIARTMV***
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	http://www.ia-ostiaantica.org/news/ostia-africana/
observações	Provavelmente um mosaico externo, proveniente de Musluvium, na Mauritânia, norte da África

STATIO 12



temática do mosaico	Animais aquáticos (meio marinho)
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição de artefatos	Dois golfinhos
inscrição	CIL XIV, 4549, 12: NAVICVLAR[um] H[ippone] DIARRY[us] e]SIM C[
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto: foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp12-1.jpg
observações	Navicularii de Hippo Diarrytus, a oeste de Carthago

STATIO 13	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição de artefatos	
inscrição	
datação do mosaico	
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 14



temática do mosaico	Elefante
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Elefante entre duas árvores
inscrição	CIL XIV, 4549, 14: STAT SABRATENSIVM
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp14-3.jpg
observações	Comerciantes de Sabrata (Líbia) animais selvagens / marfim.

STATIO 15



tematica do mosaico	Navio
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Navio de grande porte com velas e remos
inscrição	CIL XIV, 4549, 15: NAVICVLAR ET DE NEGOTIAN SVO
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp15.jpg
observações	

STATIO 16



temática do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 16: NAVICVLARI ET NEGOTIANTES DE SVO
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp16.jpg
observações	

STATIO 17



tematica do mosaico	Utensílio próprio para medir grãos – trigo/ fertilidade
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	medidor de grãos - dois ramos pequenos. Modius com três pés e duas alças
inscrição	CIL XIV, 4549, 17: NAVICVLARI GVMMITANI DE SVO
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp17-1.jpg
observações	cereais; navicularii de Gummi; duas cidades na África foram chamados Gummi: um perto de Carthago, um em Byzacium.

STATIO 18



tematica do mosaico	Navegação marítima com carga
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	dois navios - um peixe - um pequeno barco - farol?
inscrição	CIL XIV, 4549, 18: NAVICVL KARTHAG DE SVO
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp18-1.jpg
observações	navicularii de Carthago.

STATIO 19



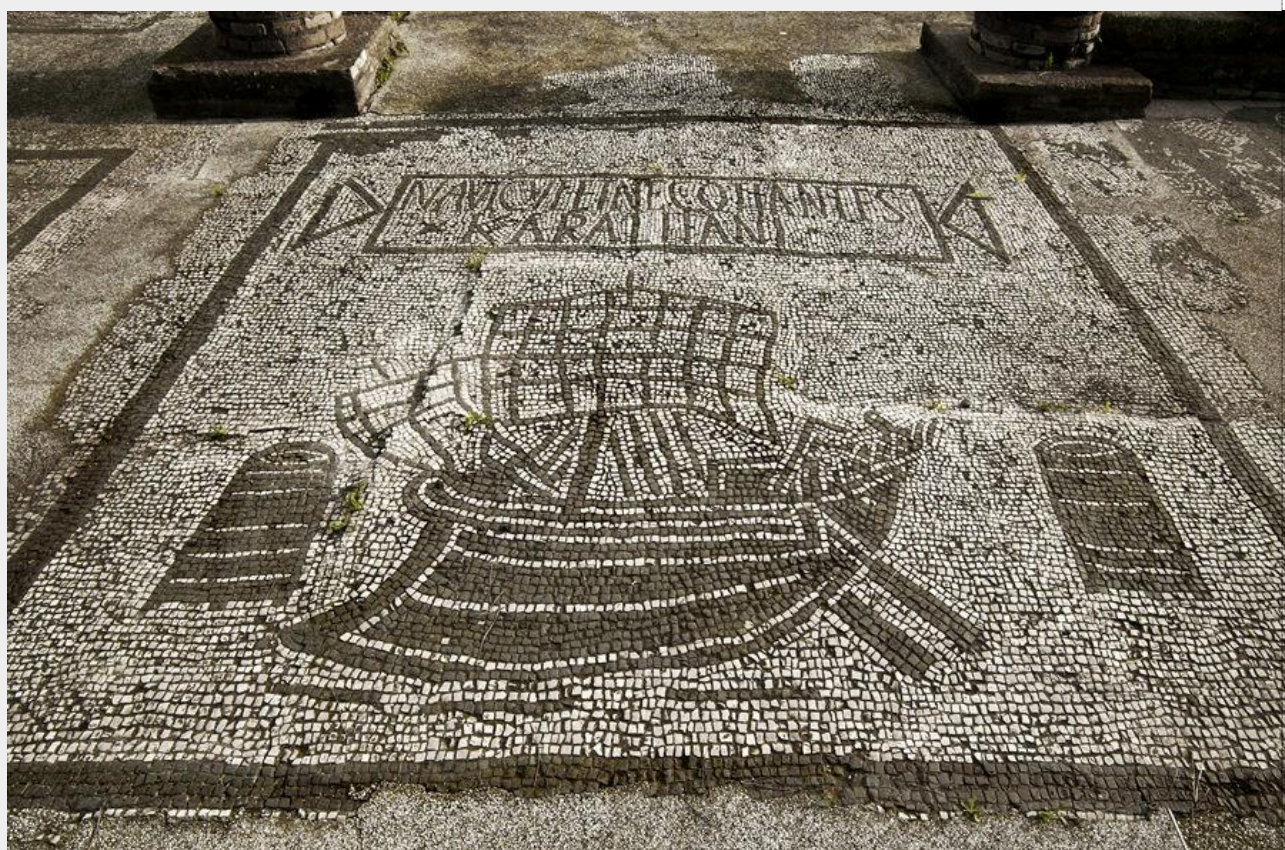
tematica do mosaico	Navegação marítima com carga
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Embarcação e modius (?)
inscrição	CIL XIV, 4549, 19: NAVIC TVRRITANI
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp19.jpg
observações	provavelmente carregadores de Libisonis Turris (Porto Torres, Sardenha)

STATIO 20



tematica do mosaico	Caça (?)
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Cão, cavalo, cratera, cruces, pequeno navio
inscrição	<p>CIL XIV, 4549, 20, a-e:</p> <p>a. PVLVNE (vocativo do nome do cão?); mosaico de cão.</p> <p>b. SIMPLICI; mosaico: cratera - cruces - pequeno navio - incompreensíveis (navios?)</p> <p>c. CRESCES; mosaico de cavalo.</p> <p>d. AVRE(lius).</p> <p>e. VRSAV; mosaico: Navio - cruz. .</p>
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp20-1.jpg
observações	

STATIO 21



tematica do mosaico	Navegação marítima e fecundidade (trigo)
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Navio – dois medidores de grãos
inscrição	CIL XIV, 4549, 21: NAVICVL ET NEGOTIANTES KARALITANI
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp21.jpg
observações	Comércio de cereais; navicularii de Carales (Cagliari, Sardenha).

STATIO 22



temática do mosaico	Meio marinho com golfinhos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Parte da frente: pequeno ramo - dois golfinhos; Parte traseira: dois golfinhos - farol.
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp22-2.jpg
observações	

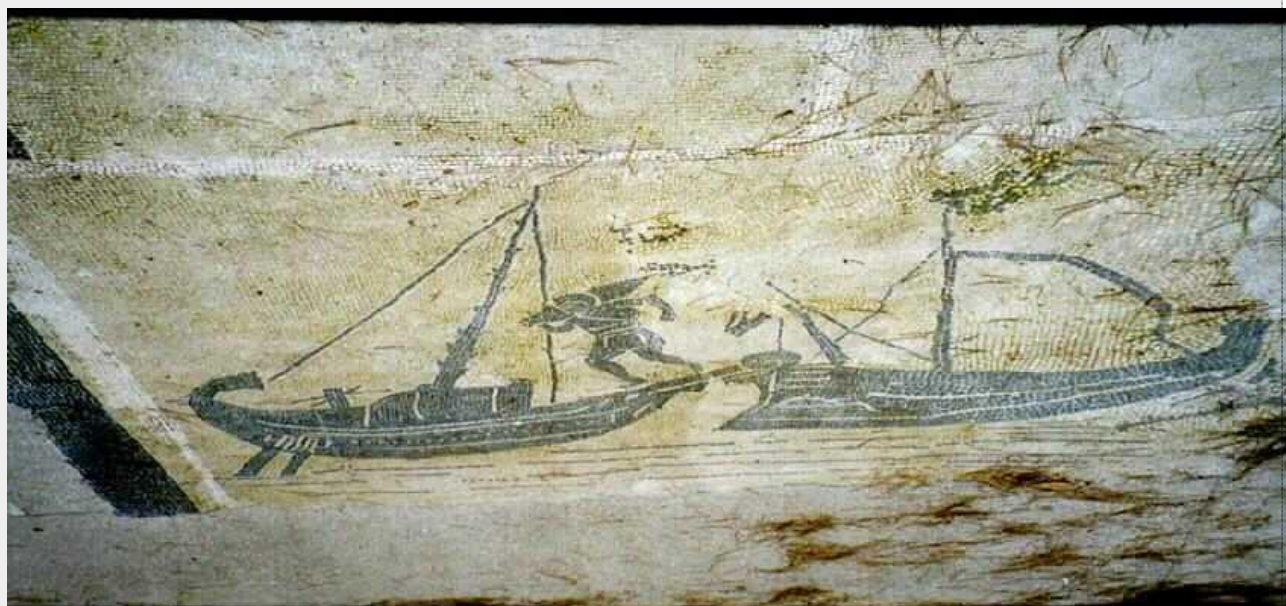
STATIO 23



temática do mosaico	Naus em contexto de navegação costeira – porto (farol)
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Farol - dois navios - dois golfinhos - polvo.
inscrição	CIL XIV, 4549, 23: 1. N F (NE(gotiantes)? N(aviculariis) F(eliciter)?) 2. [navic]VLARI SYLLECTI[ni]
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp23-1.jpg
observações	Comércio de <i>navicularii</i> de Sullectum (África, Byzacium).

STATIO 24	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 25



temática do mosaico	Descarregamento no porto
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	transferência de carga (ânforas) a partir de um navio para outro - golfinho.
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp25-1.jpg
observações	

STATIO 26



temática do mosaico	Signos geométricos e farol
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	farol
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp59.jpg
observações	

STATIO 27



temática do mosaico	Ambientes marinho e fluvial
dimensão do statio	
descrição	Retratando o rio Tibre ou, mais provavelmente o rio Nilo. Dois golfinhos - rio com o navio-ponte - delta com três bocas - duas estruturas tipo arco
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp27-1.jpg
observações	Egito. Comércio de grãos e animais selvagens.

STATIO 28



temática do mosaico	Animais "exóticos" e de caça
dimensão do statio	
descrição	Elefante - cervo - javali.
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp28-0.jpg
observações	Comércio de animais selvagens; provavelmente originalmente ligado com o statio anterior, e com o statio 26.

STATIO 29-30-31	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 32



temática do mosaico	Descarregamento de mercadorias no porto
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Navio - Torre/ dispositivo de levantamento/ guindaste? - Delfim.
inscrição	CIL XIV, 4549, 32:]NARBONENSES
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp32-1.jpg
observações	Comerciantes de Narbo Martius (Galia). (NAVI é uma adição moderna)

STATIO 33



tematica do mosaico	Comércio de trigo / fecundidade
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Medidor de grãos - rutellum - ânfora
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp60.jpg
observações	Comércio de grãos.

STATIO 34





temática do mosaico	Comércio marítimo de grãos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Modius, dois golfinhos
inscrição	CIL XIV, 4549, 34: S(tatio) N(egotiatorum) F(rumentariorum) C(oloniae) C(urbitanae) e NAVICVLARI CVRBITANI D(e) S(uo)
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp34-2.jpg e http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp34-1.jpg
observações	Comércio de cereais; <i>navicularii</i> de Colonia Iulia Curubis (Kurba, Tunísia).

STATIO 35



temática do mosaico	Meio marinho e porto
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Golfinho - farol
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp61.jpg
observações	

STATIO 36	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 37



temática do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 37: F FV
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp62.jpg
observações	

STATIO 38



temática do mosaico	Comércio de trigo
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Dois medidores de grãos - rutellum
inscrição	CIL XIV, 4549, 38, a-b: a. S(tatio) C(orporis) F(rumentariorum) (or: F(eliciter)?) b. PE(trus?) (danificado)
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp38-1.jpg
observações	Comércio de cereais; Muito restaurada; Referência cristã?

STATIO 39	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Não há vestígios de mosaico/ inscrição
observações	

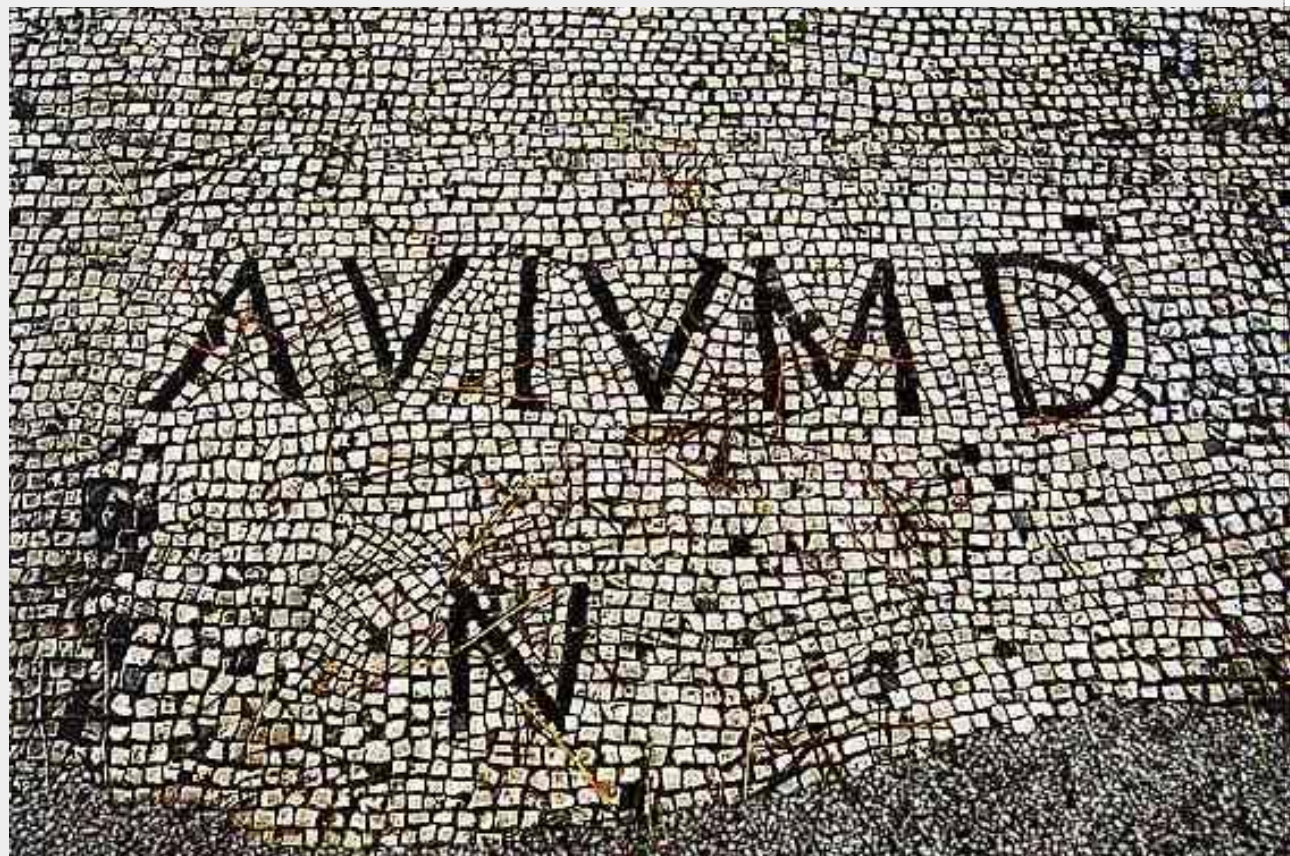
STATIO 40



tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	[naviculariorum ale] XANDRIN [orum]
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp40.jpg
observações	Navicularii de Alexandria – comércio de grãos

TATIO 41	
temática do mosaico	
dimensão do statio	
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 42



tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 42: curatores n]AVIVM D[e] suo? N
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp42.jpg
observações	

TATIO 43



tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 43: CJODICARI DE SVO
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp43.jpg
observações	Navios de pequeno porte próprios do rio Tibre

STATIO 44	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 45



temática do mosaico	Navegação/ comércio
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Dois navios
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp45.jpg
observações	

STATIO 46



temática do mosaico	Meio marinho/ porto
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Farol - dois navios - golfinho
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp46-1.jpg
observações	

STATIO 47





temática do mosaico	Navegação
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Dois navios - pequeno ramo
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp47-1.jpg http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp47-2.jpg
observações	

STATIO 48



temática do mosaico	Comércio de tâmara
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Duas tamareiras - anfora - três peixes.
inscrição	CIL XIV, 4549, 48: M(auretania) C(aesariensis)
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp48-1.jpg
observações	Comerciantes da Mauritânia Cesariense (Algeria)

STATIO 49



temática do mosaico	Ambiente e divindades marinhas
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Farol - dois navios - delfins; Nereida sentada em uma criatura marinha
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp49-1.jpg
observações	

STATIO 50



temática do mosaico	Divindades marinhas
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Nereida e criaturas marinhas
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp50.jpg
observações	

STATIO 51 e 52



tematica do mosaico	Comércio marítimo e seres aquáticos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Dois navios com ânforas - dois golfinhos.
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp51-1.jpg
observações	

STATIO 52 nível inferior.



tematica do mosaico	Caça
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Cena de caça (<i>venatio</i>): caçador, touro.
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp52-1.jpg
observações	Este mosaico está no nível claudiano e não pode referir-se a actividade comercial

STATIO 53



temática do mosaico	Comércio de trigo
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Medidor de grãos
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp53.jpg
observações	Comércio de grãos.

STATIO 53 nível inferior.



tematica do mosaico	Seres (divindades) marinhas e comércio de trigo
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Nereida - cavalo marinho - dois golfinhos.
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp53.jpg
observações	Este mosaico está no nível claudiano (século I d. C.)

STATIO 54



tematica do mosaico	Navegação/comércio
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Parte da frente: dois navios; parte traseira: desenho geométrico.
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp54.jpg
observações	

STATIO 55





temática do mosaico	Comércio de trigo
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Parte da frente: Medidor de grãos - rutellum - navio; parte traseira: design geométrico (idêntico ao 54).
inscrição	CIL XIV, 4549, 55:]O M S[
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp55-1.jpg e http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp55-2.jpg
observações	

STATIO 56



temática do mosaico	Comércio de trigo
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Medidor de grãos com três ramos.
inscrição	
datação do mosaico	Século II, cerca de 180-192 d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp56.jpg
observações	

STATIO 57	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição de artefatos	
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição

STATIO 57 nível inferior.



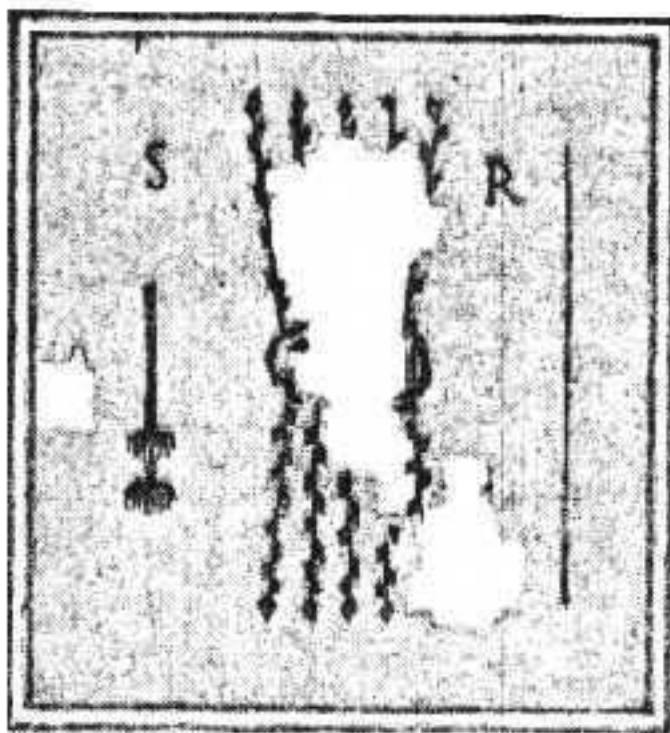
tematica do mosaico	Caça
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	Artemis - cervo.
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp57.jpg
observações	Este mosaico está no nível claudiano e não pode referir-se a actividade comercial.

STATIO 58



tematica do mosaico	Desenhos geométricos
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp63.jpg
observações	

STATIO 58 nível inferior.



temática do mosaico	Dois pentes, linho e?
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	CIL XIV, 4549, 58: S(tuppatores) R(estiones) ?
datação do mosaico	Século I d. C.
bibliografia	Foto disponível em: http://www.ostia-antica.org/piazzale/corp63.jpg
observações	Este mosaico está no nível claudiano

STATIO 59 - 60 - 61	
tematica do mosaico	
dimensão do statio	2,5x2,5m
descrição	
inscrição	
datação do mosaico	
bibliografia	
observações	Não há vestígios de mosaico/ inscrição